

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARTA KAWAMURA GONÇALVES

**MULHERES IDOSAS RESSIGNIFICAM O ENVELHECIMENTO -  
CONTRIBUIÇÕES DA EDUCOMUNICAÇÃO**

SÃO CARLOS – SP

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARTA KAWAMURA GONÇALVES

**MULHERES IDOSAS RESSIGNIFICAM O ENVELHECIMENTO -  
CONTRIBUIÇÕES DA EDUCOMUNICAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Educação para  
obtenção do título de mestre em  
Educação.

*Orientadora: Profa. Dra. Aida Victoria  
Garcia Montrone*

SÃO CARLOS – SP

2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

G635mi

Gonçalves, Marta Kawamura.

Mulheres idosas ressignificam o envelhecimento : contribuições da educomunicação / Marta Kawamura Gonçalves. -- São Carlos : UFSCar, 2013.

162 f.

Acompanha DVD.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2013.

1. Educação de adultos. 2. Práticas sociais e processos educativos. 3. Gravações de vídeo - produção e direção. 4. Mulheres idosas. 5. Educomunicação. I. Título.

CDD: 374 (20<sup>a</sup>)



Programa de Pós-Graduação em Educação  
Comissão Julgadora da Dissertação de mestrado de  
Marta Kawamura Gonçalves  
São Carlos 28/02/2013

**BANCA EXAMINADORA**

Profª. Drª. Aída Victória Garcia Montrone

Profª. Drª. Grácia Lopes Lima

Profª. Drª. Aline Sommerhalder

Three handwritten signatures are shown over three horizontal lines. The top signature is 'Marta', the middle is 'Grácia', and the bottom is 'Aline'.

Esta pesquisa foi desenvolvida na linha de  
pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos.



Para Reiko Kawamura, uma lutadora.

*Enquanto os leões não tiverem seus contadores  
de história, as histórias de caçada glorificarão  
os caçadores.*

Provérbio yorubano

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus Mãe, Senhora do novo tempo.

Agradeço às companheiras e companheiros de jornada, que contribuíram para que este trabalho fosse realizado:

Cida Chiquetano, Malú Pomponio, Zuleika Bartolomeu, Nilva Helena e Nilva Ferrari, pela confiança, pela alegria dos nossos encontros, por tudo que me ensinaram, e pelas importantes contribuições ao conhecimento científico, que se dispuseram a fornecer por meio deste trabalho;

Reynaldo Sorbille, meu grande apoiador, em cada projeto, em cada manhã, com quem desejo curtir uma velhice repleta de amor e alegria;

Aida Victoria, por acreditar no projeto, pela orientação paciente;

Petronilha B. Gonçalves, por tantos saberes que compartilhou, pela leitura cuidadosa do meu texto;

Grácia Lopes Lima, por cultivar a educomunicação com vigor e poesia, e pelas importantes contribuições a este trabalho;

Rosana Sorbille, pela valiosa ajuda na escritura deste texto;

Aline Sommerhalder, pelas conversas encorajadoras;

Michelle Marcelino, Gabriela Arguello, Débora Caroline, Yasmim Uehara, Helena Krisman, pelo apoio na oficina de vídeo;

Colegas do grupo de pesquisa, especialmente Vivian Parreira, Denise Martins, Claudia Foganholi e Débora Amaral, cujas práticas, escritas e conversas me trouxeram boa inspiração;

Venício Gonçalves, pela grande força nos bastidores;

Flávia Torunsky e Mônica Zailer, pela força no english;

Equipe do CRI Vera Lucia Pilla, pela acolhida;

Família Cala-boca já morreu, pela inspiração desde 2006;

Todas minhas irmãs e meus irmãos, por serem quem são, por iluminarem minha vida.

### **Apoios**

Este projeto contou com apoio da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e da Magma Filmes.

## RESUMO

No Brasil do início do século XXI, o processo de envelhecimento vem sendo pensado, vivenciado e representado como uma nova fase da vida, em que homens e mulheres podem construir novas identidades e projetos. A população idosa, estimulada pelo campo da gerontologia e por políticas públicas específicas, procura estabelecer novos espaços na sociedade que a exclui. Este tempo é também marcado pela digitalização e popularização das tecnologias de comunicação. Os meios para produzir e compartilhar conteúdos na rede mundial de computadores e em outros espaços, estão hoje mais acessíveis, o que contribui para o exercício da comunicação popular, para a expressão e para a integração de grupos socialmente excluídos. A educomunicação é um campo de saber e fazer que, promovendo educação por meio da produção coletiva de comunicação, possibilita que as pessoas envolvidas nesta prática desloquem-se da posição de espectadores para posição de autores de seus discursos. Neste contexto, é relevante compreender de que forma as novas possibilidades de fazer comunicação podem contribuir no processo de ressignificação do envelhecimento por parte da população idosa. Este estudo teve o objetivo de descrever como a prática de produção audiovisual esteve relacionada ao processo de ressignificação do envelhecimento, na vivência de cinco mulheres que participaram de uma oficina de vídeo, oferecida no Centro de Referência do Idoso Vera Lucia Pilla, em São Carlos (SP), cuja condução foi inspirada na metodologia *Cala-boca já morreu*, inserida na perspectiva da educomunicação. Trata-se de um estudo de caso, no qual os dados foram coletados por meio de observação participante, com registros em diário de campo e gravações em vídeo, no período compreendido entre abril e julho de 2012, durante as atividades da oficina. A análise dos dados foi feita com base em três categorias: *Ressignificando o envelhecimento*; *Co-laborando* e *Comunicando*. Os resultados mostraram que as participantes do grupo, que estão vivenciando seus processos de ressignificação da velhice, procuram a integração social e o convívio com outras pessoas idosas, o que as fortalece e encoraja. Elas sentem-se motivadas a aprender coisas novas, conhecer e reivindicar seus direitos de cidadania e lutar contra discriminações, por meio da construção de novas imagens do envelhecimento. Ressalta-se que a prática da educomunicação, fundamentalmente dialógica, contribuiu para que as mulheres experimentassem processos de autoria e co-autoria, passando a valorizar a colaboração, bem como, que utilizassem a comunicação audiovisual para refletirem e expressarem-se sobre o envelhecimento a partir de sua perspectiva de mulheres idosas. A produção coletiva de comunicação mostrou-se como possibilidade, ainda pouco explorada, de promover educação de pessoas idosas, que deve ser lembrada no planejamento de ações culturais para este público. Mostrou também que o emprego de tecnologias digitais não deve ser encarado como obstáculo para a promoção de atividades junto a esta população. O estudo traz contribuições para que educadores e gestores públicos reflitam sobre a importância de garantir às pessoas idosas o direito à educação, investindo em programas que promovam processos de autoria. Afinal, o tempo todo da vida, é tempo de aprender.

**Palavras-chave:** Processos Educativos, Produção de vídeo, Mulheres idosas, Educomunicação.

## ABSTRACT

In Brazil, *at the beginning of the 21st century*, the aging process has been understood, experienced and represented as a new stage of life, in which men and women can construct new identities and projects. The elderly population, motivated by gerontology professionals and by specific public policies, seeks to establish new space in the society from which they are usually excluded. This present time is also marked by the digitalization and broad access to communication technologies. The means to produce and to share contents *on* the word wide net and *in* other venues are nowadays more accessible. This contributes to the popular communication practices, to the expression and to the integration of socially excluded groups. Educommunication is a field of knowledge and practice, which promotes education through collective production of communication, allowing the involved people in this practice, to move from the position of observers to authors in their speeches. In this context it is relevant to understand in which ways the new possibilities of communication may contribute to giving new significance to the aging process for the elderly population. This study aimed to describe how the audiovisual production practice has been related to the process of re-defining the aging process through the experience of five women that took part in a video workshop, held at *Centro de Referencia do Idoso Vera Lucia Pilla (CRI)*, in the city of São Carlos, São Paulo, which was inspired by the methodology called *Cala-Boca Já Morreu* within an educommunication perspective. This is a case study in which data was collected through active observations recorded in a field diary and a video from April to July of 2012, during the workshop. The analysis was based on three categories: *Giving new significance to aging*, *Cooperating* and *Communicating*. The results show that the group participants seek social integration and co-existence with their peers, *what* encourages and what strengthens them. They feel motivated to learn new subjects, to become aware of and to claim their rights as citizens and to fight against discrimination through the construction of a new image of aging. It is noteworthy that the practice of educommunication contributed to their experience in the authored and co-authored process, giving value to collaboration as well as allowing them to make use of audiovisual communications in order to reflect and to express themselves about the aging process through the perspectives of elderly women. The collective production of communication has been shown as a possibility yet hardly explored to promote elderly education which should be considered in the new planning for cultural activities for this population. It was also shown that the application of digital technology should not be seen as an obstacle for the promotion of activities with this population. The study contributes for reflection of educators and public administrators about the importance to assure the right to education for elderly people, investing in programs that promote authorship processes. After all, each stage of life is a time for learning.

**Keywords:** Educational processes, Video production, Elderly women, Educommunication

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
Como cheguei a esta pesquisa .....	6
Apresentando o tema .....	8
Apresentando esta produção.....	11
I – TERRITÓRIO ACADÊMICO.....	12
Capítulo 1 - Pesquisar processos educativos.....	12
Capítulo 2 – Envelhecimento .....	16
Capítulo 3 - Processos Educativos e Comunicação.....	33
3.1 Práticas Sociais e Processos Educativos .....	33
3.2 Educação e os meios de comunicação.....	39
3.3 A prática social da educomunicação .....	44
II – ENCONTRO DOS TERRITÓRIOS .....	52
Capítulo 4 – Descrição do campo .....	52
4.1 - Os programas para a população idosa.....	52
4.2 - População idosa em São Carlos .....	56
4.3 - Centro de Referência do Idoso.....	57
4.4 - As participantes.....	58
Capítulo 5 – Metodologia de pesquisa .....	63
5.1 – Procedimentos de coleta de dados.....	64
5.2 - Procedimentos de análise .....	66
Capítulo 6 – Encontro de mulheres – descrição do caso estudo.....	70
III – DIÁLOGOS .....	86
Capítulo 7 - Resultados do estudo.....	86
7.1 Ressignificando o envelhecimento .....	86

7.2 Co-laborando .....	101
7.3 Comunicando .....	109
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES – O FIM É RECOMEÇO .....	121
REFERÊNCIAS .....	127
APÊNDICES .....	132
APÊNDICE A - ORDENAÇÃO DOS DADOS DO CENSO 2010 .....	133
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	135
APÊNDICE C - TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO .....	137
APÊNDICE D - ROTEIRO DO VÍDEO “ALÔ, GALERA! VAMOS LÁ!” .....	142
APÊNDICE E - LETRAS DAS PARÓDIAS .....	145
ANEXOS .....	149
ANEXO A - APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA .....	150
ANEXO B - LETRA DA PARÓDIA “XÔ, DORZINHA” .....	154
ANEXO C - PAUTA ENVIADA PELA PRODUÇÃO DO PROGRAMA CURTA TV ....	156
ANEXO D - CARTA MANIFESTO N. 01 COLETIVO DE VÍDEO POPULAR.....	158
ANEXO E - CORDEL DA REGULAMENTAÇÃO DA COMUNICAÇÃO .....	160

## **INTRODUÇÃO**

*Saiu o Semeador a semear  
Semeou o dia todo  
e a noite o apanhou ainda  
com as mãos cheias de sementes.*

*Ele semeava tranquilo  
sem pensar na colheita  
porque muito tinha colhido  
do que outros semearam (...)*

Cora Coralina

Início a apresentação deste trabalho situando-o em minha trajetória pessoal, a partir do entendimento de que a ciência se faz com o olhar do cientista. O fazer científico não é neutro, é embebido de subjetividade, é político e está situado no contexto social, cultural, político de seu tempo-espacó. Assim, não podemos apresentar a pesquisa ignorando o pesquisador. Ademais, a história de uma pesquisa não começa no primeiro mês do cronograma anunciado em seu projeto. Antes disso, o pesquisador percorre sua caminhada de estudo, experiência e interação com a vida, na qual vai conhecendo a si, vai formando visões de mundo, sentimentos, indagações e sonhos que lhe permitem elaborar uma pergunta. A pergunta coloca-nos em movimento em busca de uma compreensão mais aprofundada, e ao final do ciclo da pesquisa obtemos, além de uma resposta que pode nos satisfazer circunstancialmente, uma ninhada de novas perguntas a pedir novas investigações.

A pergunta que moveu esta pesquisa foi gestada no percurso que venho fazendo em minha vida enquanto mulher, cidadã, estudante e profissional do audiovisual. Ao olhar para esta história, não devo deixar de mencionar a vida política, concretizada em atuação no terceiro setor, no setor cultural, no movimento ambientalista e na educação ambiental popular, na participação em construção de políticas públicas de minha cidade. Tampouco posso desconsiderar as passagens voltadas ao autoconhecimento que vivenciei em diversas escolas e sigo praticando, que me permitem desenvolver outra natureza de pesquisa: a da espiritualidade.

Todos estes espaços coexistem e complementam-se em minha formação. Em cada qual encontro professores e professoras, pessoas com histórias e saberes diferentes dos meus e estas interações, que tenho a oportunidade de viver, representam novos aprendizados e oferecem novos elementos para que eu possa entender melhor o mundo que gira a meu redor e a humanidade da qual faço parte. Felizmente, neste exercício diário de conhecer a humanidade, além de sentir indignação e revolta, também sinto esperança e amor. Felizmente, aprendi que sou parte de um todo maior e, tudo de que preciso para ser e existir, busco e recebo de outras partes deste todo. Vejo a realização desta pesquisa como uma contribuição para nossa condição humana e a faço lembrando que na construção de novos conhecimentos, estou colhendo preciosos frutos das sementes que outros depositaram no solo com luta, suor e graça.

### **Como cheguei a esta pesquisa**

Minha motivação em pesquisar processos educativos na prática da educomunicação nasce do interesse em ver a sinergia na aproximação entre educação e comunicação como campos de fazer e saber. Minha vida profissional inicia-se na comunicação audiovisual e vai em direção ao campo da educação, no qual encontrei outras possibilidades de contribuir para a construção da sociedade mais humana, que desejo. Atualmente busco costurá-los em minha atuação e o mestrado vem ajudar neste sentido.

Durante o curso de graduação, em Comunicação – Imagem e Som no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade Federal de São Carlos, comecei a interessar-me pelas interfaces da comunicação audiovisual com a educação, questionando de que formas o fazer audiovisual poderia inserir-se na realidade brasileira de modo a contribuir para sua transformação, para a diminuição das injustiças sociais e da dominação cultural. Procurei conhecer experiências de alfabetização audiovisual e formação para a cidadania. Planejei programas de oficinas para adolescentes de São Carlos (SP), que vim a colocar em prática anos depois. Experiências em projetos correlatos no terceiro setor que se seguiram a este período, oficinas de vídeo que coordenei e o curso de formação em educomunicação que fiz em 2006, no Instituto Gens/Projeto Cala-boca já morreu, bem como os incentivos recebidos no ambiente dos

Coletivos Educadores<sup>1</sup>, vieram fortalecer meu interesse em aprofundar a compreensão sobre o tema.

Minha experiência educativa com pessoas idosas começa de forma acidental, por remanejamento de uma oficina em um projeto da Prefeitura Municipal de São Carlos. Considero interessante mencionar este primeiro contato, pois, a partir dele comprehendo o olhar de estranhamento de muitas pessoas para com a educação da população idosa. Antes de conhecer um programa para a *terceira idade*<sup>2</sup>, meu contato com pessoas idosas resumia-se às interações longínquas com meus falecidos avós e no contato mais próximo com minha mãe, que à época tinha sessenta e cinco anos, e começava a compartilhar comigo algumas reflexões sobre o envelhecimento. Uma coisa que eu já havia aprendido com ela era que, tratar a pessoa idosa como se ela fosse uma criancinha, é um gesto grosseiro e desrespeitoso. Ela costumava enfrentar isto em espaços comerciais e atendimentos de saúde.

Além disso, a única referência que eu tinha sobre um local para idosos vinha de uma amiga que costumava ir a asilos para contar histórias aos internos. Ela me contara que eles ficavam felizes com sua visita, pois viviam carentes de atenção. Eu imaginava um lugar triste e abandonado. A velhice significava para mim àquele tempo, dor física e doenças, tristeza, solidão. Portanto quando os agentes culturais da prefeitura informaram que eu iria levar minha oficina de vídeo para um centro de idosos, dentro da minha ignorância, perguntei-me: como seria possível ensinar audiovisual para pessoas idosas?

O local em questão era o Centro de Referência do Idoso Vera Lucia Pilla (CRI) e me surpreendi com o que vi, desde o primeiro dia, naquele espaço. Vi um lugar preenchido de energia, de vozes altas e risadas, músicas populares e muito calor humano. Senhoras risonhas e professores inventivos. Tudo muito alegre e vivo. Desde então e, ao longo dos últimos anos, minha compreensão deste universo vem mudando.

Os debates com minha mãe Reiko, que também conheceu o Vera Lucia Pilla e era uma pessoa inteligente e inquieta, aumentaram minha curiosidade. Reiko estava

---

<sup>1</sup> Coletivos Educadores de Educação Ambiental – redes constituídas por instituições, com educadores populares e educadores ambientais, que desenvolvem ou apoiam trabalhos nessa área e que se constituem em comunidades aprendentes. Um dos principais objetivos dos coletivos educadores é promover a formação de educadores(as) ambientais nos diferentes segmentos da sociedade, como, por exemplo, líderes comunitários e de pastorais, professores e técnicos de instituições públicas e privadas e organizações não governamentais.

<sup>2</sup> Institucionalmente o termo utilizado pelos responsáveis por tais programas para definir este público é “terceira idade”.

vivenciando seu processo de envelhecimento, havia se aposentado e queria ver a população idosa entrando no movimento ambientalista de São Carlos. Ela trazia para nossas conversas, as reflexões que fazia a partir de sua experiência pessoal. No ano seguinte, desenvolvi uma atividade da especialização em Educação Ambiental junto aos idosos do CRI. Depois voltei em 2010 e 2012 com oficinas de vídeo.

Foi assim que decidi buscar o aprofundamento das reflexões, sobre a relação das mulheres idosas com a comunicação audiovisual, voltando à academia e inserindo-me no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar), para contribuir na produção de conhecimento relativo ao campo da inter-relação entre comunicação e educação. Considero relevante refletir sobre essa inter-relação, vislumbrar conscientização onde há alienação, diálogo onde há comunicação autoritária, autoestima onde há autodepreciação.

As leituras e debates estimulados nas disciplinas do mestrado no PPGE/UFSCar, na linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, bem como as reuniões de orientação, coletivas e individuais, foram fundamentais para minha formação enquanto pesquisadora.

## **Apresentando o tema**

A pesquisa situa-se no contexto brasileiro atual, em que os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, valendo-se do forte poder de persuasão da linguagem audiovisual e inserindo-se em 97% dos lares brasileiros (IBGE, 2010), vem definindo valores e influenciando costumes.

A televisão comercial serve ao sistema socioeconômico vigente, cuja manutenção depende do acúmulo de capital e do constante movimento de consumo e descarte de bens materiais. Os meios de comunicação, mantidos pela venda de espaço para publicidade destes bens, ocupam papel central no estímulo ao consumo e prescrevem valores que favorecem à lógica deste sistema (CHAUÍ, 2005). Por meio deles se aprende a valorizar a competitividade acima da solidariedade, a aparência física acima de outras qualidades humanas, a velocidade acima da cadênci a e a juventude acima da experiência. Além disso, a obsolescência programada<sup>3</sup> dos produtos instala uma lógica em que o descarte

---

<sup>3</sup> Obsolescência programada é a decisão do produtor de propositalmente desenvolver, fabricar e distribuir um produto para consumo de forma que se torne obsoleto ou não-funcional especificamente para forçar o consumidor a comprar a nova geração do produto. <http://pt.wikipedia.org>. Consulta em 03/02/2013.

dos objetos passa a ser mais interessante do que sua manutenção, portanto, vamos acostumando-nos com a ideia de que as coisas não existem para durar, e não têm função de suporte material da memória. Pensando assim sobre as coisas, passa-se a pensar, por uma perversa analogia, as pessoas.

Os padrões de beleza ditados nestes meios, valorizam a mulher por seu corpo como objeto de uso, e desde que se apresente dentro de determinadas proporções físicas, de forma sensualizada, desvalorizando, por oposição, as mulheres que não se enquadram neste padrão estético, dentre as quais estão as idosas. De modo geral, a mulher é apresentada como objeto e o homem como sujeito do desejo sexual. Ainda se reforça a ideia de que o papel da mulher na sociedade é cuidar da casa e dos filhos e o papel do homem é ser um vencedor no mundo externo (WHITAKER, 1993). A consolidação de tais valores é um dos fatores responsáveis pela manutenção ou ampliação de desequilíbrios sociais e ambientais que negam uma vida de qualidade e plena para a humanidade (DUSSEL, 2003).

A população, de modo geral, não dispõe de espaços para expressar-se nestes meios comerciais, cujo controle está concentrado sob o poder de poucos grupos empresariais.

Entendemos, por outro lado, que a comunicação é um direito universal cujo exercício deve ser buscado nas mais diversas esferas sociais e que, fora da mídia comercial, a comunicação audiovisual pode ser utilizada em favor da dignidade humana, promovendo processos de conscientização, diálogo, informação e participação democrática. Esta perspectiva vem sendo praticada em grupos de educomunicação, coletivos de vídeo popular, oficinas culturais, coletivos de cultura independente, cineclubes, assim como em alguns canais públicos e educativos de televisão, canais comunitários, festivais e mostras.

Além destes, a internet, com sua possibilidade democrática, permite que grupos e indivíduos publiquem suas ideias e criações, articulem ações e colaborações.

Outros fatores relevantes, como a popularização do acesso à internet e a equipamentos de imagem e som, bem como a intensificação de iniciativas sociais e políticas culturais específicas, vêm permitindo que coletivos populares produzam e veiculem seus próprios conteúdos audiovisuais (TOLEDO, 2010).

De outro lado, percebe-se que a experiência do envelhecimento vem passando por mudanças com a conquista de direitos civis e atenção das políticas públicas para a população idosa. A permanência de programas voltados à terceira idade indica que pessoas idosas apresentam interesse em participar de espaços sociais, dialogar sobre suas questões e vivenciar novos aprendizados.

Assim, torna-se relevante compreender as possibilidades de relacionar a educação de pessoas idosas com a produção audiovisual, compreender como as mulheres idosas relacionam-se com a comunicação, o que aprendem e ensinam nesta relação, que significados atribuem a ela, entre outras questões.

Nesta perspectiva, o estudo de caso a seguir foi realizado com cinco mulheres do Centro de Referência do Idoso Vera Lucia Pilla (CRI), em São Carlos-SP, no sentido de compreender algumas relações possíveis entre a prática da produção coletiva de comunicação e o processo de ressignificação do envelhecimento vivenciado por mulheres idosas.

Aparecida Chiquetano, Maria Lúcia Pomponio, Nilva Ferrari, Nilva Helena e Zuleika Bartolomeu foram as participantes do estudo, com as quais construí observações, interpretações e compreensões dos processos vivenciados na prática do grupo.

Os autores em cujas reflexões baseei-me para desenvolver esta etapa o trabalho foram, principalmente, Guita Grin Debert (envelhecimento), Paulo Freire (educação) e Grácia Lopes Lima (educomunicação).

## **Apresentando esta produção**

Os produtos deste trabalho, que foi pesquisa e intervenção, simultâneas e integradas, são audiovisuais e textuais.

A parte audiovisual: o DVD encartado ao volume da dissertação contém os vídeos produzidos pelas participantes durante a oficina, bem como um vídeo de bastidores sobre a oficina na qual se realizou a pesquisa.

A parte textual da dissertação está dividida em três seções:

A primeira seção traz o referencial teórico em que me apoio, ou seja, as bases situadas no território acadêmico do qual parto para o estudo. Nela apresento reflexões sobre a pesquisa em educação, sobre o envelhecimento no contexto atual e sobre práticas sociais e processos educativos – relacionando-os à comunicação e à prática da produção de vídeos na perspectiva da educomunicação.

A segunda seção refere-se ao deslocamento para o campo, ao encontro com o território da terceira idade – o meu encontro com as mulheres idosas e o encontro delas com a produção audiovisual. Nesta seção apresento o envelhecimento no contexto de programas direcionados à terceira idade, a população idosa na cidade de São Carlos, a descrição do local e das participantes da pesquisa, a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados para coleta e análise de dados, e a descrição do caso estudado.

Na terceira seção apresento e discuto os resultados da pesquisa e coloco-os em diálogo com o referencial teórico. Esta parte está dividida segundo as categorias de análise que emergiram no processo: *Ressignificando o envelhecimento; Co-laborando e Comunicando*.

Ao final, teço algumas considerações, refletindo sobre os avanços que buscava e os que consegui alcançar por meio desta pesquisa, bem como, aponto novas questões formuladas a partir da mesma.

## I – TERRITÓRIO ACADÊMICO

### Capítulo 1 - Pesquisar processos educativos

Enquanto faço esta pesquisa, comprehendo que pesquisar é um processo que mistura as alegrias da descoberta e da criação, ao desconforto diante das dúvidas e questionamentos sobre nossas concepções. Trata-se de um labor artesanal que requer tempo de maturação, persistência e paciência. Pesquisamos para compreender o mundo e a humanidade nele inserida, para refletirmos sobre nossa cultura e nossas práxis<sup>4</sup>, para construir conhecimentos que atendam às necessidades coletivas e que nos permitam viver nossa existência no mundo.

Considero relevante refletir sobre o componente de subjetividade presente no processo de construção de conhecimento, seja nas ciências humanas, seja nas naturais ou exatas. Gérard Fourez (1995) defende que a observação da realidade nunca é imparcial, ela sempre implica na interpretação de quem observa, a partir de noções anteriores do observador. Assim, ele afirma que:

esse olhar neutro do indivíduo sobre o mundo é uma ficção: antes do indivíduo há sempre uma língua que ele utiliza, e que o habita como uma cultura. A observação neutra diante de um objeto é uma ficção. (FOUREZ, 1995, p. 45)

Isso porque, embora possamos contar com instrumentos precisos de observação, como o microscópio, aquele que observa ainda é um olho humano, cuja percepção e interpretação passam pela mente humana e sua subjetividade intrínseca (BRANDÃO, 2003). A produção científica é feita por pessoas inseridas em contextos históricos, filosóficos, econômicos, socioculturais e étnico-raciais, que interferem em suas percepções e interpretações.

Este fato nos remete à consideração de que pesquisar é também posicionar-se. É um ato político e potencialmente transformador, na medida em que pode acarretar em mudanças de valores e visões de mundo, tanto entre as pessoas que pesquisam ou que estão inseridas na realidade pesquisada, como entre aqueles que têm acesso aos resultados da pesquisa. Produzir conhecimento, assim como educar, não pode ser encarado como

---

<sup>4</sup> Práxis, entendida como articulação de saber e fazer. “Reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2005, p.42)

uma atividade neutra. Indivíduos e grupos, ao pesquisar, estão reafirmando, desconstruindo ou propondo novas formas de ver o mundo. Na pergunta de Paulo Freire: "para quê, contra que, a favor de quê, de quem se engajam na melhora de seu próprio saber?" (FREIRE, 1997, p.75).

Assim o(a) pesquisador(a), trilhando seu caminho no mundo da pesquisa, busca as comunidades científicas com as quais tem maior identidade e no processo de pesquisar vai fazendo suas observações e recortes da realidade segundo o seu repertório, bem como segundo os objetivos de pesquisa que escolheu. Desta forma, ao sair a campo para desenvolver este estudo, eu levava comigo a bagagem de minha vivência acadêmica, profissional e cultural, assim como minha visão de mundo e de humanidade.

Levei os pressupostos compartilhados com o grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, de acordo com o qual, a pesquisa pode ser entendida como um processo dialógico em que o(a) pesquisador(a) posiciona-se *com* os sujeitos de pesquisa, procurando compreender suas visões de mundo. As visões de mundo, as significações, os fazeres e saberes dos sujeitos inseridos na realidade pesquisada são tomados como importantes elementos para compreender o mundo em que vivemos. Isto é relevante do ponto de vista científico, pois as pessoas que vivem, cotidianamente a realidade pesquisada, encontram-se em posição privilegiada para refletir e construir conhecimento sobre a mesma. Por isso buscamos construir conhecimento *com* os agentes sociais e compreender sua própria forma de ver a realidade.

Os saberes de experiência, que encontramos ao nos posicionarmos junto aos grupos populares com os quais pesquisamos, são de natureza diferente dos saberes técnicos e acadêmicos com os quais nos inserimos no campo, mas não devem ser considerados inferiores, pois

No encontro com os grupos populares, tem-se a fala da população, que é quem sabe da vida que vive, e a fala do técnico, que é um saber também de vida, mas recortado pela técnica, pela ciência, pela escolaridade (...) Reconhecer que somos diferentes não deveria redundar em posturas inferiorizadas por parte de quaisquer grupos ou pessoas (OLIVEIRA, 2009, p. 4)

Desta forma, pesquisar significa colocar os diferentes saberes em diálogo, para ampliar a compreensão crítica da realidade, tanto por parte do pesquisador quanto dos grupos populares que participam das pesquisas. A visão de mundo do(a) investigador(a) e

dos sujeitos da pesquisa estão implicados em todo o processo de conhecimento, e, mesmo partindo de lugares diferentes, buscam uma compreensão mútua (MINAYO, 1994).

Este pesquisar requer a disponibilidade para “uma vivência próxima, afetiva e comprometida” (OLIVEIRA, 2009, p.3) com os integrantes da comunidade onde se passa a pesquisa. OLIVEIRA e outros (2009) defendem que tais pesquisas

...devem ser realizadas após cuidadosa e paciente inserção dos pesquisadores na comunidade, na instituição, no espaço social, num conviver, realizado em interação e confiança. (...) Participar com a intenção de compreender, não para julgar. Esta inserção é insuficiente, se ficar apenas no olhar e não houver participação, ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se preocupar sobre o processo. (na obra citada, p.10 e 11)

Ressalta-se que o olhar do pesquisador de processos educativos em práticas sociais volta-se, principalmente, para os grupos *oprimidos* (FREIRE, 2005) ou *subalternos* (VALLA, 1996), grupos historicamente excluídos em nossa sociedade. Isto porque entendemos, em nosso grupo de pesquisa, que procurando compreender e fazer compreender a experiência social dos grupos marginalizados, bem como as visões de mundo de seus integrantes, estamos valorizando seus conhecimentos e sua cultura, afirmado sua humanidade na direção da superação da condição de desvantagem social em que se encontram.

Do ponto de vista político, acreditamos que, ao fazer ciência com tais atores sociais, estamos ajudando a criar, juntamente com eles, instrumentos e condições favoráveis para desconstruir valores que levam às discriminações sociais. Neste aspecto, colocamos nosso trabalho de pesquisa em favor de transformações sociais que julgamos necessárias para um mundo justo e humano de fato, no qual homens e mulheres não sejam destituídos de sua dignidade ou de suas liberdades.

A contextualização das pesquisas de nosso grupo de pesquisa na realidade latino-americana justifica-se pela necessidade de reverter um processo de colonização cultural, revelando e fortalecendo o olhar daqueles que foram tomados como seres inferiores. A afirmação das culturas latino-americanas em sua diversidade e riqueza, na qual a pesquisa tem papel importante, humaniza e liberta-nos, na medida em que fornece subsídios para que desmistifiquem-se as afirmações contrárias, construídas pelos colonizadores, de que a

América primitiva e atrasada carece de civilização, de que bons são os costumes e modelos hegemônicos europeus e/ou estadunidenses.

Neste mesmo sentido, além de voltar o olhar para a realidade latino-americana, para fundamentar nossa produção científica utilizamos, preferencialmente, referenciais epistemológicos que partem das culturas situadas na periferia do centro hegemônico europeu, como escreveu Dussel (1998). Procuramos valorizar estas epistemologias, buscando descontruir a ideia de que as fontes do saber científico válido são exclusividade do chamado hemisfério norte, dos países que nos colonizaram e exploraram.

Sousa Santos (2007) defende que epistemologia não se pronuncia no singular, mas no plural: deveríamos enxergar e pronunciar *epistemologias*. O autor define o conceito como “toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido” e ressalta a inesgotável diversidade epistemológica do mundo, pois, “existem em todo o mundo não só diversas formas de conhecimento da matéria, da sociedade, da vida e do espírito, mas também muitos e diversos conceitos e critérios sobre o que conta como conhecimento.” (SOUZA SANTOS, 2007, p.86).

Com estas lentes é que olhamos para os sujeitos de nossas pesquisas. Partimos, epistemologicamente, em busca de sentido objetivo para as coisas do mundo, da América do Sul historicamente explorada por invasores europeus e posteriormente pelos EUA, do Brasil habitado originalmente por ameríndios e forçosamente povoada por negros escravizados, colonizadores europeus e posteriormente imigrantes europeus e asiáticos. Uma epistemologia da “periferia” relativamente ao “centro” europeu serve-nos mais do que uma epistemologia europeia, pois parte de nossa própria trajetória histórica.

Foi a partir desta compreensão que desenvolvi a presente pesquisa.

## Capítulo 2 – Envelhecimento

*O Tempo fica parado  
É nós que avua nele  
É como a cachoeira  
A Pedra fica a água vai  
A água limpa a pedra  
A vida limpa o tempo  
A água limpa a pedra  
A Pedra fica a vida vai*

Natureza – André Abujamra<sup>5</sup>

Antes de iniciar às reflexões deste capítulo, convém esclarecer o(a) leitor(a) sobre a terminologia relacionada ao envelhecimento e as opções que fiz na escrita deste texto.

Até meados do século XX, no Brasil, o tratamento mais usual às pessoas com mais idade era *velho* ou *velha*. O termo não tinha necessariamente uma conotação negativa ou positiva mas, como acontece ainda hoje, a depender da entonação e do contexto em que era pronunciado, passava a significar um tratamento carinhoso ou pejorativo e até agressivo<sup>6</sup>. Documentos oficiais utilizavam o termo *velho* até a década de 1960 (PEIXOTO, 2003).

Ainda segundo Peixoto (2003), nesta década, a sociedade brasileira passou a rever sua forma de ver, gerir e dizer a velhice. O termo *idoso*, que já fazia parte do vocabulário brasileiro, mas não era muito utilizado, passou a ser empregado como uma forma respeitosa de tratar o grupo populacional com idade superior a sessenta anos.

<sup>5</sup> Música composta e interpretada por André Abujamra em seu disco “O Infinito de pé”, de 2004, Gravadora Tratore.

<sup>6</sup> A professora Marilena Chauí, em uma palestra realizada na Universidade de São Paulo em agosto de 2012 sobre a ascensão conservadora na cidade de São Paulo, narra um caso em que foi *xingada* de velha. Conta que em um domingo ela ia ao banco e, ao chegar à entrada, havia um carro que estava parado de tal modo que fechava as três vagas disponíveis. Ela reclama com o motorista e entra na agência. Na sequência, o motorista/proprietário do carro, já no interior da agência, a questiona: “Você pensa que eu vou estacionar meu Mercedes em qualquer lugar!?” Chauí, surpresa com a abordagem, responde indignada: “Isso é o sinal, o modelo, o paradigma da classe média paulistana reacionária, conservadora, autoritária, e violenta!! Você é uma abominação política!!” A moça, que acompanhava o motorista, depois de um instante de perplexidade, bateu na professora. Chauí, disse para ela: “Você é uma abominação ética!”. Segue a vítima: “Aí, com tanta abominação, o cara achou que eu tinha abusado. Então ele disse pra mim: „sua velha feia!“ Aí eu disse pra ele: „É o seguinte: a idade que eu tenho é natural. A velhice, um dado da natureza. Transformar a minha velhice, que é um fato, um dado, num xingamento, é porque você é uma abominação cognitiva!“ Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=KrN\\_Lee08ow](http://www.youtube.com/watch?v=KrN_Lee08ow). Consulta em 03/02/2013.

Persiste, no entanto, a associação de *velho* ou *velha* às pessoas das classes sociais empobrecidas ou que apresentam baixo grau de autonomia em virtude de problemas físicos. Podemos perceber, portanto, que a ideia de *velhice*, com tom pejorativo, está associada a uma condição material precária (lida pelo Outro), em que as pessoas passam a ser dependentes de ajuda para viver.

O histórico francês, descrito por Peixoto (2003), pode nos dar pistas para entender a atribuição de tais significados no Brasil. Em seus estudos, sobre a velhice na França, a autora traz que, no século XIX, *velho* caracterizava a pessoa sem estatuto social, sem posses, que dispondia apenas de sua força de trabalho para vender, era definida como *velha* a partir da diminuição de sua capacidade de produzir e garantir a subsistência. Portanto, “a velhice dos trabalhadores está vinculada à invalidez” (p.71). A partir dos anos 1960, com novas políticas sociais para o envelhecimento, a elevação das pensões faz aumentar o prestígio dos aposentados. O termo *velho* (*vieux*) torna-se, então, uma forma de tratamento desrespeitosa. É suprimido dos textos oficiais, sendo substituído por *idoso* (*personne âgée*).

As políticas francesas para a velhice, a partir dos anos 1960, visavam mudar a imagem das pessoas envelhecidas: “Os novos aposentados começaram a reproduzir práticas sociais das camadas médias assalariadas, já que a imagem de degradação estava muito associada às camadas populares: o antigo retrato preto-e-branco de uma velhice decadente toma o colorido de uma velhice associada à arte de bem viver.” (PEIXOTO, 2003, p.75-76). Na esteira destas mudanças, o termo *terceira idade* (*troisième age*), é criado para designar uma classe de pessoas idosas independentes, com tempo livre para a sociabilização e a prática de novas atividades.

O Brasil, com base na experiência da França, implementa mudanças nas políticas públicas de gestão da velhice e na representação do envelhecimento. Assim, igualmente aqui, o termo *idoso* passa a nominar as pessoas mais velhas. Nesta nova política/nomenclatura, a expressão *terceira idade* passa a designar os idosos com atitude jovial, e economicamente independentes. Do ponto de vista dos negócios, a combinação destes perfis possibilita a criação de uma nova fatia de mercado específica: o de turismo, o dos produtos de beleza, os alimentares, bem como as novas especialidades profissionais (geriatras e gerontólogos). Em breves palavras, a *terceira idade* é mercado.

Pensando a constituição histórica destas nomenclaturas, durante o desenvolvimento deste texto, optei por respeitar a forma como as participantes da pesquisa queriam ser tratadas. Elas não se identificam como *velhas*, mas como *idosas*, o que me levou a adotar esta terminologia<sup>7</sup>.

No entanto, considerando que *idoso* ou *idoso* é uma palavra que adjetiva etariamente um sujeito, utilizei uma expressão completa, incluindo o sujeito à sua identidade etária: *mujeres idosas*, *homens idosos*, *população idosa*. Isto porque considero que esta redução identitária, restringe simbolicamente a existência do sujeito: a pessoa, antes de ser idosa, é uma pessoa. Além disso, a forma restritiva que é utilizada, em documentos oficiais, não contempla a questão de gênero, relevante não só para este estudo, mas também para a sociedade em que vivemos, pois, as experiências de envelhecimento femininas são muito distintas das experiências de envelhecimento masculinas<sup>8</sup>.

O termo *terceira idade* é empregado, no ambiente em que desenvolvi a pesquisa, para significar as práticas de sociabilização e participação em atividades diversas, dirigidas às pessoas idosas. Assim, os programas, serviços, grupos e atividades, são considerados a *terceira idade*. Por isso elas falam em *frequentar a terceira idade, estar na terceira idade*. Pessoas idosas que não participam de atividades como as encontradas no Centro de Referência do Idoso (CRI), não fazem parte da *terceira idade*.

Finalmente, adotei o termo *envelhecimento* para nomear o processo pelo qual passam as pessoas com mais de sessenta anos, que vem sendo ressignificado em nosso contexto. O termo *velhice*, carregado de significados negativos, como veremos, foi utilizado somente em casos em que tratava do contexto da abordagem anterior às mudanças culturais em questão, ou quando os autores invocados como referência, o utilizam.

Posto isso, inicio a reflexão com a visão do envelhecimento sob a ótica da passagem do tempo, ou da nossa passagem por ele, como um processo natural e inexorável, uma vez que é determinado pela ação soberana da natureza: “O tempo fica

<sup>7</sup> Cabe ressaltar também que a utilização destes novos termos é questionada por setores do meio acadêmico. Em posicionamento crítico, argumentam tratar-se de eufemismos. A Profª. Dra. Petronilha B. G. e Silva, por exemplo, defende que a realidade não deve ser suavizada desta forma e que as pessoas velhas podem ser chamadas de velhas.

<sup>8</sup> Nesta restrição, observa-se: Estatuto do *Idoso* e Centro de Referência do *Idoso* (que é mais frequentado por mulheres do que por homens!). Mas as participantes do estudo são mulheres, antes de serem idosas.

parado / É nós que avua nele / É como a cachoeira / A pedra fica, a água vai” (ABUJAMRA, 2004). Quem está vivo, está naturalmente vivendo transformações desde o início de seu ciclo vital, e gesta seu envelhecimento a cada momento presente. Ainda que muitas pessoas prefiram ignorar tal realidade, o processo de envelhecimento é inelutável consequência da completa realização do indivíduo e somente aqueles que morrerem jovens, não o experimentarão (BEAUVIOR, 1990). Esta dimensão do envelhecimento como um processo da natureza, é ponto de partida para as reflexões decorrentes sobre o envelhecimento, que tangem às dimensões social, política, cultural, e econômica.

Envelhecer não é privilégio humano. Árvores e gatos, a seu modo, também envelhecem e morrem. Mas nós, humanos que somos, atribuímos significados às nossas experiências, pois somos sujeitos de natureza e cultura. O envelhecimento, para nós, torna-se um problema. Significamos a vida e a morte, a saúde e a doença, elaboramos culturalmente estes processos. A ideia de que nós é que voamos no tempo, trazida pela letra de Abujamra, enriquece esta reflexão, pois implica entender que o ser humano é sujeito, é agente da ação, ele é quem percorre sua trajetória e escreve sua história no tempo e no espaço. Na medida em que têm consciência, homens e mulheres não são simples pacientes que sofrem o processo de envelhecimento. Eles pensam e agem a partir deste. São autores e testemunhas de suas histórias. Para Fiori (2005), biografam-se.

Assim é que, portanto, no processo de envelhecimento, homens e mulheres constituem-se como sujeitos históricos, pois diante das novas condições sociais, físicas e emocionais experimentadas, buscam novos significados para as coisas, reposicionam-se. Preparam novas páginas de sua biografia no contínuo processo de reconstrução que é a velhice (DEBERT, 1999).

Desde os tempos da Antiguidade, a humanidade procura compreender o envelhecimento e suas causas, de modo que ao longo de séculos, e até o início do século XX, a velhice ainda era entendida como uma doença (BEAUVIOR, 1990). Hoje entende-se o envelhecimento como um processo inerente à vida, assim como o nascimento, a reprodução e a morte, mas busca-se compreender, além dos processos biológicos, os processos psicológicos, sociais e culturais que marcam o envelhecimento. O desenvolvimento da gerontologia, a partir da segunda metade do século XX, vem

contribuindo para compreendê-los (DEBERT, 1999, BEAUVOIR, 1990), de modo que hoje dispomos de mais informações e recursos para lidar com esta questão.

Ainda assim, em nossa sociedade ocidental contemporânea, a velhice causa desconforto. “O incômodo frente aos sinais do envelhecimento se apresenta como desespero frente ao incontrolável, a finitude. (...) O sofrimento é oriundo da constatação do poder superior da natureza e da fragilidade do nosso próprio corpo.” (LOPES, 2006, p. 91-92).

Simone de Beauvoir<sup>9</sup>, para denunciar a forma como a sociedade capitalista tratava seus velhos, publicou, em 1970, “A Velhice”, marco referencial na quebra do silêncio sobre o assunto, para diversos países. Segundo a autora, a construção de mitos seria uma forma de isolar os velhos e justificar a desumanização:

Os mitos e clichês postos em circulação pelo pensamento burguês se aplicam em mostrar o velho como um outro. (...) Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória. Devem dar exemplo de todas as virtudes. (...) A imagem sublimada deles mesmos que lhes é proposta é a do Sábio aureolado de cabelos brancos, rico de experiência e venerável, que domina de muito alto a condição humana; se dela se afastam, caem no outro extremo: a imagem que se opõe à primeira é a do velho louco que caduca e delira e de quem as crianças zombam. De qualquer maneira, por sua virtude ou por sua abjeção, os velhos situam-se fora da humanidade. Pode-se, portanto, sem escrúpulo, recusar-lhes o mínimo julgado necessário para levar uma vida de homem”. (BEAUVOIR, 1990, p. 10)

Situar os velhos<sup>10</sup> fora da humanidade seria, então, um processo de exclusão por meio do qual se delimitaria a fronteira entre o sistema gerador de riquezas em

<sup>9</sup> Simone escreve a partir da sociedade francesa da década de 1960. Embora o contexto desta pesquisa seja o brasileiro, latino-americano, faço uso de seu raciocínio, pois sua obra é referencial para todo pensamento e ação no campo do envelhecimento posteriores, tanto na França como no Brasil. Assim como, considero que sua análise ajuda a compreender o envelhecimento em todas as sociedades ocidentais capitalistas. A gerontologia no Brasil é muito influenciada pela gerontologia francesa. Diversas outras publicações sobre envelhecimento no Brasil, fazem menções a aspectos da gestão da velhice na França, e diversos pesquisadores brasileiros, como Clarice Peixoto, fizeram suas pesquisas na França.

<sup>10</sup> Utilizo nesta parte o termo *velho*, que é o termo utilizado por Beauvoir e está associado, hoje, à pessoa que vive uma velhice em situação material precária. “A partir da segunda metade do século XX, uma divisão social e identitária começou a ser construída para diferenciar os velhos das camadas médias

funcionamento e a exterioridade a este sistema, onde estariam os improdutivos. Na medida em que são deslocados para a exterioridade, os velhos passam a ser o Outro. São silenciados e destituídos de seus direitos sociais.

É curioso como uma sociedade cria relação de opressão sobre parte da população (cuja exclusão é construída culturalmente) que é afinal, ela mesma, onde ela mesma estará inserida nos anos futuros. Jovens adultos excluem os velhos adultos, como se fossem envelhecer, parecem esquecer de que dentro de algumas décadas, serão eles mesmos, os velhos excluídos.

Mas, seja devido ao olhar exterior, seja pelos sentimentos íntimos de medo da morte, da dependência ou da exclusão, para a maioria das pessoas, incluindo as idosas, o velho é sempre o outro. De modo geral as pessoas idosas, principalmente os homens idosos, mesmo os que vivem em asilos e os que participam de programas para a terceira idade, uma vez que não estejam doentes e disponham de alguma autonomia para as atividades cotidianas, não se consideram velhos ou velhas. A palavra *velho* está embebida de conteúdos negativos e estigmas indesejáveis e as pessoas idosas procuram outras identificações, atribuindo a identidade de velho ao outro, àquele que apresenta mais dependências e fragilidades ou maior desgaste físico que elas próprias. (DEBERT, 1999; MOTTA, 1998)

A dificuldade de aceitação das transformações vivenciadas no processo de envelhecimento interessa ao mercado, à indústria de cosméticos, de aparelhos de ginástica, complementos alimentares, cirurgias estéticas, e outros produtos e serviços que prometem anular os sinais naturais do envelhecer. Homens e mulheres investem tempo e dinheiro na promessa de adiar ou anular as evidências da passagem do tempo. O mercado de propagandas comerciais associado ao “jornalismo” de televisão, jornais impressos e revistas, frequentemente divulga, como boas notícias, as descobertas da ciência na batalha *contra o envelhecimento*. Tais mensagens, indiretamente, estão negando a velhice, afirmando que não é desejável ter rugas, cabelos brancos ou flacidez. Avisam assim que quem envelhece, é por negligência e falta de cuidado (DEBERT, 1999).

---

urbanas, dos demais estratos menos favorecidos da população envelhecida. A denominação velho não serviria para designar os indivíduos das camadas médias urbanas que adentravam as aposentadorias a partir da década de 1960”. (JUSTO, p.145) No restante do texto utilizarei o termo *pessoa idosa*, que corresponde a uma terminologia mais sintonizada com o contexto da pesquisa.

Ainda que seja uma experiência individual, que cada pessoa venha viver do seu jeito, as ciências buscam identificar alguns aspectos comuns nas experiências de envelhecimento para compreender seus processos. As diversas formas de ver o envelhecimento, co-existem e contradizem-se e nas abordagens teóricas e no espaço subjetivo das pessoas idosas. As autoras<sup>11</sup> da bibliografia consultada<sup>12</sup> alertam que não se pode olhar para a velhice como um todo homogêneo, pois ela apresenta-se efetivamente como um mosaico complexo de velhices. “A heterogeneidade do tema é determinada pelas particularidades socioculturais e contingenciais dos percursos, implicando a definição de velhice como constante e inacabado processo de subjetivação” (LOPES, 2006, p.88). Assim, a experiência do envelhecer e, por consequência, as identidades construídas não cabem em um só nome, não são representadas por um símbolo só e devem ser encaradas em sua multiplicidade (WHITAKER, 2007).

De modo geral, é absolutamente diferente envelhecer no campo ou na cidade; numa família rica ou numa família pobre; ser homem ou ser mulher; ter tido um emprego e se aposentar ou ter vivido apenas em atividades do lar ou informais e viver de forma dependente. Como para a população em geral, as categorias mais estruturantes da forma de envelhecer são a classe social, o gênero, a atividade social (emprego, trabalho) e a sociabilidade familiar, comunitária ou até religiosa. (MINAYO, 2006, p. 48)

Ainda que neste estudo a discussão sobre envelhecimento seja feita a partir do contexto ocidental, capitalista contemporâneo, é relevante expor que, em distintas culturas, o envelhecimento assume distintos significados.

Com SILVA (2009) podemos entender que, tradicionalmente, entre africanos e afrodescendentes, valoriza-se a experiência dos mais velhos. A estes, se atribui a função de ajudar os mais jovens a conhecer e compreender o ambiente em que vivem.

Os mais velhos se dispõem a instruir os mais novos, a mostrar-lhes possibilidades para que cada um exerça,

---

<sup>11</sup> As referências bibliográficas deste trabalho são majoritariamente femininas. Sobre envelhecimento, temos: Guita, Simone, Maria Cecília, Clarice, Marilena, Dulce, Ana Amélia, Flávia, Ruth, Petronilha, Irene. Nos demais temas, acrescenta-se: Grácia, Mariúza, Ana Maria, Marli, Maria Célia, Waldenez, Emengarda, Moira, Maria Inês.

<sup>12</sup> Estudei principalmente abordagens oriundas da antropologia e da gerontologia, que considerei mais pertinentes para minha pesquisa.

desenvolva, enriqueça suas energias, potencialidades, habilidades de participação, colaboração, respeito aos outros, responsabilidade pelos mais jovens, vontade de crescer para que todos cresçam. (SILVA, 2009, p.45)

Ainda em relação ao estatuto social atribuído aos mais velhos nas culturas africanas, OLIVEIRA (2004) mostra que, entre os mais diversos povos africanos, são eles os responsáveis pela transmissão dos saberes de experiência para os mais jovens. São os velhos que zelam pela transmissão de valores, que, entre os povos ágrafos, realiza-se pela oralidade. Este fato está na expressão popular, no saber do povo: “Na África, quando um velho morre, desaparece uma biblioteca” (p. 177).

Ainda, segundo a autora, além da transmissão dos saberes tradicionais, nas culturas africanas, os mais velhos são aqueles que, estando mais próximos dos antepassados, exercem a importante função de mediadores entre os vivos e seus ancestrais<sup>13</sup>:

“Os(as) mais velhos(as) pela ação ritual e coletiva fazem a ligação com os antepassados e têm força de poder e decisão sobre os mais jovens. (...) As crenças e práticas religiosas asseguram, através dos mais velhos, a vitalidade dos grupos e garantem o funcionamento de todas as instituições organizadoras e reguladoras das atividades de produção e reprodução da sociedade.(OLIVEIRA, 2004, p.120)

Encontramos em outra cultura tradicional formadora de nossa brasiliade, a dos Guarani-Kaiowá, no Mato-Grosso do Sul, Brasil, que os velhos também são respeitados por terem maior experiência e conhecimento. Eles têm a função de transmitir as histórias e memórias de seu povo para os mais novos (À SOMBRA..., 2011).

Em amplo estudo sobre os dados da etnologia a respeito do envelhecimento, Beauvoir (1990) mostra que em diversas sociedades humanas a experiência e os conhecimentos acumulados são um trunfo para o velho. Isto não impede que ele seja, em muitos casos, expulso da coletividade, ao tornar-se um peso para ela, na medida em que torna-se um indivíduo improdutivo. Sobretudo nas sociedades consideradas mais

---

<sup>13</sup> Os ancestrais são os heróis fundantes que deram origem aos vários grupos humanos, que recebem a força vital do Sagrado e “canalizam esse poder até os vivos, e ao fazê-lo fornecem meios para proteger o presente, garantir o futuro e atenuar as dúvidas, as ansiedades e vulnerabilidade dos grupos” (OLIVEIRA, 2004, p.120).

rudimentares, sem cultos, mitos ou celebrações, que utilizavam poucos recursos técnicos para retirar da natureza sua subsistência, as pessoas velhas não tinham tradições a transmitir. Ao perderem suas forças, eram deixadas de lado. Isto foi identificado, por exemplo, entre os ainos do Japão, os sirionos, na floresta boliviana, e entre os incautos, do nordeste siberiano, que somente valorizavam os velhos xamãs.

Outras sociedades respeitam as pessoas idosas enquanto estão lúcidas e robustas, mas livram-se delas quando tornam-se decrépitas e senis. É o que ocorre entre os hotentotes, que levavam uma vida seminômada, na África. Nesta sociedade, ainda segundo Beauvoir (1990), as experiências e saberes dos mais velhos serviam à comunidade, que os consultava em Conselhos. Os mais velhos eram requisitados na iniciação de adolescentes e nos rituais de passagem. Mas quando perdiam sua autonomia, eram negligenciados e afastados da comunidade.

Conhecendo diversos tratamentos que as sociedades conferem aos seus velhos, Beauvoir (1990) sintetiza:

Nas sociedades ainda mais avançadas, a influência das pessoas idosas diminui. Nessas sociedades, acredita-se menos nos fantasmas e até mesmo na magia: não se tem medo dos “quase mortos”. É na sua contribuição cultural positiva que reside o prestígio dos velhos. E ele perde muito de seu valor nas comunidades em que a técnica se dissocia da magia, e mais ainda naquelas que conhecem a escrita. (p. 104)

A partir do conhecimento de diversas formas de tratar a velhice em diversas sociedades, a autora faz uma síntese abrangente sobre a condição do envelhecimento: “É o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice.” (BEAUVOIR, 1990, p.108).

Em nossa sociedade, ocidental, capitalista e ordenada a partir de valores cristãos, abandonar ou sacrificar os velhos não é tradição e não é moralmente aceito. Abandono e negligência são consideradas formas de violência praticadas contra pessoas idosas, que, de forma velada, muitas famílias praticam. O Estado procura prestar assistência e proteção, que são fundamentais para a sobrevivência material da população idosa mais empobrecida (BRASIL, 2003), mas, os recursos empregados ainda são considerados insuficientes para garantir que a população envelheça dignamente.

As opressões percebidas na década de 60 e denunciadas por Beauvoir, infelizmente, não estão totalmente desatualizadas, pois parte considerável da população idosa no mundo, não dispõe de recursos para viver a velhice com dignidade.

A aposentadoria é indispensável para garantir as condições mínimas de sobrevivência de milhares de pessoas, e hoje muitos idosos chegam a sustentar suas famílias com este recurso. Mas é considerada insuficiente pela população idosa que se mobiliza em sindicatos para lutar pelos direitos dos aposentados. Por outro lado, os gestores da previdência social justificam os baixos valores com a incapacidade do sistema previdenciário de suportar os aumentos reivindicados, sobretudo diante da longevidade contemporânea. A questão tem diversos aspectos que não cabem ser abordados detalhadamente neste texto, mas vale dizer que o discurso de que o sistema previdenciário pode entrar em colapso, que vem sendo divulgado há mais de quarenta anos, representa uma sutil violência simbólica, na responsabilização dos velhos pela quebra do sistema (WHITAKER, 2007). Os velhos de hoje perguntam: e nós devemos sentir culpa por estarmos vivos ainda?

Whitaker (2007) defende que não apenas idosos, mas também “futuros idosos”<sup>14</sup>, precisam mobilizar-se para criar uma sociedade que proporcione dignidade a todos, especialmente aos idosos. Este desafio passa, segundo a autora, pela segurança econômica que as pessoas idosas precisam ter para viver dignamente seu envelhecer. Como mulher idosa, ela descreve as inúmeras situações específicas por que passam as pessoas idosas, que as fragiliza perante o mundo que não lhe acolhe, sustentando a afirmação de que, no sistema capitalista, o dinheiro não garante a dignidade, “pelo contrário, tem força para tornar qualquer um indigno. Mas a força do dinheiro é tanta que, sem ele, não há dignidade possível” (WHITAKER, 2007, p.27). Em ponderação similar:

Que é ser velho?, pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. (...) Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida em que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor. (CHAUÍ, 1994, p.18)

---

<sup>14</sup> A autora criou a categoria “futuros idosos”, para lembrar a todo o restante da população, que um dia também serão idosos.

CHAUÍ (1994)<sup>15</sup> enumera as diversas formas de opressão aos velhos, algumas práticas como os asilos e a burocracia da aposentadoria, outras psicológicas, como a tutelagem, a recusa do diálogo e da reciprocidade e as sentenças de incapacidade dadas por pesquisas científicas.

Segundo LOPES (2006), na sociedade pós-industrial em que vivemos, a felicidade traduz-se pelas aquisições externas, como bens materiais e boa forma física, e não há espaço para a lentidão dos movimentos. E envelhecer é ver a agilidade, os reflexos e a força física diminuindo. Assim como, ver o corpo desviar do padrão estético jovial e lembrar a todos da nossa incontornável finitude. O velho então passa a assumir um lugar excluído. E a cultura contemporânea, com suas representações negativas da velhice, desestabilizam o velho enquanto sujeito. “É visto como problema, ou favorecido, gozando privilégios e não direitos. Em ambas situações, o lugar socialmente atribuído ao velho é o da exclusão social, ou do „não-lugar”” (LOPES, 2006, p.89).

Para a pessoa idosa, espaços como o trânsito, as calçadas e as praças são hostis, oferecem perigos como bicicletas, cães, degraus e buracos e acabam negando-lhe um direito que é de todos, o de ir e vir e usar as vias públicas (WHITAKER, 2007). Ainda segundo a autora, a pessoa idosa é desrespeitada às vezes por ignorância e preconceito velado ou inconsciente, quando tratada de modo infantilizado. Quem faz assim, provavelmente não enxergue que a pessoa idosa não deixa de ser adulta porque está mais frágil fisicamente, talvez não perceba que sua história e experiência de vida são tesouros que ela carrega.

Efetivamente, por mais otimista que possa ser o olhar sobre o envelhecimento, não é possível e nem justo ignorar que este processo traz consequências que fragilizam a pessoa idosa, em diferentes graus conforme suas condições. Mas o reconhecimento da opressão sofrida, pela população idosa, precisa ser visto com cautela, pois tanto legitima direitos de segurança estatal, conquistados mediante luta e esforço, como alimenta mitos que diminuem o espaço social da pessoa idosa.

Sabe-se que, no processo de envelhecimento, além das alterações no corpo, ocorrem alterações de ambiente, no que refere-se à profissão, com a aposentadoria, à

---

<sup>15</sup> Chauí faz estas reflexões na apresentação do livro *Memória e Sociedade – Lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi. O livro, uma obra no campo da psicologia social reconstrói partes da história da cidade de São Paulo, a partir do cotidiano de pessoas comuns. Além de ser extremamente bem construída, a obra é notável por contrapor-se a uma história oficial, apresentando uma história vivida e sofrida por pessoas reais, pessoas do povo, pessoas que envelheceram na cidade.

casa, com a saída dos filhos e a morte de pessoas próximas. Tais alterações trazem situações novas, que podem ser transformadas em oportunidade de inaugurar novas rotinas, ou podem ser apenas encaradas como perdas. “Conforme as condições de amparo econômico e/ou a demora para desenvolver novos projetos, a realidade se apresenta como mais ou menos desestruturante” (LOPES, 2006, p.93).

Esta etapa pode ser, como experiência pessoal, o tempo da decadência, o tempo da dependência, o tempo do isolamento, o tempo do protagonismo ou o tempo do amadurecimento. (MINAYO, 2006, p. 49)

É importante destacar que nas últimas décadas ocorreram mudanças significativas, de ordem social e cultural, no que se refere ao envelhecimento. O fato é que vivemos hoje um período de reelaboração de experiências e ideias sobre o envelhecimento. Este processo é fortemente impulsionado pela reconfiguração demográfica por que passa o mundo, no sentido do envelhecimento populacional.

No Brasil a população com 65 anos ou mais, representava 4,8% do total da população em 1991, passou a 5,9% em 2000, e chegou a 7,4% em 2010 (IBGE, 2010). Significa dizer que no Brasil residem hoje cerca de 14,11 milhões de pessoas idosas. Os demógrafos preveem que em 2020 o planeta terá 1,2 bilhão de pessoas idosas.

A expectativa de vida média no Brasil, que era de 60 anos de idade em 1980, subiu para 70 anos em 2000 e agora é de 73,5 anos, sendo maior entre as mulheres. As mulheres nascidas em 2010 têm expectativa de vida de 77,32 anos. Por um lado as pessoas estão vivendo mais tempo, por outro a taxa de fertilidade diminuiu, o que muda a pirâmide etária da população e repercute em diversos planos da vida social, uma vez que provoca “uma quebra cultural profunda num país acostumado a valorizar, prioritariamente, crianças e jovens” (MINAYO, 2006, p.48).

A universalização da Seguridade Social e a melhoria das condições de saúde trouxeram uma reconceitualização do curso da vida. A sua última fase deixou de ser residual, vivenciada por uma minoria, para ser uma fase de duração até maior do que a da infância e a da adolescência. (CAMARANO, 2003, p. 59)

No Brasil, idosos são aqueles com 60 anos ou mais, sendo este o corte etário definido pelo Estado<sup>16</sup>. Segundo Camarano,

Reconhece-se que esse corte resulta num intervalo etário bastante amplo e heterogêneo uma vez que se está falando de um intervalo de aproximadamente trinta anos, o que resulta num contingente populacional extremamente complexo, composto por pessoas que experimentaram trajetórias de vida diferenciadas. (CAMARANO, 2003, p. 36)

O aumento da longevidade dos últimos anos, bem como a inserção de pessoas com menos de 60 anos nos programas para a terceira idade, geram esta amplitude no intervalo etário que deve ser observado ao se tratar da população idosa. Atualmente enquadram-se na chamada terceira idade desde pessoas com 45 anos, até as de mais de 90. São estágios cronológicos muito diferentes, com diferentes condições físicas. Devido a esta diversidade, as pesquisas que englobam na categoria “velhos” todos os indivíduos com mais de 60 anos são questionadas. Propõe-se novos recortes para as pesquisas científicas: jovens idosos (65-75); idosos-idosos (acima de 75), ou idosos mais idosos (acima de 85). (DEBERT, 1999).

Na esteira de tais transformações, uma parcela da população idosa, bem como gerontólogos e outros profissionais, vem discutindo o tratamento dado à população idosa, buscando revisão de valores, de representações da velhice<sup>17</sup> e, efetivamente, os papéis sociais que as próprias pessoas idosas poderão assumir. Para Minayo,

cada vez mais os idosos continuam a mostrar seus anseios de viver saudavelmente, de contribuir com a sociedade, de participar ativamente nas esferas políticas, econômicas, culturais e defender seus direitos, exigindo reconhecimento, proteção e espaço de atuação (MINAYO, 2006, p.57).

---

<sup>16</sup> Vale dizer que os termos utilizados para designar as pessoas idosas: velhos, idosos, terceira idade, melhor idade, assim como a divisão da vida em etapas, são construções históricas que influenciam na experiência subjetiva da velhice.

<sup>17</sup> Por exemplo: O movimento “Nova cara da terceira idade”, comunidade da rede social Facebook acompanhada, em setembro de 2012, por 24.261 pessoas, pretende mudar o pictograma atual que representa oficialmente a população idosa, o velhinho com dor nas costas e bengala, por uma imagem que realmente reflete a condição dos maiores de 60 anos. Nesta comunidade as pessoas expressam suas experiências de velhice e discutem as representações da velhice. <http://www.facebook.com/Nova3idade>. Consultado em 03/09/2012.

Diante da visibilidade que o tema alcançou nas últimas cinco décadas, podemos enumerar consequências importantes como a institucionalização da aposentadoria pela previdência social, a criação da gerontologia como novo campo de conhecimento, a construção e efetivação do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) e a criação de outras políticas públicas e programas sociais voltados para o atendimento desta parcela da população.

A forma contemporânea de abordar o envelhecimento, com a construção de imagens positivas, criação de políticas públicas de segurança, criação de programas específicos de lazer e cultura, bem como a emergência e uma faixa de mercado específica, corresponde à adoção do termo *terceira idade* para tratar a população idosa.

Sua origem, conforme explica Debert (1999), vem da década de 1960, quando agências do mercado de previdência na França, em disputa por conquistar clientes, procuraram oferecer diferenciais como clubes, férias e outros atrativos para as pessoas idosas.

Marques (2009, p. 215) complementa esta contextualização, acrescentando que:

as várias mobilizações que ocorreram a partir da década de 1970 conferiram positividades à velhice, que antes não eram visibilizadas ou não tinham força discursiva. Envelhecer, a partir daí, simbolizava romper com um rótulo criado historicamente e que havia conferido invisibilidade a idosos(as).

Esta pesquisa está inserida neste mesmo contexto, de rejeição de rótulos que não servem mais para representar o envelhecimento, e de esforços no sentido de dar visibilidade e positivar este processo. Considero relevante ainda, considerar a condição específica do envelhecimento da mulher, pois para alguns autores, as mulheres idosas, experimentam uma situação de dupla vulnerabilidade, pois somam discriminações de gênero e de idade (Debert, 1999).

É preciso pensar nas condições em que as mulheres que hoje são idosas, cresceram e formaram-se. As mulheres que hoje tem 60 a 70 anos nasceram entre as décadas de 1940 e 1950. Foram meninas em uma época em que as diferenças de papéis entre homens e mulheres eram muito mais delimitadas do que hoje. A menina era preparada desde cedo para ser mãe e cuidar da casa. Desde cedo, aprendia a reconhecer a superioridade masculina à qual suas mães estavam submetidas e à qual elas também seriam subordinadas (Beauvoir, 1980).

As políticas educacionais no Brasil tiveram importante papel na consolidação de uma sociedade machista, com desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres. As primeiras escolas, erguidas pelos jesuítas no século XVI, tinham a função de formar os jovens da elite branca. Não havia vagas para as mulheres. (Stamatto, 2002 p.2).

Na primeira metade do século XX, quando a educação escolar de mulheres já era prevista por lei no Brasil, não era raro as famílias decidirem que apenas seus filhos homens iriam à escola. As meninas da família não iriam, na maioria das vezes, à escola, para ajudar a mãe nos afazeres domésticos e preparar-se para assumir seu lugar de dona-de-casa quando crescessem. A taxa atual de analfabetismo entre mulheres idosas, superior à dos homens idosos, é uma evidência de que as mulheres nesta época tinham menor acesso à educação básica. A desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres começava em casa.

Quando as meninas iam à escola, recebiam instrução diferente da dos meninos:

A nossa primeira legislação específica sobre o ensino primário, após a independência, foi a lei de 15 de outubro de 1827, conhecida como Lei Geral, que padronizou as escolas de primeiras letras no país, contemplando a discriminação da mulher. Elas não aprendiam todas as matérias ensinadas aos meninos, principalmente as consideradas mais racionais como a geometria, e em compensação deveriam aprender as „artes do lar“, as prendas domésticas. (Stamatto, 2002 p.5)

Fundamentalmente, a sociedade brasileira vem avançando com as lutas das mulheres por seu espaço público. As mulheres passaram a poder exercer trabalho remunerado fora de casa, e conquistaram em 1932, o direito ao voto. Na segunda metade do século XX e início do século XXI, no continente latino-americano, intensificaram-se as mudanças culturais neste sentido: as mulheres conquistaram espaços no mundo produtivo, que ainda é, em menor intensidade, dominado pelos homens, e começaram a ocupar espaços nas instituições públicas, na comunicação, na política<sup>18</sup>. Estas mudanças

---

<sup>18</sup> Brasil e Argentina são atualmente governados por presidentas. Dilma Rousseff em 2011 e Cristina Kirchner, em 2007 e 2011 foram as primeiras chefes de estado mulheres da história destes países, eleitas por voto direto. Michelle Bachelet foi eleita presidente do Chile em 2006.

certamente refletem em maior liberdade para a mulher expressar-se, fazer suas opções<sup>19</sup> e continuar lutando por seus direitos.

Neste mesmo período as mulheres, organizadas em movimentos sociais, participaram e participam de importantes lutas políticas, contra as ditaduras militares, em favor da reforma agrária e em favor da construção de políticas públicas<sup>20</sup> específicas para assegurar seus direitos no mundo machista em que vivemos.

Uma parte das mulheres idosas de hoje, principalmente das classes mais empobrecidas, formaram-se em um contexto cultural que determinava a casa e a família como o lugar social possível da mulher. Em sua maioria, não tiveram chance de perguntarem: quais seriam seus sonhos? De que maneira, para além da tarefa de manutenção da ordem familiar, desejariam influir no mundo? Deixaram tais questões para seus maridos, que historicamente assumem esta tarefa mais transcendente, de cooperar para a edificação do futuro coletivo (BEAUVOIR, 1980). As mulheres priorizaram o casamento e formação da família, deixando de investir em outros projetos de vida ou colocando-os em segundo plano.

Por outro lado, as mulheres idosas de hoje vêm acompanhando, ao longo dos anos, as mudanças culturais mencionadas. No esforço cotidiano, vem afetando e sendo afetadas por elas, de modo que se veem inseridas em um novo tempo. Ao chegarem aos 60 anos, já perderam a função reprodutiva, que constituiu uma importante identidade durante toda a vida. Percebem-se entrando em uma nova fase, desobrigadas de parte de suas funções, como o emprego, no caso das que trabalharam fora de casa, o cuidado com os filhos, e com o marido, no caso das que ficam divorciadas ou viúvas. Além disso, as mulheres entram nesta nova fase da vida com a perspectiva de viver por mais tempo do que os seus maridos<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> Em relação à vida privada, a afirmação de Beauvoir, passa a ser uma indagação. Escreveu a autora, sobre as mulheres dos anos 1940: “em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser.” (Beauvoir, 1980, p.165). E hoje, como pensamos?

<sup>20</sup> Como exemplos, temos a criação das Delegacias da Mulher em diversas cidades do Brasil, na década de 1980, para atender às mulheres vítimas de violência; a Lei Maria da Penha (11.340/06), criada em 2006, para coibir as diversas formas de violência contra a mulher, aumentando o rigor das penalidades. As mulheres dispõem hoje de interlocutores dentro do Estado para debater e avançar em suas questões, com a criação da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres no Governo Federal, em 2003. O Plano Nacional de Políticas para as Mulheres foi formulado a partir de ampla discussão junto aos movimentos de mulheres de todo país (BRASIL, 2008).

<sup>21</sup> Segundo censo mais recente, e, 2010 no Brasil a expectativa de vida de mulheres era de 77 anos, enquanto a dos homens, 69 anos (IBGE, 2010).

Desta forma, o envelhecimento representa, para grande parte das mulheres, o processo de abrandamento de cargas que precisaram sustentar ao longo de anos, que limitaram suas possibilidades de vivenciar e expressar sua individualidade na vida pública. Representa a oportunidade de reinventarem suas trajetórias e vivenciar novas experiências. Concluindo, com Debert (1999):

Para as mulheres, o envelhecimento significa uma passagem de um mundo totalmente regrado para outro em que se sentem impelidas a criar as próprias regras. O próprio do envelhecimento é vivenciar um processo de perdas indesejadas que tornam a independência e a liberdade possíveis. (p.184).

## **Capítulo 3 - Processos Educativos e Comunicação**

*Quando é verdadeira, quando nasce da vontade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada.*

Eduardo Galeano (O Livro dos abraços)

Neste capítulo procuro desenvolver alguns conceitos em que me baseei no percurso da pesquisa, situados na interface Comunicação/Educação: *Práticas sociais e processos educativos e Educomunicação*.

### **3.1 Práticas Sociais e Processos Educativos**

Este trabalho parte da compreensão de que, ao longo de toda a vida, nas mais diversas práticas sociais e em todos os espaços, e não apenas no espaço escolar, estamos vivenciando processos educativos ao relacionarmo-nos uns com os outros e com o mundo.

As práticas sociais decorrem da interação entre indivíduos e dos mesmos com o ambiente em que vivem, encaminhando-nos para a criação de nossas identidades individuais e coletivas. “Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas”. (OLIVEIRA e outros, 2009, p.4)

As práticas sociais se produzem no intercâmbio que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo que as cerca e ao intervir nele. (...) Assim, é participando de práticas sociais que as pessoas se abrem para o mundo. (COTA, 2000, p.211)

Esta compreensão é formulada a partir dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores da comunidade científica de trabalho situada na linha “Práticas Sociais e Processos Educativos” do PPGE/UFSCar<sup>22</sup> e baseia-se nas reflexões de Paulo Freire (2005), segundo o qual, homens e mulheres educam-se uns aos outros em comunhão. Ou

---

<sup>22</sup> Segundo Silva e Araújo-Oliveira, 2004, citado por Oliveira e outros, 2009, a comunidade científica de trabalho se constitui entorno de objetivos comuns, comprometidos com a construção de uma sociedade justa que garanta iguais direitos e tratamento diverso para diferentes condições, circunstâncias.

seja, homens e mulheres são sujeitos de seu próprio processo educativo, por isso, diz o autor, *educam-se*, e não podem *ser educados*, como objetos da ação de outro sujeito. Homens e mulheres educam-se entre si, uns aos outros, compartilhando suas ideias, em diálogo, mediatizados pelo mundo.

Pesquisadores(as), docentes e discentes da linha, investigamos os diversificados processos por meio dos quais as pessoas, principalmente, em grupos mais fragilizados socialmente, vêm se educando no Brasil, no contexto sócio-político-cultural latinoamericano. As pesquisas voltam-se para as práticas sociais destes grupos e seus processos de humanização, nos quais a educação crítica e libertadora tem papel fundamental.

Podemos entender que a educação libertadora é o processo de autoprodução (FIORI, 1991) de homens e mulheres, em que educador(a) e educando(a) são sujeitos do processo de sua própria formação humana, que ocorre no convívio de uns com os outros, desde que inseridos criticamente neste processo. Constituem-se a si próprios neste convívio, formam-se na práxis possibilitada pela interação com o mundo, com a experiência material.

Ainda segundo Fiori, a base da educação seria a produção material da existência: fazer e saber intrincados, ou seja, práxis: ação que pede reflexão e reflexão que motiva a ação. Aprender “não é saber como foi o mundo ou como deverá ser; é essencialmente é esforço por reinventá-lo numa práxis que assume e supera as condições objetivas da situação histórica em que se vive.” (FIORI, 1991, p.86). O autor defende que a educação se faz a partir das situações concretas, a partir da dimensão de existência real. Assim, as situações concretas seriam o mundo, o olhar humano sobre o mesmo, e as mãos humanas que o transformam. Correspondem à nossa necessidade de responder às demandas fisiológicas do corpo e viver esta experiência material de forma consciente, atribuir significados a elas e ao mundo que desvendamos com todos os sentidos, criar esteticamente este mundo e nossa relação com ele. Assim constituímos-nos mulheres e homens, educamo-nos no mundo.

Desta forma, mediatizados pelo mundo, educamo-nos entre nós em um processo dinâmico de construção social e cultural em que fazemo-nos sujeitos históricos, pois conhecemos, sonhamos, ressignificamos e transformamos o mundo em que vivemos (FREIRE, 2005). Esta concepção de educação implica compreender que homens e

mulheres não podem ser entendidos de forma alheia ao mundo que constroem e significam:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem<sup>23</sup> abstrato e isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. A reflexão que propõe (...) é sobre homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa. (FREIRE, 2005, p.81)

Por isso é que, no *convívio* com outras pessoas, com o mundo e sua concretude, formamo-nos enquanto indivíduos e coletividade, e compreendemos que em todas as práticas sociais estamos vivenciando processos educativos.

Nas práticas sociais, em que homens e mulheres educam-se, a subjetividade de cada indivíduo coloca-se em *diálogo* com as subjetividades dos demais e estas afetam-se mutuamente, resultando, este exercício de intersubjetividades (FIORI, 1986), em processos de transformação individual e coletiva. São trocas que possibilitam decifrar o mundo, conforme Cota (2000):

As experiências de uns com os outros na interação com o mundo são condições necessárias para decifrar o mundo; as experiências vividas no passado servem de suporte às vividas no presente. São ocasiões de troca em que as experiências da humanidade ganham sentido cultural e transformam historicamente o mundo e as pessoas que delas participam. (p.212)

Cabe ressaltar que o exercício de convívio, que coloca subjetividades em diálogo nas práticas sociais, é mais do que a circunstância da proximidade. É uma arte que se aprende a cada momento, na práxis, seja enfrentando os desafios e dificuldades inerentes à aproximação das diferenças, seja na alegria e acolhimento que as relações fraternais proporcionam, na qual o indivíduo constitui-se. “Eu me construo enquanto pessoa no convívio com outras pessoas; e, cada um ao fazê-lo, contribui para a construção de „um“ nós em que todos estão implicados” (OLIVEIRA e outros, 2009, p.1).

Con-vivência é *vivenciar com*, compartilhar a experiência do vivido, necessariamente *com* o outro. Omer e outros (s/d) definem a convivência como um

<sup>23</sup> À época da escrita de Pedagogia do Oprimido, Freire utilizava a linguagem machista tal qual lhe foi (e também a mim) ensinado na escola: Quando falamos *homem*, falamos de ser humano e a mulher estaria necessariamente excluída. Mas esta regra, carregada de ideologia, exclui as mulheres dos processos históricos. Posteriormente o autor retratou-se, em Pedagogia da Esperança, publicado em 1992.

conjunto de experiências, harmônicas ou não, que definem as relações entre os indivíduos e entre os diferentes grupos a que pertencem. Experiências estas que definem e são definidas pelas relações interpessoais e evocam a abertura para o outro e para a diversidade. Para viver junto e interagir em um grupo, cada indivíduo traz sua maneira de pensar, de agir, sentir e expressar, conferindo diversidade à coletividade. A diversidade, na coletividade, instaura tensões diante das quais cada um aprende a reposicionar suas vontades, flexibilizar-se, desenvolver formas adequadas para a defesa de suas posições.

São esses ajustes os que irão configurar a vida em comum, a formação das comunidades de vida, a partir das metas que os sujeitos se colocam, em um espaço de discussão, negociação, aprendizagem, e reelaboração de suas opiniões.

(OMER e outros, s/d)

É interessante observar que, a unidade buscada nos grupos para o fortalecimento individual e coletivo, a partir das negociações que são feitas, não anula a singularidade de cada indivíduo. Pois “grupo só se forma com indivíduo, e indivíduos não anulam grupos e o contrário também não” (INDIVÍDUO COLETIVO, 2011)<sup>24</sup>.

Oliveira e Stotz (2004) explicitam aspectos da convivência no contexto da produção de conhecimento. Segundo eles, o convívio é uma arte de relacionar-se:

O estar junto, o olhar nos olhos, conversar frente-à-frente (...) é a arte de se relacionar, dá intensidade à relação, sabor ao fazer e gera afetividade e saber (...)

Conviver se aprende convivendo e para essa convivência há algumas moedas: simpatia, confiança, humildade, sensibilidade, respeito, flexibilidade em relação aos tempos. (OLIVEIRA e STOTZ, 2004, p.15)

Ressalta-se que, da perspectiva de um projeto de mundo que pretende a humanização e a libertação de qualquer forma de opressão, a convivência só pode ser dialógica. O diálogo, como princípio e caminho, tem papel central neste projeto de mundo, pois é o caminho pelo qual homens e mulheres elaboram o mundo, e em comunhão constroem sua cultura. “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o „pronunciam“, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 2006, p.43). Neste sentido, “existir

---

<sup>24</sup> Trata-se do documentário *Indivíduo Coletivo*, trabalho de conclusão de curso de Rádio e TV da UNIMEP São Paulo, dirigido por Bruna Batista. O depoimento citado é de Grácia Lopes Lima. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=EMfD8rP4cao>. Consulta em 28/09/2012.

humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. (...) Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2005, p. 90).

De acordo com Flecha (1997), a transformação de contextos educativos em espaços dialógicos possibilitaria mudanças para construção de uma sociedade melhor:

Do diálogo igualitário<sup>25</sup> entre todas as pessoas é de onde pode ressurgir o sentido que oriente novas mudanças sociais para uma vida melhor. A chave para que o ensino realize uma contribuição positiva nesta perspectiva é que se promova a comunicação pessoal. Assim a solidariedade abriria caminho para a superação dos problemas criados pelo dinheiro e o poder, meios que podem converter a vida em mais um produto da evolução técnica. Uma das formas de se alcançar este estágios seria fazer dos contextos educativos, espaços para conversar, e não espaços para calar.<sup>26</sup> (FLECHA, 1997, p.35-36)

No entanto, segundo o modelo de educação preponderante em nossa sociedade, a realidade é tratada como algo estático e dado, e o educador posiciona-se como o único agente da educação, tratando os educandos como meros depositários do conteúdo de sua narração. Os alunos aprendem a ouvir, calar e dar prova de que assimilaram os conteúdos depositados.

Esta educação autoritária inibe o desenvolvimento da autonomia entre os educandos, uma vez que estes são tratados como objetos da educação e não como sujeitos, e opõe também aos educadores, que não podem realizar-se plenamente, pois não educam de fato e não podem aprender no diálogo com os educandos. A própria dicotomia educador/educando, quando colocada desta forma dura e estanque não admite que o educador, ao educar, também é educando e vice-versa.

Para explicitar a diferença entre tais modelos de educação, Freire definiu uma como educação bancária e outra como educação problematizadora. O termo *bancária* decorre do gesto de fazer depósitos de conteúdos nas caixas de cada educando, tratados

---

<sup>25</sup> Para Ramón Flecha<sup>25</sup> (1997) *diálogo igualitário* é quando se considera as diferentes contribuições que as pessoas trazem em função da validade de seus argumentos, e não das posições de poder de quem fala. É igualitário, porque os diversos comentários não são classificados como melhores ou piores, mas diferentes. Tal horizontalidade aproxima as pessoas de uma situação ideal de fala. Considero dispensável o adjetivo *igualitário* ao conceito de diálogo, pois tal característica já está implícita em seu conceito. Portanto utilizo apenas *diálogo*.

<sup>26</sup> Tradução minha.

como recipientes que armazenam e acumulam conteúdos informativos. Neste modelo não há comunicação de fato, pois há uma só via para transmissão de informações: do educador que supostamente sabe tudo, para o educando que supostamente ignora tudo.

Nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE, 2005, p. 67)

Neste modelo de educação, o(a) educando(a) não desenvolve sua expressão própria, não exerce a pronúncia do mundo e não vislumbra ser autor(a). Pelo contrário, ele aprende a silenciar-se para não perturbar a ordem vigente. É desta forma que no modelo bancário de educação, educador e educandos deixam de realizar sua vocação pois não há desenvolvimento de consciência crítica, o que o torna interessante para a manutenção de um sistema de opressão<sup>27</sup>, já que não aponta para o seu questionamento e sim para a adaptação de homens e mulheres à situação dada.

Por outro lado, a perspectiva problematizadora de educação, que supõe o diálogo, considera educador e educando como sujeitos do processo de formação humana pois “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que conotam, não reduzem-se à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2009, p. 23). É nesta estrada que caminhamos como educadores e pesquisadores, por mais desafiadora que possa parecer esta forma de educação, pois somente por meio do diálogo é que podemos cumprir um projeto de libertação, que é do povo por ele mesmo, enquanto sujeitos dialógicos. Entendo que a educação deve ser pensada enquanto processo de construção da autonomia e da liberdade, concordando com FIORI (1991), para quem o projeto autêntico de educação é aquele em que o povo lute pelo poder que lhe confere o seu próprio trabalho e seja protagonista de sua história.

---

<sup>27</sup> Cabe esclarecer que Paulo Freire, ao elaborar a Pedagogia do Oprimido, lidava com as relações de opressão praticadas entre os donos do capital e o proletariado. Era a opressão de operários e lavradores por seus patrões. Valho-me de seu raciocínio, transpondo-o, por analogia, para as relações de opressão que se colocam para a população idosa, pelo caráter produtivista da sociedade capitalista, e para as mulheres, pela ideologia machista.

### **3.2 Educação e os meios de comunicação**

No contexto da sociedade da informação em que estamos vivendo, de irreversível imersão no ambiente das informações eletrônicas, da miniaturização dos equipamentos, das transmissões virtuais e móveis, os meios eletrônicos de comunicação passam a participar, de forma desordenada e quase onipresente, da educação de crianças, jovens e adultos de todas as classes sociais. Uma questão que se coloca para o campo da educação hoje é que este bombardeamento de informações disparadas pelos meios de comunicação interfere, profundamente, na construção de valores, ideias e formas de compreender o mundo, tornando-se um poderoso agente na formação das pessoas.

O meio de comunicação de massa com maior poder de inserção em nosso país é audiovisual. Noventa e sete (97%) das unidades residenciais brasileiras possui ao menos um aparelho de televisão (IBGE, 2010) e um número expressivo de residências possui mais do que um aparelho. O poder de penetração deste meio de comunicação é tal que em muitas residências rurais a televisão chegou antes mesmo da energia elétrica.

Alguns aspectos devem ser levados em conta ao olharmos para a relação da televisão com a educação. Em primeiro lugar, as empresas que operam os canais abertos de televisão no Brasil o fazem com concessões públicas, ou seja, com autorização do Estado. Embora utilizem o espectro eletromagnético, que é um espaço público, elas definem os conteúdos e formas da programação de acordo com seus interesses privados. Ao longo das últimas décadas, a televisão comercial brasileira, sob o controle de apenas onze famílias representantes da elite política nacional, vem ocupando espaço importante na formação de valores da população, promovendo toda sorte de desfavores à informação e ao desenvolvimento humano de nossa sociedade. É comum, por exemplo, que utilizem o noticiário para promover a criminalização dos movimentos sociais e impor uma agenda política que lhes interessa (INTERVOZES, 2007).

Na medida em que a venda de espaço para as propagandas comerciais representa uma fonte relevante de receita para os canais de televisão comerciais, os conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação de massa respondem os interesses do mercado e isto significa que a lógica do mercado, que é ampliar as vendas a qualquer custo, sobrepõe-se a outras funções desejáveis em um canal concedido pelo Estado, como a informação, a educação, a promoção de valores humanitários.

É comum, neste espaço, a coisificação da mulher como objeto de interesse sexual ou prestadora de serviços domésticos. Pessoas idosas são frequentemente ridicularizadas e só recentemente, a partir de muita mobilização social, a televisão reduziu a violenta afirmação de uma suposta inferioridade da população afrodescendente.

Desta forma, a televisão comercial, a serviço do mercado que a financia, estipula padrões estéticos, éticos e morais, vem construindo valores que promovem e perpetuam preconceitos e estimulam o consumo desenfreado. “Do ponto de vista do produtor, ele (o aparelho televisor) é um centro de poder econômico e político e de controle social e cultural. É uma mercadoria que transmite e vende outras mercadorias” (CHAUÍ, 2005, p. 301).

A televisão comercial permite ainda que os Estados Unidos da América (EUA) venham promovendo, ao longo de décadas, uma verdadeira invasão cultural em nosso país, por meio da distribuição de cinema e música. A população brasileira consome costumes, ideias e valores exóticos, e passa a desvalorizar a cultura que lhe é própria, sua identidade e história. Este fato deve ser objeto de ponderação crítica (CHAUÍ, 2005, FREIRE, 2009).

A dominação cultural é uma das formas mais sutis de dominação, porque opera no campo simbólico (DUSSEL, s/d). Por exemplo, por que as decorações de natal em nosso país trazem flocos brancos de neve, em pleno verão tropical no chamado hemisfério sul? Por que admiramos os países do hemisfério norte, seus heróis que não se assemelham ao nosso povo e suas lutas, suas canções cujas letras não entendemos, e por outro lado, pouco valorizamos (sequer conhecemos bem) a nossa cultura tradicional, brasileira e latino-americana e suas diversificadas expressões?

Dussel (s/d) contribui neste ponto da reflexão, discutindo os processos de dominação cultural e como essa dominação cria a noção de uma única cultura, uma cultura global, deixando de lado todas as particularidades e a alteridade. De acordo com o autor:

Aceita-se como evidente que a cultura europeia é a cultura universal. Este universalismo não é mais do que o universalismo abstrato de uma particularidade que abusivamente se arroga a universalidade, e que com isso nega todos os outros particularismos e exterioridade das outras culturas. Surge assim o mecanismo pedagógico da dominação cultural. (DUSSEL, s/d, p. 263).

Ainda de acordo com Dussel, depreciamo-nos enquanto povo e desvalorizamos nossas tradições e assim permitimos a ocorrência do processo pelo qual o colonizador introjeta-se no imaginário do colonizado e vence as resistências desde dentro de seu ser. O autor lembra que a libertação latino-americana só pode ser feita a partir da compreensão deste mecanismo de dominação, bem como do fortalecimento da cultura popular, de sua valorização como elemento de resistência política.

Em meio a esta disputa de poderes, faz-se necessário pensar o papel da educação, não especificamente da educação escolar, mas daquela que se faz na inter-relação entre os campos da educação e da comunicação. “Como educadores e educadoras progressistas não apenas não podemos desconhecer a televisão mas devemos usá-la, sobretudo discuti-la” (FREIRE, 2009, p.139). É necessário refletir criticamente sobre a produção da comunicação, processo que não é nem pode ser neutro, pois sempre será feito em função de algum interesse, a favor ou contra algo ou alguém.

O cidadão de hoje pede ao sistema educativo que o capacite a ter acesso à multiplicidade de escritas, linguagens e discursos nos quais se produzem as decisões que o afetam, seja no âmbito familiar, político e econômico. (...) necessitamos de uma escola na qual aprender a ler signifique aprender a tornar evidente, a ponderar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam as concepções que temos sobre política, família, cultura e sexualidade. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 58).

A leitura crítica dos meios de comunicação é um dos pontos de partida para as iniciativas que procuram estabelecer o diálogo entre os processos de conscientização e as tecnologias de comunicação, que ocorrem há muitos anos na América Latina, especialmente na prática de educação popular dos movimentos sociais. O exercício de leitura crítica também está presente nas práticas de educomunicação.

Reconhecer a comunicação como o mais importante dos eixos transversais dos processos educativos foi, sem dúvida, o que garantiu o sucesso dos movimentos sociais em torno dos direitos das minorias, de um manejo sustentável da terra, do bem estar da infância e dos idosos, entre tantos outros temas. (SOARES, s/d, p.3)

É importante ressaltar, que não a é televisão enquanto mídia, o alvo desta crítica que fazemos, mas sim a instituição de poder que ela representa atualmente, ou seja, a forma como vem sendo utilizada: em serviço de interesses que desprezam as demandas

de nossa sociedade por justiça social, cidadania, igualdade de oportunidades, respeito às diferenças e à liberdade de expressão, entre outros.

Resgatando os primeiros vislumbres da perspectiva contra-hegemônica no mundo das imagens eletrônicas, Santoro (1989) traz que, no início da década de 1970, grupos políticos na Europa tomaram o vídeo como instrumento de contra-informação, e falam em *guerrilha de imagem*, a ser feita contra a comunicação de massa. Esta possibilidade política passa a existir a partir da possibilidade tecnológica colocada pelo advento dos equipamentos de vídeo.

Já na América Latina, o vídeo chega em um momento histórico singular, em que as ditaduras militares promoviam perseguições políticas e censuras que dificultavam toda sorte de comunicação da sociedade civil, inclusive por meios audiovisuais. “Contudo, na década de 80, com o afrouxamento do regime militar, começam a surgir vários grupos populares que se apropriam do vídeo como instrumento de luta” (RIBEIRO JUNIOR, 2009, p.41).

Diferentemente da abordagem europeia, os projetos de vídeo na América Latina surgiram, não com a proposta de contestar os meios de comunicação de massa, mas como instrumento de informação, mobilização e registro, junto a movimentos sociais que contestavam as formas de poder existentes na sociedade, tais como sindicatos, comunidades eclesiás de base, movimento pela reforma agrária, e outros.

O uso do vídeo insere-se numa forma mais ampla de emprego da comunicação como instrumento de luta, que emprega a comunicação alternativa (inclui jornais, revistas, teatro, rádio) buscando a participação popular na criação de mensagens, na “expressão de um projeto histórico de mudança, resistência cultural e construção solidária.” (SANTORO, 1989, p.31). O mesmo autor informa que na década de 80 no Brasil a prática ficou conhecida por *vídeo popular*. Foram desenvolvidos projetos em distintos estados brasileiros, tais como: a TV dos Trabalhadores, em São Bernardo (SP); o Centro de Documentação e Memória Popular, de Natal (RN); A TV Bixiga e a TV dos Bancários, (SP); A Lilith Vídeo, em Brasília (DF); o CECIP, Centro de Criação da Imagem Popular, em Nova Iguaçu (RJ); o CTI, Centro de Trabalho Indigenista (SP), dentre outros.

Santoro (1989) define o conceito de vídeo popular como “a produção de programas de vídeo por grupos ligados diretamente a movimentos populares”, bem como

por instituições de assessoria<sup>28</sup> e grupos independentes, de alguma forma relacionados a estes movimentos; “o processo de produção de programas de vídeo, com a participação direta de grupos populares em sua concepção, elaboração e distribuição, inclusive apropriando-se dos equipamentos de vídeo; o processo de exibição de programas de interesse dos movimentos populares, produzidos em vídeo ou utilizando-o como suporte, a nível grupal, para informação, animação, conscientização e mobilização” (p. 60-61).

Percebe-se que o vídeo popular, àquela época, estava proximamente relacionado aos movimentos populares organizados.

No contexto atual, de acordo com as mudanças que ocorreram na configuração dos movimentos sociais, bem como a consolidação de um cenário muito mais tecnológico e influenciado por políticas culturais<sup>29</sup> favorecedoras da estruturação de coletivos de cultura e da democratização de recursos de comunicação, o vídeo popular vem ganhando força, como uma forma de os coletivos expressarem os anseios das comunidades em que estão inseridos.

A popularização e miniaturização das tecnologias de produção e edição de imagem e som mudaram radicalmente as condições materiais para se produzir vídeos, e a popularização da rede mundial de computadores alterou definitivamente as relações na comunicação, beneficiando especialmente a comunicação popular, na medida em que abriu a possibilidade de divulgação de conteúdos por quaisquer usuários, independentemente de classe social, escolaridade, idade ou região geográfica.

A possibilidade de transmissão de vídeo pela internet (streaming) vem sendo explorada, por exemplo, pela Pós TV<sup>30</sup>, experiência de comunicação do Circuito Fora do Eixo<sup>31</sup>. Desde 2011, a Pós TV transmite, ao vivo, programas de debates, realizados em estúdio, ruas ou praças, cobertura de manifestações culturais e políticas e shows de música independente. Os internautas participam dos programas via chat e ajudam a divulgá-lo na rede. Segundo os realizadores, uma vez que a Pós TV não conta com anunciantes, é possível ter total liberdade de expressão nas transmissões.

<sup>28</sup> Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – IBASE, por exemplo.

<sup>29</sup> Refiro-me especialmente ao Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – CULTURA VIVA, criado e regulamentado por meio das Portarias nº 156, de 06 de julho de 2004 e nº 82, de 18 de maio de 2005 do Ministério da Cultura, para estimular e fortalecer no país rede de criação e gestão cultural, tendo como base os Pontos de Cultura.

<sup>30</sup> <http://www.postv.org>

<sup>31</sup> O Circuito Fora do Eixo é uma rede colaborativa constituída por coletivos de cultura espalhados pelo Brasil, pautados nos princípios da economia solidária, da formação e intercâmbio entre redes sociais, do uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais.

O cenário acima descrito é o contexto no qual vêm se formando grupos de vídeo popular, que estão nas periferias urbanas, nas aldeias indígenas<sup>32</sup>, em grupos de cultura popular, assim como estão nos movimentos por moradia, movimentos feministas, entre outros.

Algumas características são comuns na produção audiovisual destes grupos (ou coletivos, como alguns se denominam): as produções não tem finalidades comerciais, abordam temáticas sociais, são movidas por anseio de transformação social, são produzidas por não-especialistas e a organização interna aos grupos é horizontal, ou tende a isto. Por estas características, considero que a prática do grupo de mulheres que convidamos a participar deste estudo, aproxima-se do vídeo popular.

### **3.3 A prática social da educomunicação**

O termo *educomunicação* vem da fusão das palavras *educação* e *comunicação* e corresponde a um campo de intervenção em que educação e comunicação estão em inter-relação. SOARES (2011) destaca que os campos, da educação e da comunicação, foram instituídos pela racionalidade moderna como campos de atuação demarcados e independentes, com funções específicas, mas, “no mundo latino, certa aproximação foi constatada graças à contribuição teórico-prática de filósofos da educação como Célestin Freinet e Paulo Freire, ou da comunicação, como Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún.” (SOARES, 2011, p.15).

Mário Kaplún, comunicador argentino, assim como Paulo Freire, desenvolveu estudos e práticas relacionados a uma educação crítica, voltada para a libertação do povo latino-americano, perante práticas opressoras como a invasão cultural, as ditaduras militares, a exploração dos trabalhadores e o analfabetismo. Kaplún compreendia que a leitura crítica da realidade era um pressuposto para a libertação, e deu início às práticas de educomunicação na América Latina, com cursos de leitura crítica dos meios junto às camadas pobres da população do Peru, Uruguai, Venezuela e Argentina. Posteriormente, na década de 70, elaborou junto a grupos de trabalhadores do campo, outra prática, denominada Cassete Fórum, que consistia na prática de uso de gravadores de áudio com

---

<sup>32</sup> O "Vídeo nas Aldeias" é um projeto de produção audiovisual e formação, que desde 1987, realiza oficinas e fornece equipamentos e apoio para comunidades indígenas produzirem seus vídeos.

finalidade educativa e mobilizadora. Esta experiência teve início no Uruguai e expandiu-se para outros países, incluindo o Brasil (LOPES LIMA, 2009).

No Brasil, o reconhecimento da educomunicação, como um novo campo de intervenção social, deu-se na década de 90, a partir da pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP), em colaboração com pesquisadores da Universidade Salvador (UNIFACS), que buscava identificar os trabalhos relacionados à inter-relação entre os campos da educação e da comunicação, bem como, seus respectivos realizadores na América Latina (LOPES LIMA, 2009). Conforme texto do NCE/ECA/USP publicado na página “História” de seu site, o estudo revelou que:

(...) a interface entre Comunicação e Educação, tradicionalmente desenvolvida na forma de uma complementação mútua (como, por exemplo, a educação usando as tecnologias da comunicação ou a comunicação produzindo para a educação), havia se transformado em integração, com o surgimento de um campo novo e distinto. (Site do Núcleo de Comunicação e Educação – NCE/ECA/USP)<sup>33</sup>

Os dados deste estudo do NCE/ECA/USP mostram que, à época, a maior parte das iniciativas voltava-se à pesquisa teórica sobre as relações entre educação e comunicação ou instrução para o uso de computadores no ambiente escolar e apenas 7% das ações ocupavam-se em promover práticas de comunicação (LOPES LIMA, 2009).

O Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/ECA/USP)<sup>34</sup>, formador de educomunicadores e pesquisadores do tema no Brasil, define a educomunicação como:

o espaço que membros da sociedade se encontram para implementar ecossistemas comunicativos democráticos, abertos e participativos, impregnados da intencionalidade educativa e voltado para a implementação dos direitos humanos, especialmente o direito à comunicação. (NCE – Site do NCE/ECA/USP)<sup>35</sup>

Soares (2011) acrescenta que a comunicação converte-se em:

vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e

<sup>33</sup> Disponível em: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/onucleo/texto,3,6,7> Consultado em março/2011.

<sup>34</sup> O núcleo é responsável pela criação, do curso de licenciatura em educomunicação, oferecido pela ECA desde 2011.

<sup>35</sup> Disponível em: <http://www.usp.br/nce/> consulta em out/2011.

não como objeto, os meios são ressignificados a partir de um projeto pedagógico mais amplo. (p.23)

Percebe-se, a partir da década de 90 no Brasil, uma relevante disseminação de práticas relacionadas à inter-relação entre educação e comunicação, expressas em diversas formas de atuação e metodologias, sob a denominação de educomunicação. A vertente que importa descrever para o desenvolvimento deste estudo é a da produção coletiva de comunicação, que encontramos na metodologia Cala-boca já morreu<sup>36</sup>. Isto porque a oficina de vídeo na qual este estudo foi desenvolvido tomou esta metodologia como fonte de inspiração.

O Cala-boca já morreu (CBJM) é uma organização não-governamental fundada em 2005, em São Paulo (SP), que realiza projetos de educomunicação e oferece anualmente cursos de formação em educomunicação. As atividades do coletivo iniciaram em 1995 com a experiência de um grupo de crianças que realizaram mais de 100 programas em uma rádio comunitária. Desde então o grupo vem trabalhando com crianças, jovens e adultos, usuários de programa de saúde mental e pessoas em situação de rua, em linguagem radiofônica, audiovisual e impressa, dando importantes contribuições para a consolidação deste campo de intervenção: desenvolveu o Projeto Rádio-Escola de Vargem Grande, colaborou no projeto *educom.radio* do NCE/ECA/USP, assumiu a implantação dos projetos Rádio e Vídeo-Escola em toda a rede municipal de Sorocaba, entre outras relevantes experiências (LOPES LIMA, 2009). Do que observou nas primeiras experiências do Cala-boca já morreu, com as crianças que fizeram rádio e posteriormente vídeos, a autora comenta:

Os resultados qualitativos observados no grupo cada vez mais surpreendiam: percepção mais aguçada os levava a maior elaboração do pensamento. Mais espontaneidade, menos medo de expor o próprio corpo, maior disponibilidade para conviver com a diversidade. Fortalecimento da auto-imagem e, consequentemente, maior capacidade de se colocar diante de diferentes tipos de pessoas, independente de idade, nível cultural ou posição social ocupada por elas. (LOPES LIMA, 2009, p.10)

---

<sup>36</sup> A Metodologia Cala-boca já morreu foi criada e desenvolvida pelo Instituto Gens de Educação e Cultura. Posteriormente, a prática realizada pelo Instituto, originou o grupo Cala-boca já morreu, que veio a se institucionalizar enquanto organização não-governamental.

Neste contexto, a prática da educomunicação é encarada como *educação pelos meios de comunicação* e, portanto, os processos educativos são a finalidade e os meios de comunicação são auxiliares do processo. É uma educação que busca desencadear processos de autoria – condição para a constituição de sujeitos autônomos.

Lopes Lima (2009), que é uma das mentoras do projeto, relata que a práxis do projeto CBJM, levou à estruturação de uma metodologia própria, para produções coletivas de comunicação na perspectiva da educomunicação. A metodologia, que não deve ser entendida como manual ou receita para ser repetida na produção de comunicação, mas como forma de sistematizar os procedimentos adotados (e adaptados) nas interações com os grupos, está organizada em “movimentos”: *levantamento e definição de pauta; produção; pré-edição; apresentação; considerações sobre o processo e o produto*. Os movimentos não acontecem necessariamente segundo uma ordem pré-determinada, tampouco em momentos distintos. A ordem em que ocorrem tais movimentos corresponde ao processo de cada grupo, atendendo a circunstâncias, necessidades e preferências específicas.

A metodologia tem algumas características que considero importante destacar:

- Processo de criação coletiva – todos os participantes podem opinar em todas as etapas do processo, e realizar qualquer função no grupo. Não há divisão hierárquica de função, nem propriedade individual da obra, pois o trabalho é de todos(as).
- A participação é horizontal – os mediadores dos grupos cuidam para que nenhuma voz imponha-se e silencie as demais. Independente da idade, escolaridade ou pertencimento étnico-racial, a opinião de todos é igualmente importante.
- Tecer considerações sobre o processo e o produto é um movimento igualmente importante aos demais. Este momento, que não é necessariamente ao final da produção, mas pode acontecer a cada passo do trabalho, conforme necessidade e interesse do grupo, ou é propício para a reflexão crítica sobre os relacionamentos que se estabelecem, conformando uma práxis verdadeira de todos(as) envolvidos(as).
- O processo importa mais do que o produto. O objetivo principal são os processos educativos que decorrem da prática. Desta forma, a qualidade técnica do produto resultante deste processo não pode ser priorizada acima dos processos dos indivíduos que estão em convívio.

- A educação realiza-se como perspectiva libertária e não instrumental. O que se espera é que, do exercício de envolvimento consigo e com o outro, os participantes ressignifiquem suas histórias e se fortaleçam enquanto sujeitos autônomos. Aprender a utilizar os meios, neste sentido, é uma forma de apropriar-se de sua linguagem, de aprender a dizer a sua palavra (FREIRE, 2005) e não deve ser confundido com aprendizado meramente técnico, voltado, por exemplo, para o mercado de trabalho.

Extraio desta descrição que a educomunicação é uma prática, por essência, dialógica. O ambiente dialógico representa a possibilidade de as pessoas dizerem o que pensam, da forma que sabem ou querem dizer. É a possibilidade de ouvirem opiniões diferentes da sua, procurarem entender pontos de vista divergentes, pensarem juntas, elaborarem novas interpretações e discursos, a partir do diálogo com o outro.

Na perspectiva da educomunicação, os encontros (não aulas), não são conduzidos por professores(as), mas por mediadores(as). O(a) mediador(a) dos encontros procura fazer com que todas as pessoas tenham igual direito à fala. E neste ambiente cada um ou cada uma se esforça para elaborar sua palavra com clareza, para ser compreendido pelos demais, e procura ouvir os outros. Então as pessoas se conhecem melhor a si mesmas e às demais.

O(a) mediador(a) é o(a) educador(a) que tem o papel fundamental de mobilizar as condições necessárias para que a educomunicação aconteça. Ele(a) posiciona-se dentro do grupo, com o grupo, mas distancia-se dele o suficiente para enxerga-lo em perspectiva, e assim poder interpretar e devolver suas interpretações, na forma das perguntas que abrem caminho para o grupo avançar em sua tarefa. Nas palavras de Lopes Lima (2009):

É alguém que de dentro do grupo, por intencionalmente desenvolver a sensibilidade, a capacidade de escuta do outro, tem condição de devolver a ele o que percebe na dinâmica das relações que estabelecem. Atento aos movimentos de todos e de cada um em particular tem condição de promover conversa sobre como lidam com uma determinada tarefa, como se tratam ao desenvolvê-la e os tipos de valores expressos nas atividades que juntos realizam. (p.82)

A partir da formação em educomunicação que fiz com o grupo Cala-boca já morreu, bem como de leituras e vivências que se seguiram, compreendo educomunicação como uma forma de intervenção social que, valendo-se da produção coletiva de comunicação, visa desencadear processos educativos e estabelecer relações democráticas, promovendo autonomia e fortalecendo a autoestima daqueles que nela envolvem-se.

Outra característica que se deve destacar é que a educomunicação busca estimular a recepção crítica dos meios de comunicação, e não só isto, procura estimular que a criticidade seja incorporada na atitude dos participantes perante a vida. Em sintonia com Freire (1967, p.44), é “a permanente atitude crítica, o único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação”.

O alerta de Freire encontra eco nas palavras de Martín-Barbero (2000) para quem a construção de cidadãos requer que a educação ensine as pessoas a ler o mundo de maneira cidadã. Isto porque, por trás dos conteúdos veiculados pela mídia por meio de uma sintaxe atraente, sensorial, dinâmica, existem pessoas decidindo que informações e ideias devem ser publicadas ou silenciadas, como e quando os conteúdos devem ser apresentados, segundo interesses ideológicos, políticos e comerciais. Desprovida de olhar crítico, a recepção deste conteúdo resulta em perda da autonomia de pensamento, alienação e dominação ideológica.

Entendo, com Paulo Freire (2005), que a educação somente será transformadora na medida em que promova a reflexão crítica necessária para que homens e mulheres percebam-se como sujeitos nos processos históricos de transformação de uma realidade que não está dada, mas em constante processo de construção, por homens e mulheres apropriando-se da sua linguagem. Este é o processo de construção de sujeitos autônomos buscado nas práticas de educomunicação. Para Kaplún:

A inserção dos meios de comunicação em um programa de auto-educação orientada põe à disposição dos educandos um veículo para que possam se expressar, e, nesta prática de auto-expressão, afirmarem-se, descobrir suas próprias potencialidades. (...) O participante que, rompendo esta dilatada cultura do silêncio que lhe foi imposta, passa a “dizer sua palavra<sup>37</sup>” e construir sua própria mensagem – seja um texto escrito, uma canção, um desenho, uma peça teatral, um títere, uma

---

<sup>37</sup> Kaplún conhecia e valia-se do pensamento de Paulo Freire, do qual traz esta expressão escrita entre aspas.

mensagem de áudio, um vídeo, etc. – Nesse ato de produção expressiva, encontra-se consigo mesmo, adquire, (ou recupera) sua autoestima e dá um salto qualitativo em seu processo de formação<sup>38</sup>. (KAPLÚN, 1998, p.212)

Fica claro, portanto, que nestes espaços, os participantes desenvolvem a elaboração de seus próprios pontos de vista, conhecendo e/ou fortalecendo sua expressão individual. Conhecendo a si próprias e fortalecendo-se em sua individualidade, as pessoas podem ser elas mesmas, libertando-se de referenciais simbólicos construídos a partir de experiências alheias (LOPES LIMA, 2009) e constituindo os seus próprios referenciais.

As experiências de produção coletiva de comunicação na perspectiva da educomunicação, no Brasil, têm envolvido pessoas de diversos perfis sociais e em diversos contextos, como ambiente escolar, centros comunitários, organizações do terceiro setor, unidades de conservação e parques, entre outros.

Além do caso estudado nesta pesquisa, são escassos os registros de trabalhos de educomunicação realizados junto à população idosa. Encontrei registro de uma experiência desenvolvida entre os anos 1998 e 2001 na Universidade Aberta à Terceira Idade da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco, com sede na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco (UNATI FITO-FEAO).

O curso da UNATI tinha duração de dois anos e era dividido em quatro módulos, sendo que no módulo IV buscava-se propiciar a adaptação dos alunos e alunas, pessoas com mais de 40 anos, às novas tecnologias disponíveis no cotidiano e delineiar possibilidades de participação nas políticas sociais (LIMA, 2001). Sob coordenação da professora da disciplina Multi-Meios, Grácia Lopes Lima, turmas de idosas e idosos fizeram um programa de rádio e uma revista. O programa de rádio, *Embalos de domingo à tarde*, era veiculado aos domingos em uma rádio comunitária de Osasco-SP, e gerou 25 horas de apresentação ao vivo. A revista *Engrama*, com textos, ilustrações, edição, produção e contatos comerciais feitos pelas idosas e idosos, manteve oito edições, entre 2000 e 2001.

Lopes Lima (2009) observou que, “ao se apropriarem de diferentes linguagens e tecnologias, ao mesmo tempo em que passam a usá-las a favor de si mesmos, tornam-se mais seguros, mais altivos, fortalecidos” (p. 45).

---

<sup>38</sup> Tradução minha.

O editorial da edição de número 4 da revista foi escrito por uma aluna, que elaborou da seguinte forma o significado que estava atribuindo à produção de comunicação: “Não pretendemos impor visão de mundo. Queremos incluir nosso ponto de vista sobre assuntos nem sempre abordados pela mídia e que são necessários para compreender melhor o novo conceito de velhice que adotamos para nossas vidas.” (ANDRADE, 2000)

Entendo que a Educomunicação, como campo de saber e fazer, estará sempre em processo de construção. Diante do curto período de poucas décadas de práxis, diante da ágil dinâmica de mudanças nas relações sociedade/tecnologias de comunicação e das muitas possibilidades de intervenção ainda não experimentadas, considero que os escritos teóricos que estamos produzindo referente à educomunicação possam ser retrato de um momento fugaz, mas não menos importante, pois testemunham o processo desta construção.

Com as descrições e considerações deste capítulo, que são apenas um recorte possível do campo atual, procurei contextualizar a prática de educomunicação dentro da qual desenvolvi esta pesquisa. Resgatando as considerações apresentadas no início deste capítulo, considero válido reafirmar a prática da educomunicação como uma prática social, na medida em que, conforme descrito, nesta prática as pessoas reúnem-se e convivem no diálogo de intersubjetividades, trocam saberes, se conhecem a si e às outras e se reconhecem. Unidas entorno da tarefa de produzir comunicação, aprendem a dizer a sua palavra e se fortalecem enquanto sujeitos históricos.

## **II – ENCONTRO DOS TERRITÓRIOS**

### **Capítulo 4 – Descrição do campo**

#### **4.1 - Os programas para a população idosa**

A partir dos anos 1960 começaram a surgir, no Brasil, a partir de programas do Serviço Social do Comércio (SESC), iniciativas que visavam possibilitar um envelhecimento saudável. Na década seguinte, a Legião Brasileira de Assistência e universidades, como a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), iniciaram programas neste sentido. Da década de 80 para cá, estas iniciativas proliferaram e passaram a ser tratadas no âmbito das gestões públicas. Conselhos e comissões vêm sendo formados nos níveis federal, estadual e municipal para assessorar as administrações nas políticas públicas. As universidades vêm aumentando sua participação, com a criação do campo da gerontologia, a implantação de universidades abertas à terceira idade e a promoção de pesquisas e programas voltados ao processo de envelhecimento (DEBERT, 1999).

Segundo Debert (1999, p.147), a tônica geral dos programas e propostas “é rever estereótipos e preconceitos por meio dos quais se supõe que a velhice seja tratada na nossa sociedade”. Os programas foram criados para resgatar a dignidade do idoso, reduzir os problemas de solidão, quebrar estereótipos que os indivíduos tendem a internalizar e promover o exercício da cidadania. A maioria deles foram inspirados no Plano de Ação Mundial sobre o Envelhecimento (ONU, 2003), gerado na II Assembleia Mundial do Envelhecimento, realizada em Madrid em 2002, como objetivo de promover o desenvolvimento de uma sociedade para todas as idades.

Este documento é organizado a partir de três grandes grupos de Orientações Prioritárias, dentro dos quais estão desenvolvidos dezoito temas, tais como “Acesso ao conhecimento, à educação e à capacitação”, “Erradicação da pobreza”, “Acesso universal e equitativo aos serviços de assistência à saúde”, “Moradia e condições de vida”, “Abandono, maus-tratos e violência” e “Imagens do Envelhecimento”. Cada tema é apresentado com informações e considerações iniciais, a que seguem objetivos e medidas para orientar as ações dos países signatários, tendo como o objetivo geral que

em todas as partes, a população possa envelhecer com segurança e dignidade e que os idosos possam continuar

participando em suas respectivas sociedades como cidadãos plenos de direitos (BRASIL, 2003, p.29).

Embora a execução plena e o acompanhamento dos compromissos dos Estados firmados na carta tendam mais à utopia do que à realização concreta, os esforços empreendidos devem ser vistos como avanços, na medida em que tais documentos legitimam as reivindicações da população por seus direitos. A sociedade civil interessada na construção desta sociedade para todos, independente da idade, é peça fundamental na concretização das intenções anunciadas neste tipo de documento.

No Brasil, temos a Política Nacional do Idoso, criada pela Lei nº. 8.842/1994 com objetivo de assegurar os direitos sociais do idoso, garantir condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, e o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003) criado para “regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.” (BRASIL, 2003). Estes documentos subsidiam as ações institucionais e políticas públicas voltadas para a população idosa.

As mulheres, principais usuárias dos programas para a população idosa, costumam relatar com entusiasmo que sentem-se mais felizes e livres com a chegada à terceira idade e o ingresso nas novas atividades, uma vez que, após terem passado a maior parte da vida trabalhando, em casa e fora de casa, agora podem dedicar o tempo para si próprias, aprender coisas novas e fazer novas amizades. (DEBERT, 1999, MOTTA, 1994).

Para CAMARANO (2003, p. 59), o processo de mudança de significados do envelhecimento na vida das mulheres brasileiras é mais perceptível principalmente nas duas últimas décadas do século XX, por sua palavra:

Há não muito tempo atrás, o envelhecimento trazia para as mulheres brasileiras pobreza e isolamento da esfera social. A grande mudança dos últimos vinte anos é que o final da vida ativa e a viuvez não significam necessariamente isso.

Para uma grande maioria de pessoas, pode significar uma nova fase no ciclo de vida, a qual Laslet (1996) denomina de a “fase do preenchimento”.

Inaugurar um novo e duradouro ciclo de vida, no qual as mulheres iniciam novos projetos, faz parte desta forma contemporânea de encarar o envelhecimento, fortemente estimulado nos programas e espaços para terceira idade. Uma consequência importante deste processo é a desconstrução de estereótipos, conforme aponta Marques:

Os espaços dos grupos de “terceira idade” muito contribuíram para questionar os próprios espaços convencionados às pessoas envelhecidas. Mulheres romperam o estereótipo da “vovó” – aquela que continuaria sua responsabilidade doméstica na função de cuidar dos netos. Elas foram para os grupos de idosos(as), lugares de encorajamento também, e de lá para os bailes, as viagens, os estudos, os cuidados com a aparência física, etc. (MARQUES, 2010, p.220)

A questão do encorajamento e construção de novas imagens do envelhecimento também é abordada por Lopes (2006). Segundo ela, nestes espaços, as pessoas idosas encontram condições propícias para seu fortalecimento pessoal, o que ajudará no enfrentamento de condições adversas que a elas se apresentam no processo de envelhecimento. Isto se dá pela possibilidade de socialização e convivência. Encontrando pessoas com afinidade etária e outras afinidades, as pessoas idosas podem sentir-se mais acolhidas, respeitadas, e livres para expressar seus problemas. Desta forma, é possível o fortalecimento, no apoio mútuo com pessoas que enfrentam dificuldades semelhantes, ao passo que se desmistificam as imagens negativas da velhice. “Resgatar a sensação de pertencimento implica ultrapassar as representações primordialmente atribuídas à velhice” (LOPES, 2006, p.93). Debert (1999, p.65) complementa:

As novas imagens e as formas contemporâneas de gestão da velhice no contexto brasileiro são ativas na revisão dos estereótipos pelos quais o envelhecimento é tratado, desestabilizando imagens culturais tradicionais. As novas imagens oferecem também um quadro mais positivo do envelhecimento, que passa a ser concebido como uma experiência heterogênea em que a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais neste estágio da vida, são redefinidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer fase. Possibilitaram, ainda, a abertura de espaços para que novas experiências de envelhecimento pudessem ser vividas coletivamente. Neles é possível buscar a auto-expressão e explorar identidades de um modo que era exclusivo da juventude. Estes espaços estão sendo rapidamente ocupados pelos mais velhos.

Como podemos ver, a autora acrescenta que uma característica marcante do processo de reinvenção da velhice é a valorização da juventude, “associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico” (DEBERT, 1999, p.66). A autora alerta que as mudanças mencionadas acima, ao invés de afirmar e positivar a

velhice promovem a negação da velhice, com a promessa da eterna juventude, segundo a qual, também os velhos, podem ter atitudes joviais. Neste sentido, nos espaços de encontro da terceira idade, a celebração da alegria e da atitude jovial intimidariam as expressões de dor, cansaço e tristeza, atribuídos à velhice.

Ainda de acordo com Debert (1999) homens idosos, que estão engajados no movimento dos aposentados, na luta por melhores condições para toda a população idosa, criticam estes espaços por despolitizarem a população idosa, na medida em que a ocupa com atividades voltadas para o bem estar individual e não tratam dos problemas coletivos. O próprio processo de positivação do envelhecimento em que estão engajadas instituições, profissionais, grupos de idosos e idosas, deve ser olhado com atenção, pois, apresentaria riscos às políticas públicas e direitos conquistados pela população idosa. Por um lado vivemos um processo de socialização, e por outro, de reprivatização do envelhecimento<sup>39</sup>. Estas reflexões apontam as contradições da reinvenção do envelhecimento, evidenciando a complexidade da questão. Embora não seja propósito deste trabalho promover uma discussão aprofundada destas contradições, considerei importante registrar sua existência.

Como pudemos notar, abordar o tema do envelhecimento significa deparar-se com um amplo arco de situações e perspectivas, muitas vezes dissonantes. Em meu entender, tais questões devem ser dialogadas e refletidas junto às pessoas idosas que vivem a realidade de serem idosas em nossa sociedade e devem ser consideradas como as verdadeiras autoras de sua história. A ressignificação do envelhecimento deve passar por uma reflexão crítica protagonizada pelas pessoas idosas, processo no qual as contribuições de profissionais e pesquisadores devem ser colocadas à disposição, como auxílio técnico. Julgo ser fundamental na construção de conhecimento a que estamos nos propondo, a escuta atenta do que têm a dizer as pessoas idosas, sobre os significados que atribuem ao envelhecimento, sobre seus direitos e aspirações. Entendo que a

---

<sup>39</sup> Debert (1999) defende que se a velhice foi durante um tempo uma questão para as famílias, nas últimas décadas do século XX ela se tornou pública, baseando-se na visão da pessoa idosa como portadora de fragilidades sociais e carente de cuidados do Estado. Mas hoje poderia novamente ser considerada uma questão privada, na medida em que responsabiliza o indivíduo por sua qualidade de vida. Existem as políticas de orientação para promoção da saúde, espaços para fazer exercícios e buscar socialização, de modo que, aqueles que se isolam, adoecem e tornam-se dependentes, estariam vivendo as consequências das suas escolhas. Programas voltados à terceira idade, como experiências inovadoras e bem-sucedidas de reinvenção do envelhecimento, serviriam a este processo de reprivatização, na medida em que invisibilizam as situações de abandono e dependência por que passam outros idosos.

conscientização e o enfrentamento das supostas situações de opressão só podem emergir da práxis protagonizada pelas pessoas idosas, em diálogo e socialização.

#### **4.2 - População idosa em São Carlos**

Dados do censo populacional realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, revelam que hoje o Brasil tem uma população idosa urbana<sup>40</sup> superior a 17,32 milhões de pessoas. Desta, 57% são mulheres e 43% são de homens. A razão entre população masculina e feminina repete-se na população do estado de São Paulo e do município de São Carlos. Na faixa de idade entre 60 e 74<sup>41</sup> anos, esta razão muda um pouco: 55% da população idosa urbana nesta faixa etária em São Carlos, e em São Paulo é feminina, e 45% masculina. Em números absolutos, em São Carlos, que em 2010 havia um total de 213.061 pessoas vivendo na cidade, 10.742 eram mulheres na faixa etária entre 60 e 74 anos. Neste aspecto, verifica-se que quanto mais alta a faixa etária, maior a diferença entre a população idosa masculina e feminina, o que confirma que as mulheres estão vivendo mais tempo a sua velhice do que os homens. Por exemplo, em São Paulo a população urbana com idade entre 90 e 99 anos é 70% feminina e 30% masculina. (APÊNDICE A - Ordenação dos dados do CENSO 2010)

No tocante à escolarização mínima, observa-se que 69% da população urbana com idade igual ou superior a 60 anos no Brasil em 2010, se declarara alfabetizada. Em todos os espectros<sup>42</sup> de idade acima de 60 anos, tanto no total do país como em São Carlos, a porcentagem de mulheres alfabetizadas é inferior à de homens alfabetizados, atestando que a desigualdade de oportunidades entre meninos e meninas era mais acentuada há algumas décadas atrás, de modo que elas tinham menos acesso à educação básica do que eles.

Os dados do censo mostram também que, quanto maior a idade, menor o grau de alfabetização da população. No Brasil, 84,02% da população com idade entre 60 e 64 anos declarou-se alfabetizada em 2010. Já entre as pessoas com idade entre 75 e 89 anos, este índice cai para 71,55%, e entre pessoas com 100 anos ou mais, para 41,05%.

---

<sup>40</sup> Fiz este recorte, tomando apenas a população que reside na cidade, por que este é potencialmente o público das atividades para a terceira idade, e como vimos acima, deve-se levar em conta as diferentes experiências de envelhecimento, sendo que ter domicílio no campo ou na cidade é um fator importante nesta diversificação de perfis.

<sup>41</sup> Considerei este recorte de idade pois corresponde ao recorte do grupo participante da pesquisa.

<sup>42</sup> Os dados estão agrupados em faixas de 60 a 64 anos; 65 a 69; 70 a 74; 75 a 79; 80 a 89; 90 a 99 e 100 anos ou mais.

Em São Carlos, a média de alfabetização de pessoas com idade entre 60 e 74 anos é superior à média nacional: 90,60% em São Carlos, 79,99% no Brasil. A porcentagem de mulheres alfabetizadas na cidade nesta faixa etária é de 88,69%, considerando a população urbana. Em números absolutos, em 2010, havia 9.583 mulheres alfabetizadas com idade entre 60 e 74 anos, vivendo na região urbana da cidade de São Carlos (IBGE, 2010).

#### **4.3 - Centro de Referência do Idoso**

O Centro de Referência do Idoso (CRI) Vera Lucia Pilla é um equipamento público municipal que oferece atividades físicas e culturais para a população idosa e promove acompanhamento gerontológico das pessoas que frequentam, em parceria com o curso de Gerontologia da UFSCar. As atividades do centro são gratuitas, o que garante o acesso da população de baixa renda interessada em participar dos programas para a terceira idade<sup>43</sup>.

A unidade, que inicialmente era um Centro Comunitário, passou a direcionar o atendimento à população idosa em 2001, primeiro ano da gestão petista em São Carlos, constituindo o primeiro (e único até o momento), centro de referência do idoso do município. A educadora Nilva Helena Rodrigues, conta que desenvolvia um trabalho com pessoas idosas no salão da igreja São Nicolau de Flue, na zona sul da cidade, na condição de funcionária da prefeitura e solicitou à Secretaria de Cidadania e Assistência Social, um espaço adequado para atender a este público, uma vez que o salão da igreja apresentava barreiras físicas inadequadas para a função.

Assim, o Centro Comunitário Vera Lucia Pilla, que à época estava sendo pouco frequentado pela população jovem e apresentava condições físicas mais adequadas do que o salão da igreja, foi transformado em Centro de Referência do Idoso Vera Lucia Pilla e passou a atender somente pessoas com mais de 60 anos. Na ocasião, Nilva Helena liderou a formulação de um programa de atividades específico para o trabalho com a população idosa, chamado *Vida e Movimento*.

---

<sup>43</sup> A Prefeitura Municipal de São Carlos, por meio da Fundação Educacional de São Carlos (FESC) mantém, além deste, outro espaço para a população de São Carlos que esteja interessada em participar de programas específicos para a terceira idade, a Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI). A UATI tem duas unidades, uma delas com piscina adequada à população idosa, e atende mediante pagamento de matrícula e mensalidade.

Até 2010, o CRI oferecia aulas de dança, ginástica e artesanatos diversos, acompanhamento de exercícios em uma sala com aparelhos de ginástica e aulas do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) e atendia cerca de 180 pessoas idosas. O espaço que fica no bairro da Vila Isabel, em São Carlos, conta com uma quadra de esportes, onde ocorriam os treinos de vôlei e os eventos sociais com público ampliado, como as festas juninas. As pessoas idosas que frequentam o CRI, além das atividades rotineiras oferecidas, costumam fazer viagens em excursão, seja a passeio, seja para fazer participações em eventos esportivos e culturais.

Desde julho de 2010, devido a uma reforma no seu espaço próprio, o CRI vem funcionando em espaços provisórios. O espaço ocupado atualmente para as atividades do CRI é um salão emprestado da igreja São José, com um banheiro feminino e um masculino e uma cozinha ao fundo. Os profissionais contratados do CRI fizeram uma adaptação com biombo para dividir o salão, criando um espaço para a administração, com mesa de reuniões, armários e computadores. Os aparelhos de ginástica não foram instalados no salão emprestado por falta de espaço. Como o espaço possui apenas uma porta de entrada, todas as pessoas que precisam acessar a cozinha ou a administração, atravessam o salão onde as atividades ocorrem. A oficina de vídeo que coordenei foi realizada neste salão, com prejuízos decorrentes da dispersão e do barulho resultante da condição descrita.

Desde o fechamento para a reforma, o público atendido pelo CRI diminuiu. Atualmente, é frequentado por cerca de 100 pessoas idosas, sendo a maioria mulheres.

#### **4.4 - As participantes**

Para eleger as pessoas que participariam do estudo, adotei os seguintes critérios: a pessoa deveria ser mulher, ser idosa (não necessariamente ter mais de 60 anos de idade, mas identificar-se com este grupo social) e estar participando da oficina de vídeo. Às cinco mulheres que participaram da oficina foi feito o convite para participarem da pesquisa e todas elas aceitaram.

Em março de 2012 compareci ao CRI em diversos horários em que ocorrem atividades, com o propósito de convidar as mulheres que lá frequentavam, a participar da oficina de vídeo. Os professores do CRI, Nilva e João, ajudaram na divulgação, reforçando o convite junto a suas alunas. Cinco mulheres aceitaram o convite, sendo que

uma delas não pôde continuar por problemas de saúde e durante o percurso recebemos uma nova interessada.

Quatro das participantes são maiores de sessenta anos, usuárias dos serviços do CRI e estão buscando, neste e em outros espaços, estabelecer e manter relações de amizade e cuidar de sua saúde, sendo que todas se referem a tais espaços como muito importantes para sua qualidade de vida. Uma das participantes é professora de dança no CRI e em outros centros comunitários da cidade.

Ainda que tenham em comum as atividades do CRI, as participantes apresentam diferentes condições sociais, graus de instrução, histórias de vida e formas de vivenciar o envelhecimento. Podemos dizer que tal diversidade, encontrada neste pequeno grupo, reflete a diversidade de velhices existentes na população como um todo. Todas elas, ao longo dos últimos anos, trabalharam dentro e fora de casa, sendo que duas delas começaram a trabalhar fora de casa aos onze anos de idade para ajudar nos rendimentos da família. Duas das cinco mulheres tem familiaridade com a internet, mantém contas de email e utilizam redes sociais e as demais não utilizam o computador.

As participantes autorizaram informar seus nomes verdadeiros e divulgar suas imagens na dissertação:



Aparecida Chiquetano Casarin, que chamamos de Cida, tem 72 anos, é casada e mora a duas quadras de distância da Igreja São José. Estudou até o 1º ano colegial, começou a trabalhar aos “20 e poucos” anos, na Delegacia de Saúde do Estado. Está aposentada. Apesar de hoje estar passando por um tratamento contra o câncer, parece sempre bem disposta. No que se refere à sua relação com o audiovisual, Cida conta que ia ao cinema quando moça, citando o Cine Avenida, Cine São Carlos, Cine São José. Há alguns anos atrás, Cida comprou uma câmera de vídeo para registrar temas familiares, mas não chegou a utilizar por muito tempo. Em sua casa a televisão fica ligada o dia todo, enquanto ela está em casa. Tem televisão em diversos cômodos da casa. Cida assiste novelas, filmes na *Sessão*

*da Tarde* (Rede Globo), noticiários e programas de auditório populares. Outros meios que utiliza para manter-se informada são a leitura de jornais e o rádio.

Cida afirma que participar das atividades do CRI é importante para ela, referindo-se ao espaço como uma escola: “eu encontrei minha escola”. No primeiro encontro da oficina, pedimos que todas se apresentassem, falando um pouco de si. Após dizer seu nome, com timidez, Cida disse que não sabia falar.



Maria Lucia Pomponio, a Malu, tem 67 anos e nasceu em Rio Claro (SP). É viúva, mora sozinha, tem 3 filhos, 9 netos e 1 bisneta. Começou a trabalhar aos 10 anos de idade. É muito ativa. Gosta de acordar cedo, cuidar rapidamente da casa e das cachorras para poder sair e fazer atividades fora de casa. Participava do grupo de dança e de paródias do CRI, quando estes existiam. Frequentou a escola durante poucos anos, completando o primário<sup>44</sup>. Em um dos exercícios que fizemos na oficina, Malu declarou que gosta da vida e quer viver até os 90 anos. Malu encarna o tipo que Flavia Motta (1998) descreve como “faceira”: aquela que depois de idosa não abandona a sua feminilidade, que trabalha sua estética, utiliza roupas e acessórios chamativos. Malu parece divertir-se encarnando o estilo “assanhada”, e gosta de se “embonecar”<sup>45</sup>. Conta que quando era mais nova costumava se embonecar, mas depois que casou e vieram os filhos, o orçamento ficou limitado e ela sempre priorizava comprar coisas para eles, não sobrando dinheiro para comprar roupa para ela própria. Nesta fase da vida andava “vestida de qualquer jeito” e ia trabalhar de chinelo de dedo. Depois de viúva voltou a se “embonecar”. Malu não gosta de ver noticiários porque estes mostram muita tragédia e ela fica preocupada com seu filho, que mora em São Paulo. À noite, senta-se na calçada para conversar com os vizinhos.

<sup>44</sup> O 5º ano do Ensino Fundamental de hoje corresponde ao que, antigamente chamávamos 4ª série, que era considerada o último ano do primário.

<sup>45</sup> *Embonecar* é o termo utilizado por ela para dizer embelezar-se, cuidar-se, arrumar-se.



Nilva Ferrari Bellasalma, que tratarei no trabalho por Nilva F, tem 75 anos, é nascida em São Carlos, casada, tem três filhos e cinco netos, é professora aposentada. Mora perto da Igreja São José e começou a frequentar o CRI há pouco tempo. Nilva F juntou-se ao grupo de vídeo depois das outras participantes. Ela ainda não estava participando quando o grupo realizou o primeiro filme, mas chegou conhecendo bem o projeto, pois havia pesquisado sobre ele na internet, visitando o blog e assistindo aos vídeos. Ela utiliza email e redes sociais com frequência.

Nilva F é espirituosa e bem humorada, faz gracejos e comentários divertidos.

Ela diz que seu marido e ela se amam e se tratam com muito carinho. Diz que ele sente um pouco de ciúme por ela ficar saindo, mas ele “sabe que não tem nada errado” com isso. Ela conta que na época que ele ainda tinha uma loja na cidade, ela não participava das atividades da terceira idade, porque não podia sair sem dar café da manhã para ele, que ele não sabe ajeitar o café sozinho, pegar a xícara, etc. Agora ele também está aposentado e dorme até mais tarde, então ela pode sair para fazer ginástica no CRI e voltar a tempo de servi-lo. Ela não vai aos bailes e festas porque seu marido não gosta de ir, mas conforma-se com esta situação.



Nilva Helena Rodrigues, que será tratada por Nilva H no texto, tem 57 anos, é sancarlense, casada, professora de dança, funcionária da Prefeitura Municipal de São Carlos - Secretaria de Cidadania e Assistência Social, coordenadora do projeto *Vida e Movimento*, realizado no CRI. Devido à lacuna na

equipe do CRI, que não dispõe de um funcionário encarregado da direção desde o falecimento da antiga diretora, em 2010, Nilva H também desempenha funções administrativas no local. É formada em Artes Plásticas pela Unijaboticabal e especialista em Gerontologia pela Unicep e há cerca de 20 anos ela dá aulas para a terceira idade.

Nilva H tem personalidade forte, é emotiva e deixa transparecer suas emoções com frequência. Se expressa com intensidade e parece estar sempre criando coisas novas. Nilva é querida entre suas alunas do CRI, do CRAS da Santa Felícia, e da FESC da Vila Prado (Projeto Vida e Movimento), com quem cria coreografias e paródias. Conhecendo-a desde 2007, pude perceber que ela tem um sério compromisso com a população idosa com quem trabalha.



Zuleika Clarice Mendes Bartholomeu tem 64 anos, é sancarlense, casada, tem um filho. Completou o ensino primário e precisou parar os estudos, pois a família não teve recursos para continuar mantendo-a na escola. Posteriormente, buscou outros cursos. Começou a trabalhar muito cedo, aos 11 anos de idade, na mesma fábrica de flores para grinalda que a Malú trabalhou. Mora no bairro Vila Prado e vai de ônibus para a oficina de vídeo. Além do CRI, ela frequenta atividades para a terceira idade na FESC Vila Prado (Projeto Vida e Movimento), no projeto da Secretaria Municipal de Esportes no estádio de futebol Luiz Augusto de Oliveira e no Centro Professorado Paulista (CPP). Ela presta serviço na UFSCar, no curso de medicina, como “paciente simulado”, em que interpreta o papel de paciente em simulações de consulta, para ajudar no treinamento profissional dos estudantes de medicina. Sua família apoia que ela participe das atividades e projetos que ela quer participar. Zuleika é enfática ao dizer que gosta da convivência e das amizades que constrói nestes espaços. Ela é muito cuidadosa nas suas colocações, às vezes parecendo insegura. Fala baixinho, pedindo licença para ocupar espaço e evita disputar a fala. Ela não assiste muito à televisão, não vê novelas, diz que gosta mais do rádio e de ouvir música. Assim como Malú, depois do jantar gosta de conversar com as vizinhas na calçada.

## **Capítulo 5 – Metodologia de pesquisa**

Neste capítulo, faço considerações sobre os caminhos percorridos no desenvolvimento da pesquisa, e descrevo os procedimentos de coleta e análise de dados utilizados.

Quando falamos em metodologia de pesquisa, estamos referindo-nos ao modo de aproximação da realidade, ao caminho escolhido para tentar responder a uma pergunta. O método é definido a partir do objeto de pesquisa, que se constrói, por sua vez, a partir de uma visão de mundo e uma intencionalidade. “Diferentes concepções de realidade determinam diferentes métodos” (GAMBOA, 2007, p. 29).

Portanto, quando se busca compreender processos educativos, trabalha-se com metodologias qualitativas, pois estas atendem a questões situadas no “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1994, p.22).

Dante da questão de pesquisa *como a prática da produção coletiva de comunicação pode se relacionar à ressignificação da velhice por mulheres idosas*, desenvolvi um estudo de caso referente à oficina de vídeo realizada no CRI Vera Lucia Pilla.

O estudo de caso não é considerado um método específico de pesquisa, mas uma forma particular de estudo, na qual o conhecimento construído deriva do caso estudado e do que se pode aprender com ele. A opção por esta forma é feita a partir do objeto escolhido para a pesquisa. (ANDRÉ, 2005).

Entende-se estudo de caso como o processo de delimitar um caso específico e particular (ou um conjunto de casos), conhecê-lo profundamente, retrata-lo e analisa-lo em diversos aspectos, tomando-o como referência para revelar a multiplicidade de dimensões presentes naquela determinada situação, evidenciando as inter-relações entre seus componentes. O estudo de caso pode permitir compreender melhor a realidade dos agentes sociais, suas histórias e lutas e as relações existentes com o contexto em que o caso está inserido.

É possível, também, a partir do estudo de caso, estabelecer relações entre um caso específico, inserido em determinada realidade, e outros casos de outros contextos. Neste sentido, Lüdke e André aportam que:

O caso pode ser similar a outros, mas ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. Segundo Goode e Hatt (1968), o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 17)

Segundo Chizzotti (2006), o caso deve ser apto para permitir generalização a situações similares ou autorizar inferências em relação ao contexto da situação analisada. Ou seja, a leitura do estudo de caso permite ao leitor fazer transposições e analogias do caso estudado para outros contextos, refletir de que forma aquela experiência pode ser ou não válida para sua própria realidade ou para outras.

André (2005) descreve algumas qualidades usualmente atribuídas a esta forma de pesquisar a realidade. Uma delas é:

o seu potencial de contribuição aos problemas da prática educacional. Focalizando uma instância em particular e iluminando suas múltiplas dimensões, assim como seu movimento natural, os estudos de caso podem fornecer informações valiosas para medidas de natureza prática e decisões (p. 35-36)

A opção pelo estudo de caso no presente trabalho justifica-se, portanto, pelo fato de que o objeto de minha pesquisa – os processos educativos vivenciados em uma oficina de vídeo para mulheres idosas – representa uma experiência particular, que observada em múltiplas dimensões, poderia ajudar a compreender a realidade das participantes, as relações que estabelecem com o seu contexto e sua compreensão a respeito delas, bem como, poderia trazer contribuição para reflexões no campo da educação de pessoas idosas e da educomunicação.

Em geral o estudo de caso emprega técnicas de coleta de dados utilizadas em estudos sociológicos ou antropológicos, como por exemplo, observação participante, análise de documentos, gravações, anotações de campo. “Mas não são as técnicas que definem o tipo de estudo, e sim o conhecimento que dele advém” (ANDRÉ, 2005, p.16).

## **5.1 – Procedimentos de coleta de dados**

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada no período compreendido entre abril e julho de 2012, após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, conforme parecer

n. 062/2012 (ANEXO A) e com o consentimento das participantes, documentado em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B).

Para a coleta dos dados, optei por utilizar a observação das situações vivenciadas no grupo, com registros em diário de campo, atentando-me às falas, ações, atitudes, e outras expressões das participantes do estudo. Este procedimento exige sensibilidade e acuidade do(a) pesquisador(a), na tentativa de captar, simultaneamente, o todo da situação observada, e os menores detalhes que o compõe.

Em pesquisas desta natureza, o(a) pesquisador(a) convive com os sujeitos da pesquisa, participando de suas práticas, vivenciando presentemente as situações do grupo, ao mesmo tempo em que desempenha a observação, procurando ver a cena aparente e ver o que está além das aparências, ouvir cuidadosamente as palavras e também aquilo que não é verbalizado. Neste sentido, a pesquisa pode atingir maior profundidade e consequentemente maior potencial de contribuição real para transformação social, quanto mais atento forem o olhar e a escuta do pesquisador, e mais firmes forem os laços de confiança estabelecidos na convivência com o grupo. A respeito do papel da convivência neste procedimento de pesquisa, Oliveira traz a seguinte contribuição:

A convivência permitirá perceber o que cotidianamente aflige as pessoas e, assim, repensar trabalhos coletivos e políticas públicas, tornando-os mais condizentes com a concretude do cotidiano. Conviver é mais do que visitar e, não sendo algo que possa ser delegado, requer um envolvimento pessoal de observação, questionamento e diálogo. (OLIVEIRA, 2009, p.4)

As informações que coletava, eu registrava, logo após os encontros com as participantes, em um documento chamado diário de campo. O diário de campo é um registro textual em que o(a) pesquisador(a) anota, após cada encontro, os fatos, falas, situações vivenciadas, impressões pessoais, reflexões ou perguntas, enfim, as informações todas que considera úteis para a pesquisa. (APÊNDICE C – trecho do diário de campo)

Complementando esta ferramenta de registro, utilizei gravações de nossas reuniões, em áudio e vídeo, bem como material filmado pelo próprio grupo. Assistindo e ouvindo este material, pude complementar detalhes que haviam passado despercebidos e pude transcrever parte das falas a fim de obter maior precisão das expressões das participantes.

A coleta de dados se deu nos encontros com o grupo durante a oficina, em reuniões no salão da igreja e nas saídas para gravação nas ruas próximas à igreja. Complementando estes eventos principais relacionados à oficina, participei de algumas aulas de ginástica no CRI, participei da festa junina do CRI e assisti a três reuniões do Conselho Municipal do Idoso de São Carlos. Estas atividades complementares contribuíram para que eu conhecesse melhor o contexto do CRI e as discussões sobre políticas públicas para a população idosa no município.

## 5.2 - Procedimentos de análise

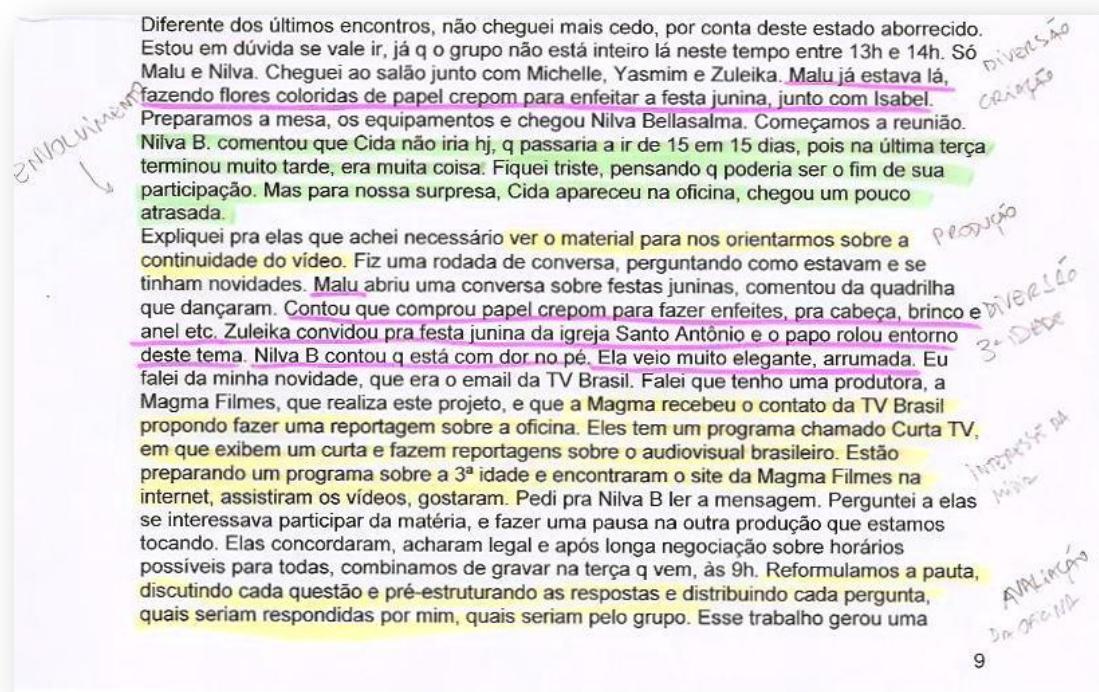
Para definir os procedimentos de análise dos dados, inspirei-me nos passos propostos por Minayo (2004):

- ordenação dos dados - leituras das notas e transcrição das gravações;
- classificação dos dados - leitura repetida dos documentos para apreender as ideias centrais e estabelecer as categorias empíricas que deles emergem;
- leitura transversal dos registros - enxugamento da classificação, reagrupamento e reordenação por temas;
- análise final - articulações entre as informações e as referências teóricas adotadas.

Acolhendo sugestão colocada por meu grupo de pesquisa, acrescentei a estes quatro passos propostos, antes da análise final, uma *análise compartilhada* com as participantes do estudo. A análise compartilhada consistiu na apresentação e discussão com as participantes, da análise prévia dos dados. Nesta ocasião foi possível solicitar esclarecimentos, complementar informações que julguei incompletas e aprofundar algumas ideias relevantes para a pesquisa. O grupo se envolveu com este trabalho, procurando entender o processo da pesquisa e discutindo conceitos. As participantes sentiram-se valorizadas por fazer parte de uma produção de conhecimento sistematizada no universo acadêmico.

Na classificação dos dados, procurei destacar trechos do diário de campo e da transcrição, buscando elementos que guardavam maior relação com a questão de pesquisa. Na etapa seguinte, após reler algumas vezes o material, codifiquei o texto,

marcando elementos correlatos com grifos da mesma cor, e sinalizei com palavras-chave ao lado do trecho destacado, como exemplificado na imagem a seguir:



Busquei nos trechos destacados, identificar dados, ideias e sentidos, que por proximidade de sentido pudesse agrupar, para melhor comprehendê-las no passo seguinte.

Selecionei os temas mais significativos, levando em consideração a frequência com que se manifestaram, bem como a relevância para responder à pergunta de pesquisa. Por exemplo:

No primeiro dia de gravação, em 02 de maio, 5º encontro, anotei no diário de campo: “(...) Nilva H e Zuleika procuraram ajudá-la, Zuleika dando dicas e Nilva dirigindo. (...) Elas perguntaram algumas vezes se estavam fazendo certo, se tinha ficado bom.”.

No dia 26 de junho, 14º encontro, anotei: “Cida está muito interessada em aprender a mexer na câmera e a filmar. Ela quer comprar uma câmera. Comentou que há muitos anos atrás chegou a comprar uma filmadora, mas sua filha comentou que a mãe não tinha jeito pra essas coisas e pegou o equipamento para si.”

Já nas anotações do dia 03 de julho, no 15º encontro, quando filmamos umas às outras, registrando nossos próprios depoimentos sobre a oficina, encontra-se: “...Nilva F

disse „estamos nos sentindo tão importantes fazendo filmagem! A Cida operando a máquina, a outra segurando o microfone... tá tudo muito legal, viu gente? me sinto realizada!“

Por ocasião do primeiro agrupamento que fiz, identifiquei, nestes destaques, sinalizações sobre a vontade de aprender, a insegurança inicial e a alegria de reconhecer a própria capacidade de fazer e criar. Estas passagens posteriormente foram agrupadas com outras, também por proximidade de sentido.

Para permitir melhor visualização destas divisões, sem perder o específico de cada elemento e sua relação com o todo, montei e alimentei uma tabela em que constava o nome provisório da categoria temática, o trecho destacado e sua localização no documento, conforme exemplificado na imagem a seguir:

TEMA	CONTENTAMENTO (ESPECÍFICOS DESTA PRÁTICA)	
	PASSAGEM	N. PÁGINA NO DIÁRIO
OCUPAR NOVOS ESPAÇOS / OCUPAR SEU ESPAÇO (SER MAIS)	Zuleika propôs e defendeu vídeo sobre envelhecimento ativo. Elas todas queixam que as calçadas são ruins para andar (e fazem vídeo sobre isso). Rogério e Regina, da prefeitura, entrevistados para o vídeo, se mostraram pacientes e curiosos com a equipe de filmagem. Nilva defende que o vídeo das calçadas é uma contribuição importante que elas estão dando. Na entrevista que Nilva F fazia com desconhecido na rua, Nilva H se intromete e debate com ele, discorda. Na entrevista com Sivaldo e Nilson, elas ficaram muito à vontade e fizeram várias perguntas.	1, 8, 12, 18
(RE)CONHECER SUA PRÓPRIA CAPACIDADE / SER RECONHECIDA	Gostaram do filme que fizeram. Nilva F diz que se sente importante fazendo vídeos, que se sente realizada. Nilva F diz que é bom mostrar pra gente mesmo que é capaz de fazer as coisas.	5, 11

Das releituras e reagrupamentos, emergiram três categorias temáticas: *Ressignificando a velhice*, *Co-laborando* e *Comunicando*, a partir das quais eu entendi que poderia proceder a discussão do estudo. Retomei a leitura das anotações, desenhandando três nuvens em uma grande folha de papel, uma para cada categoria. Fui alocando as notas do caderno, inserindo-as nas nuvens às quais elas se relacionavam. Depois tracei algumas ligações mais relevantes entre notas que poderiam ou deveriam estar próximas. O novo quadro, com base no qual desenvolverei a discussão dos resultados ficou assim:

Como a produção coletiva de comunicação pode se relacionar à ressignificação da velhice por mulheres idosas?



## **Capítulo 6 – Encontro de mulheres – descrição do caso estudado**

A oficina iniciou em abril de 2012, com encontros semanais de aproximadamente duas horas, nas tardes de terça-feira, no salão da Igreja São José. Para sua realização, contei com o apoio da Magma Filmes, produtora da qual sou sócia, que cedeu equipamentos e possibilitou a participação de estagiárias que cursavam os últimos semestres do curso de Comunicação - Imagem e Som na UFSCar.

A atividade foi apresentada às participantes como um espaço no qual elas poderiam aprender a produzir vídeos. O objetivo era ensinar as mulheres a utilizarem o audiovisual para expressar suas ideias, por meio de vídeos criados e produzidos por elas, que seriam publicados na internet e exibidos em outros espaços.

As participantes elegeram e discutiram os temas que queriam abordar, criaram coletivamente os roteiros, operaram equipamentos de áudio e vídeo, entrevistaram, interpretaram personagens, compuseram paródias, selecionaram cenas e áudios para a edição, e discutiram a exibição de seus trabalhos. No período da oficina, abril a agosto de 2012<sup>46</sup>, elas produziram dois vídeos<sup>47</sup>, sendo que um aborda a importância dos espaços e atividades direcionados para as pessoas idosas e o outro aborda questões de acessibilidade urbana.

As estagiárias que colaboraram no projeto, Helena Krisman Bertazi, Yasmim Alonso Uehara, Michelle Marcelino de Souza, Gabriela Arguello e Débora Caroline, ingressaram em 2009 no curso de Comunicação – Imagem e Som oferecido pelo Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar. Elas revezaram-se no projeto, em duplas e trios, com a função de dar apoio técnico às atividades da oficina, compartilhar conhecimentos técnicos da produção audiovisual, participar do planejamento e avaliação dos encontros. Elas colaboraram presencialmente nos encontros e eventualmente fora deles, com edição de vídeos e nas reuniões do estágio nas quais conversávamos sobre o projeto e discutíamos textos relacionados à educomunicação.<sup>48</sup>

<sup>46</sup> Após este período, tendo as mulheres manifestado interesse em continuar a atividade, resolvemos prosseguir com o trabalho, formando um grupo que continua em atividade e produziu seu terceiro vídeo ainda em 2012.

<sup>47</sup> Os vídeos produzidos pelo grupo estão disponíveis em [www.youtube.com/EducomSC](http://www.youtube.com/EducomSC).

<sup>48</sup> Especialmente no primeiro semestre, em que eu estava coletando dados para a pesquisa, a colaboração das estagiárias foi de grande valor, no apoio durante os encontros e nas reuniões de estágio. Suas observações trouxeram contribuições para a pesquisa. Segundo elas, a participação no projeto foi muito

Para conduzir as atividades, inspiramo-nos na metodologia *Cala-boca já morreu* de produção coletiva de comunicação, adequando-a ao nosso contexto e objetivo, considerando especialmente algumas de suas perspectivas, quais sejam:

- Dialogicidade e horizontalidade - todos participantes são responsáveis pelo trabalho comum e a opinião de cada um é igualmente importante, sem hierarquias. A produção coletiva requer o diálogo e a colaboração, promovendo o exercício de escuta de si e do outro e o pensar crítico.
- O processo é mais importante do que o produto - uma vez que o objetivo central do trabalho é a formação das pessoas envolvidas, o processo de trabalho do grupo, com a vivência que ele proporciona se faz mais importante do que o produto final da produção. Acima da preocupação com a qualidade técnica ou o acabamento da peça de comunicação produzida pelo grupo, é prioritário promover um espaço no qual as pessoas se expressem com liberdade, discutam suas ideias, se conheçam e avaliem o próprio processo.
- Criação coletiva - na criação coletiva todas as pessoas contribuem, cada uma colocando um pouco de si na obra. O indivíduo vê sua ideia ser somada, misturada e transformada na interação com as ideias dos demais. Ao final do processo a obra é de todos(as) e todos(as) reconhecem-se nela.
- Criticidade - a leitura crítica da realidade é parte do processo de conscientização, por meio do qual o ser humano se reconhece como sujeito histórico. Este exercício é buscado ao longo de todo o processo na perspectiva da educomunicação.

Tomando estas perspectivas como base, iniciamos a oficina com apenas algumas atividades planejadas e disposição para estar constantemente adequando, replanejando e criando novas atividades. Mantive a programação de atividades aberta, para que os encontros pudessem corresponder ao ritmo de trabalho das mulheres.

Experiências anteriores com oficinas para pessoas idosas haviam me mostrado que, no planejamento e coordenação das atividades de formação para grupos com este

---

interessante, pois puderam experimentar atividades que o curso da universidade não oferece, entre elas, a educação audiovisual, educação de adultos e a educomunicação. Relataram também que puderam refletir sobre a produção audiovisual sendo empregada em contextos não comerciais. Uma das estagiárias optou por escrever seu trabalho de conclusão de curso sobre educomunicação, junto ao *Cala-boca já morreu*.

perfil, deve-se levar em consideração que o ritmo de produção do grupo é diferente daquele ao qual estamos acostumados, no universo das produções profissionais, ou mesmo do ritmo mais ágil que podemos propor em oficinas para jovens do meio urbano.

Isto porque as mulheres idosas estão interessadas em produzir os vídeos e discutir as questões atinentes a eles, mas também estão interessadas na oportunidade de encontrar as colegas e com elas conversar sobre variados assuntos; elas não precisam ter pressa de terminar, como é regra no mundo da produção comercial, onde os recursos técnicos são computados por hora ou diária e, portanto, *tempo é dinheiro*.

Considerando que uma das premissas da metodologia com a qual trabalhamos na oficina é atribuir ao processo maior relevância do que ao produto que dele resulta, não faria sentido acelerar o processo para obter produtos. Pelo contrário, devemos saborear cada passo do grupo, com atenção, dedicação e paciência e assim o produto que resultar deste percurso, quando ficar pronto, se ficar pronto, tenderá a ser um bom retrato de tudo o que passou, dos caminhos percorridos pelo grupo, sendo expressão de todas as pessoas envolvidas. Ademais, em uma interação na qual estamos buscando exatamente que as pessoas conheçam-se a si e conheçam umas às outras, bem como desenvolvam suas capacidades de comunicação, não podemos negar tempo ao diálogo.

Desta forma, dirigia-me aos encontros com o grupo portando uma pauta de assuntos e ações que poderia ou não ser concluída e levava os materiais e equipamentos necessários para sua realização. No início do encontro eu colocava esta pauta sob consulta do grupo, para que ele modificasse e/ou complementasse. Uma vez ou outra elas acrescentaram algum item à pauta. Na maioria das vezes a pauta não foi cumprida. Era muito comum o grupo todo concordar com a pauta, mas desviar dela, mostrando que outras questões estavam despertando mais interesse do grupo naquele momento. Deste modo, a partir do ritmo de trabalho do grupo e das opções que elas iam fazendo, refazíamos a programação durante e após cada encontro.

Por outro lado, para que o grupo se constituísse e firmasse, eu sabia que era importante que nos primeiros encontros nos conhecêssemos, minimamente, uma às outras e que elas entendessem a dinâmica e o propósito da oficina. Para que elas entendessem a ideia da oficina era necessário que fizéssemos atividades práticas de produção de imagens

e criação e, de preferência, conseguíssemos concretizar alguma peça audiovisual, chegar a algum produto<sup>49</sup>.

Neste sentido, no primeiro mês conduzi a oficina de modo que, por um lado se respeitasse o tempo do grupo e por outro fosse possível chegarmos a resultados concretos, dentro de um período em que as mulheres estavam avaliando se a adesão à oficina era interessante para elas.

Cabe relatar de forma mais detalhada as atividades propostas nos primeiros encontros:

No primeiro dia, após fazermos uma rodada de apresentações, propus que fizéssemos autorretratos com uma câmera digital. Conectamos a saída de vídeo da câmera em um aparelho de TV de modo que as participantes pudessem monitorar as imagens que estavam fazendo de si mesmas. Elas escolhiam o fundo, o enquadramento, sua pose e expressão. A atividade foi estimulante, pois elas já estavam experimentando produzir imagens, ver-se na tela e elaborar representações de si mesmas. Depois de cada uma selecionar qual das suas imagens estava melhor, montamos um álbum com estes autorretratos e cada uma elaborou uma legenda para sua foto. A legenda era constituída de uma ou mais frases sobre si.

Cabe comentar que esta atividade contribui no processo de autoconhecimento de cada participante, bem como de conhecimento entre as participantes. Trabalhar com a produção de autorretratos pode ser útil para fazer avaliações, com a retomada ao final do processo todo, com a elaboração de novos autorretratos. Neste caso poderemos observar – *como eu me via e me representava há alguns meses atrás? Como me vejo e me represento hoje? Como me relacionava com a produção de imagens antes e como o faço hoje?*

No segundo dia, pedi para as participantes relatarem suas relações com o audiovisual. Elas informaram quais programas de televisão assistem, com que frequência, o que gostam e o que não gostam, como assistem, suas experiências da época em que iam ao cinema e se já tinham participado de produções audiovisuais. Fui anotando estas informações em um grande mapa, que ajudou-me a conhecê-las um pouco melhor,

---

<sup>49</sup> Sem desdizer o que escrevi parágrafos antes, aqui estou colocando que a agilidade na concretização do produto, neste caso e neste momento específico, foi importante para o desenvolvimento do processo, pois facilitou que as mulheres acreditassesem na viabilidade da proposta da oficina e embarcassem no processo com maior confiança, em si mesmas e em mim.

dialogar com elas a partir das referências que me deram e auxiliou a planejar as atividades.

Após a elaboração deste mapa, retomei a conversa sobre o propósito da oficina. Expliquei, citando exemplos, que a educomunicação contribui para construir um olhar crítico perante os conteúdos trazidos pela mídia, assim como, possibilita o aprendizado de processos que permitem aos grupos e indivíduos produzirem comunicação, e com isso expressarem-se e exercerem sua cidadania, seu direito à comunicação.

Apresentei o Outro Olhar<sup>50</sup>, quadro do programa Repórter Brasil, da emissora pública federal TV Brasil, que exibe em rede nacional vídeos de até 2 minutos de duração, de coletivos populares, selecionados pela emissora. Fiz a proposta de que o primeiro exercício de produção do grupo fosse produzir um vídeo que coubesse nos moldes do programa, para criar a possibilidade de ele ser exibido na televisão.

Entendi que desta forma contribuiria para que o grupo visualizasse a “outra ponta” da comunicação, a entender a real possibilidade de que sua mensagem alcançasse um público amplo e diverso. Isto porque, as mulheres que estavam nos primeiros encontros (com exceção de uma) não utilizavam a internet e não tinham prática de ver ou publicar vídeos na rede, que seria nosso principal canal de exibição.

Selecionei alguns vídeos no site do programa para assistirmos: trabalhos feitos por cidadãos e coletivos, que foram exibidos para todo o país, tais como “Políticas para mulheres” do Coletivo de Mulheres Dandara, “Aposentadoria”, da Rede Criar Brasil, “Idosos Guarani”, da Ong Índios Online, o “Bloco do Direito à Comunicação” da TV Pelourinho e o “Dia Internacional das Parteiras”, de dois cidadãos. Esta atividade ajudou a ilustrar o contexto do vídeo popular<sup>51</sup> no qual o grupo estaria inserido com suas futuras produções.

A discussão que seguiu contribuiu para o aprendizado do grupo, pois os vídeos, produzidos com finalidades não comerciais por coletivos mobilizados em suas lutas, traziam conteúdos que de alguma forma tocavam a realidade vivida pelas participantes. Os vídeos continham informações e pontos de vista novos para o grupo e desta forma realizava-se um dos propósitos do vídeo popular, que é expor a visão do povo para ele mesmo, promover o diálogo de ideias entre coletivos populares, abrir a possibilidade de

---

<sup>50</sup> Disponível em <http://www.tvbrasil.ebc.com.br/outroolhar>.

<sup>51</sup> Trato deste conceito no Capítulo 3, página 43.

criar uma identidade própria dos grupos populares e movimentos sociais que estão se propondo a fazer comunicação. Assim, estas mulheres de São Carlos estavam aprendendo com as mulheres de um coletivo de Campinas, com o coletivo de Pernambuco e outros.

Ao ver o vídeo dos idosos guarani, discutimos a diferença entre ser idoso na sociedade indígena e ser idoso na nossa sociedade. Uma participante comentou que os indígenas eram os donos da terra antes da chegada dos colonizadores, e que estes últimos poderiam, ao menos, ter aprendido algo de bom com os primeiros, tal como respeitar e valorizar os idosos.

Outra participante comentou que concordava com os versos do rapaz do Bloco do Direito à Comunicação, quando o mesmo questionava que a televisão brasileira tinha sempre a mesma voz e o mesmo sotaque. Com isso estabeleceu relação com a discussão da semana anterior, sobre as pautas da televisão, que são sempre definidas por poucas pessoas, que decidem o que é importante ser dito e o que não é.

Comentamos que o vídeo do coletivo de mulheres era importante, pois mostrava o ponto de vista das mulheres, que historicamente têm pouco espaço na sociedade, que há pouco tempo começaram a ocupar lugares de decisão e são, afinal, as pessoas mais indicadas para abordar os problemas femininos e as questões da mulher na sociedade. Comentamos que as mulheres podem falar por elas mesmas, utilizando os meios de comunicação e não precisam ser representadas por homens para isso. Uma delas relacionou a discussão ao próprio grupo, dizendo que para falar com propriedade sobre o envelhecimento, “só quem vive a coisa mesmo”.

Após a discussão sobre os vídeos, perguntei ao grupo: „e vocês, se fossem mandar uma mensagem para pessoas de todo o país, o que gostariam de dizer? O que consideram importante ser dito? Como ocupar aquele espaço público da televisão em benefício de vocês mesmas e da sua comunidade?”

Cada uma sugeriu um tema e, afinal, elas optaram por dirigir a mensagem às pessoas idosas, para mostrar as melhorias que experimentaram em suas vidas quando passaram a participar de atividades voltadas à terceira idade. Queriam com o vídeo, convidar toda a população idosa a fazer o mesmo que elas fizeram. Assim começou a produção do vídeo “Alô Galera! Vamos lá!”, que em cinco semanas ficou pronto.

Considero relevante relatar ainda, nesta descrição detalhada da oficina, que o programa de atividades foi sensivelmente modificado segundo os interesses das

participantes. Chegamos a expor algumas possibilidades de trabalho – produzir vídeo-reportagens, animações, fotonovelas, ficção, rádio, ou ainda, suspender por um tempo a meta de produzir, para podermos assistir vídeos, filmes, peças publicitárias, e conversar sobre eles. Além de expor estas possibilidades, consultávamos de tempos em tempos se elas teriam outras sugestões de atividades para fazermos na oficina. As possibilidades eram discutidas e o grupo ia definindo desta forma os caminhos a serem trilhados. Esta abertura do programa vem no sentido de posicioná-las como protagonistas do processo de formação.

A todo o tempo o grupo estava tomando decisões. Fosse sobre os rumos da oficina, fosse sobre os temas abordados nos vídeos ou a forma de fazê-lo. Desta forma, falar sobre as oportunidades de assumir a velhice como um tempo para inaugurar novos costumes e cuidar de si, como foi feito no vídeo “Alô, galera, vamos lá!<sup>52</sup>”, tratar dos problemas enfrentados pelos pedestres nas calçadas, em “Calçadas para todos?”, bem como utilizar a ficção, reportagem e musical foram decisões das participantes.

Referente ao processo de escolha dos temas abordados nos vídeos que o grupo produziu, as ideias eram discutidas a partir de proposições tais como “vamos escolher temas que sejam importantes para vocês”; “o que querem dizer para o mundo, considerando que os vídeos poderão ser vistos por qualquer pessoa quando forem publicados na internet”?

Cada participante sugeria um tema e defendia sua ideia. Os temas eram debatidos pelo grupo, até que se elegesse um entre todos os temas para ser aprofundado e desenvolvido em vídeo. Estas discussões inauguravam um espaço de diálogo sobre questões importantes para as participantes, relativas ao seu dia-dia, em que elas precisavam colocar suas opiniões, ouvir as colegas e buscar informações complementares junto a fontes externas.

Com o tema escolhido, partíamos para a elaboração do roteiro (no caso da ficção) e da lista de cenas, pautas de entrevistas e letras de paródias (no caso da reportagem musical) e posteriormente para a gravação.

Diferente dos movimentos pontuados na metodologia Cala-boca já morreu, não fizemos *pré-edição*, que é a criação de um roteiro de imagens para ser gravado na ordem da exibição final. Com a *pré-edição*, ao final da gravação o trabalho está praticamente

---

<sup>52</sup> APÊNDICE D – Roteiro elaborado pelo grupo para o vídeo “Alô, galera, vamos lá!”

pronto, bastando alguns ajustes e finalização. No caso do nosso grupo, este movimento não foi adotado porque entendi que seria interessante filmar de forma despreocupada, com a possibilidade de experimentar, filmar e refilmar cenas, cometer erros técnicos. Desta forma, o grupo poderia trabalhar de forma descontraída, e o material bruto, que seria assistido posteriormente, traria mais elementos sobre os quais poderíamos fazer considerações técnicas e estéticas.

Fizemos roteiro e filmamos as cenas na ordem que melhor convinha à produção. Depois, o grupo selecionou as cenas para edição, que em seguida foram montadas pelas estagiárias e eu em versão preliminar, retornando para o grupo avaliar e definir ajustes.

Eventualmente nos encontramos em horários e dias da semana alternativos para fazer as gravações. No primeiro vídeo elas não quiseram fazer câmera, preferiram atuar no elenco. A partir do segundo vídeo elas começaram a filmar, fazer captação de áudio, produzir<sup>53</sup>, além de atuar e entrevistar.

A participação das mulheres em todas as funções foi estimulada por mim e pelas estagiárias, afinal a forma de aprender neste processo é praticando, e quanto mais se experimenta fazer, mais se aprende. Além disso, a autonomia do grupo na produção audiovisual, idealizada por mim, mas não necessariamente compartilhada por elas<sup>54</sup>, teria mais chances de ser alcançada na medida em que todas elas aprendessem e pudessem desempenhar todas as funções necessárias à produção.

No entanto, a opção de cada uma sobre a função que preferia desempenhar na equipe era respeitada. Não caberia, dentro dos propósitos da oficina, que alguém no grupo fizesse algo que não estivesse disposto a fazer. Estábamos buscando justamente o oposto disto, a liberdade de escolha e expressão. Conforme sublinhado pela metodologia Cala-boca já morreu, os participantes das atividades de educomunicação se auto-convocam, ninguém participa por obrigação, mas por interesse pessoal no aprendizado.

Buscando que as participantes responsabilizassem-se também pelo planejamento macro da produção, listávamos com elas todas as funções necessárias para produzir as

---

<sup>53</sup> *Producir*, no fazer audiovisual, corresponde a planejar e executar todas as providências necessárias para que o filme aconteça. O(a) produtor(a) organiza a ordem do dia, que é planejamento de todos os momentos da filmagem, acompanha esta ordem do dia, lista equipamentos e materiais que precisam estar no set, faz telefonemas, viabiliza transporte, figurinos, alimentação, autorizações necessárias, entre outros.

<sup>54</sup> Como educadores, sonhamos ver as pessoas por vontade própria, organizarem-se, dividirem tarefas, expressarem-se. No entanto, embora intervenções desta natureza tenham como meta a formação de grupos, esta concretização depende de fatores que estão além da vontade do mediador.

cenas que pretendíamos fazer. E quando cada uma de nós assumia uma função, ficava evidente que seria necessário mais pessoas na equipe para fazer tudo, mesmo incluindo as estagiárias e eu. Então o grupo todo pensava quem poderia acumular funções, e desta forma o planejamento era resolvido coletivamente. Procuramos aproveitar cada oportunidade para fazer com que as participantes se apropriassem do processo como um todo, responsabilizando-se por ele.

O ensino técnico, referente à operação de câmera, operação de microfone, produção, direção e organização geral do *set*<sup>55</sup>, foi introduzido aos poucos, durante a produção do primeiro vídeo e nas primeiras gravações do segundo vídeo. Quando fizemos uma oficina sobre a operação e funcionamento dos equipamentos, estávamos no décimo primeiro encontro. A esta altura, produzir imagens e sons era algo que já fazia sentido para o grupo, pois elas já se percebiam inseridas no processo de produção de comunicação e haviam definido o que queriam dizer. Então, as operações técnicas da produção, como escolher o enquadramento, fazer ajustes de imagem, captar o áudio, portar-se diante da câmera numa entrevista, eram funções que podiam ser aprendidas com vistas às cenas que elas planejavam fazer.

Foi assim que os processos de produção do primeiro vídeo (“Alô Galera, vamos lá!”) e do segundo (“Calçadas para todos?”) tomaram distintas feições. Na produção do primeiro vídeo, as participantes envolveram-se mais na concepção do roteiro e na interpretação dos personagens, tomando pouco contato direto com os equipamentos de imagem e som. Apenas Nilva H operou câmera em algumas cenas. Já no segundo vídeo elas operaram câmera e microfone, dirigiram cenas, além de definir roteiro, pauta de entrevistas, compor paródias, entrevistar e interpretar. Em ambas as produções elas não se interessaram em aprender a editar<sup>56</sup>. Em grupo, vendo o material filmado, escolhíamos as tomadas a serem utilizadas e definíamos diretrizes para a edição. Fora dos encontros, as estagiárias e eu editávamos as cenas e levávamos para o grupo fazer suas considerações, aprovando e/ou modificando a edição.

---

<sup>55</sup> Chamamos de *set* o local da filmagem, onde circunstancialmente se concentram equipe, equipamentos e demais recursos necessários.

<sup>56</sup> Em outubro de 2012, na continuidade do trabalho do grupo, as mulheres se interessaram em aprender edição. Com nossa orientação, elas fizeram a edição de um terceiro vídeo no software *Windows Movie Maker*, que foi escolhido, não por seus recursos e modo de operação, que são ruins, além de ser um software proprietário. Utilizamos este, por ser o software do qual elas dispunham no CRI e em computadores pessoais em suas casas.

Passo agora a detalhar o processo do primeiro vídeo. Inicialmente discutimos bem o tema. As mulheres partiram de sua experiência vivida para elaborar o roteiro. Nos diálogos que elaboraram, escolheram cuidadosamente as palavras que melhor expressassem seus sentimentos e desejos e deram um toque de realismo ao reproduzir falas que costumam escutar de outras pessoas idosas a respeito dos programas para a terceira idade. Esboços de título, de trechos de narração, foram surgindo juntamente com as ideias de cenas e falas e as experiências pessoais. O trecho do diário de bordo reproduzido abaixo ilustra este momento de criação:

Zuleika – Eu não sei, tenho impressão assim, se começar com uma aula, né? E você vem com uma aula e se sente tão bem com aquilo, né?

Nilva H interrompe, sugerindo o título – Idosas. Grupo de... Mulheres. Grupo de mulheres. Idosas.

Cida – Grupo de velhas.

(Risos)

Zuleika – É Mulheres idosas, né?

Nilva H – Ou assim: Mulheres idosas na cidade de São Carlos fazem um grande movimento para as atividades. E aí? Aí vem as falas, vem os movimentos, vem os... Aí cada um tem que falar o quê que tá sentindo. E você aí na tua cidade. Seria assim, uma questão pra se colocar o que tá trazendo de benefício, não importa onde ele tá, se ele tá aqui, se tá no sul, no norte. (Zuleika acena a cabeça concordando) Mas que ele esteja envolvido dentro de uma atividade, acho que o objetivo seria esse daí. Não falar só aqui. Isso tem que ser geral. Se faz bem pra ela, claro que faz bem pra outro.

Zuleika - Na cidade que for, né?

Nilva H – Na cidade que for. Quem tiver olhando aí vai falar “nossa, olha o que aquela mulher tá fazendo? Ah, não, eu vou procurar um lugar pra mim ir, será que eu vou dar conta de fazer aquilo? Não sei, eu penso isso, eu acho que tem que começar com isso aí. Pode até ter um pedacinho de cada coisa. Pode ter a questão da história que você colocou e pode acabar com um musical. (Corte na gravação).

Zuleika, fala interpretando – Tem muita gente que você convida e... “Magina! Eu já faço ginástica em casa com tanto serviço que eu tenho! Eu vou lá fazer o quê?” Eu falo “gente, não é a mesma coisa”. “Lógico que é.” “Vá, vá, isso é vocês não tem o que fazer.” E não é isso, né?

Nilva H, entusiasmada - Então, ó o teatro! Isso é um teatro bárbaro e real. Porque esse convencimento de tirar a pessoa de dentro de casa, é que é difícil. Quando a pessoa toma a coragem vem e faz um dia, acabou. Ela não vai mais embora. Porque ela vem aqui ela percebe que não é nada daquilo que ela tava pensando. É gostoso, aí tem todos os outros envolvimentos.

Zuleika – (início da fala impossível de transcrever, pois elas falam simultaneamente) “Acha que eu vou fazer isso? Em casa faz ginástica. Ela tem tempo, não tem nada

que fazer em casa.” Mas a gente tem a casa da gente também. Deixa tudo em ordem...

(...)

Malu – Nossa, eu tenho uma cunhada que falou pra mim entrar numa religião. No tempo que eu venho aqui. Eu “mas por que, com o tempo que eu vou lá?! Você não sabe o que é bom. Azar seu, que fica aí nessa cadeira, não levanta, só reclama que dói aqui, dói lá, não sabe nem tomar ônibus, né?

Zuleika – É falta dessas atividades que a gente vem. Isso aí não é metidice, não é nada. Uma coisa que é bom pra gente. A gente percebe né?

A opção pelo gênero ficcional se originou da própria forma como elas discutiam o assunto, frequentemente interpretando falas que estavam em suas memórias, imitando gestos e posturas de outras pessoas idosas. Avançamos na elaboração do roteiro, conforme registrado na passagem transcrita abaixo:

Eu - Então vamos ver. Qual é a primeira cena do vídeo?

Cida – Mostrando a dor.

Nilva H – Eu acho que essa mulher que vem com a dor, poder ser justamente aquela que vai ali conversar com a outra...

(...)

Zuleika – Eu já faço a outra assanhada.

Nilva H – Isso aí, olha que legal as duas aí. (para Cida) A senhora chega com a dor, ela vai convidar e você vai.

Cida brinca – “Não, vou na igreja”. (risos) Aí eu começo a fazer a ginástica aí já fica curada. “tá vendo como foi bom?” “tenho que convidar mais gente.”

(...)

Zuleika – Não tem que ser rapidinho, 2 minutos?

Eu explico que precisam definir a circunstância toda – onde estão, como estão vestidas, o que estão fazendo. Exemplifico que pode acontecer no ponto de ônibus, numa praça, no posto de saúde...

Cida – Acho que tem que ser numa festa de aniversário.

Eu – Por que uma festa?

(Não dá pra entender a resposta.)

Malu – Ou no ponto de ônibus. Em ponto de ônibus sempre tem gente idosa. Pelo menos no meu canto é.

(...)

Cida – E se põe na minha casa?

Zuleika – Isso que eu falei. Eu vou visitar, convido ela.

Eu – E você foi na casa dela porque? Você é amiga dela?

Zuleika - Sou amiga dela. Aí eu falo “Deixa eu ir embora que vou pra ginástica”. Aí a Malu vem..., não sei se dá certo isso daí. Não, como você sabe que eu tô lá, não pode ser né?

Malu – Eu vou junto. Se a gente é bem amiga, a gente sabe onde a outra vai.

Eu – Se vocês são amigas, porque que essa conversa só aconteceu agora? Precisa achar uma explicação...

Cida – Pode dizer assim que nunca teve oportunidade de convidar, e como ela sentiu dor, ela fez o convite.

Zuleika – Ou então vamos supor, eu convido sempre ela, ela não vai, eu tô convidando faz tempo já. Mas ela acha que não. Não sei se dá certo isso. (para mim) Agora você ajuda nós. (rindo) não é fácil pra nós.

Malu – Se não, chega fazendo ginástica na casa, dançando.

Zuleika – Santo Deus! (...)

As amigas não se entusiasmam. Nilva H se aproxima.

Eu – Chega aqui, Nilva.

Nilva H – Não, eu não vou chegar por que aí eu fico falando, eu falo muito, não quero falar.

Zuleika – Nós tamo entrando em acordo já.

Eu – São 3 encenando, mas a gente precisa de gente pra filmar, hein?

Nilva H – Deixa eu filmar.

Zuleika, pra mim – Aí está simples, não é? Pega a casa de alguém.

Malu – Pode ser na minha casa.

Nilva H – Perto daqui tem a casa da Vera, que tem portão...

Eu – Mas qual é a parte da casa? É a sala, o portão, a cozinha?

O trecho selecionado mostra que as necessidades de produção (locação, equipe técnica) já iam sendo discutidas na elaboração do roteiro, de modo que as distintas etapas permeiam-se sem problemas durante o processo criativo.

Após a definição das ideias centrais, passamos à criação de diálogos e personagens, utilizando a improvisação como ferramenta de construção cênica. Este exercício deu subsídio para a definição dos diálogos e posicionamento da câmera. Após o

que, perguntei às mulheres se preferiam, na hora de gravar, improvisar as falas ou levá-las decoradas<sup>57</sup>. Preferiram decorar. Então as convidei a colocar em forma escrita, o que havia sido criado na forma oral. Zuleika se prontificou a escrever e levar no encontro seguinte.

No encontro seguinte, Zuleika chegou com os diálogos, bem escritos, porém sem a descrição das cenas. Lemos, testamos os diálogos, modificamos e complementamos. Digitei o roteiro na hora, incorporando as alterações e indicações de ação, imprimimos e distribuímos uma cópia para cada participante (APÊNDICE D- Roteiro “Alô galera, vamos lá”). Elas tomaram a iniciativa de destacar suas falas e cada uma ficou de decorar sua parte para a semana seguinte. Nesta ocasião terminamos de preparar a produção, combinando horários de gravação, figurinos, acessórios, equipamentos.

No primeiro dia de gravação Zuleika e Cida interpretaram as personagens. Nilva H, Yasmim e eu fizemos imagens. Nilva H dirigiu as cenas.

No segundo dia de gravação, Nilva H não pôde estar presente, e a operação e câmera e direção ficaram por conta das estagiárias Yasmim e Helena.

As mulheres cansaram-se na gravação. Não imaginaram que precisariam repetir várias vezes. Ocorreu que, além de alguns problemas técnicos e esquecimentos de fala, que acontecem em qualquer produção, mesmo em equipes experientes, filmamos em posições diferentes de câmera para ter o *campo/contracampo*<sup>58</sup> na edição.

Quando assistiram ao material bruto, deram muitas risadas com as cenas, gostaram de se ver e elogiaram o resultado. Escolhemos as cenas que seriam utilizadas. Michelle, Helena e eu fizemos a edição na produtora. Helena selecionou algumas trilhas musicais para apresentar a elas, como sugestão para utilizarem no filme.

No encontro seguinte apresentamos a edição. Elas gostaram do resultado e definiram o título e a trilha sonora. Ao trabalhar sobre a trilha, aproveitamos para introduzir a questão da relação imagem-som e mostrar como o som pode alterar o sentido das imagens nesta articulação. Assistimos a mesma sequência de imagens, acompanhadas de trilhas musicais diferentes, o que resulta em impressões e sentidos diferentes. Helena trouxe música de filme de suspense, de terror, de ação e valsinhais.

---

<sup>57</sup> O significado etimológico da palavra “decorar” é saber no coração.

<sup>58</sup> De forma simplificada, podemos dizer que campo/contracampo é uma ferramenta do cinema narrativo, que introduz continuidade visual às imagens. No caso de uma cena de diálogo, como a mencionada nesta descrição, fazer campo/contracampo é filmar os planos mostrando ora um, ora o outro interlocutor do diálogo.

Quando assistiram o vídeo pronto, elas expressaram um misto de surpresa e satisfação. Avaliaram que, mesmo não sabendo nada de audiovisual, mesmo tendo “pouco estudo”, conseguiram chegar a um resultado muito satisfatório. Algumas disseram que no início não estavam acreditando que daria certo.

Já o processo de produção do segundo vídeo, “Calçadas para todos?”, foi bem mais longo. Houve uma etapa longa de discussão do tema antes de dar início à produção. A sugestão do gênero informativo foi apresentada por Nilva F, que defendeu que seria positivo variar de gênero, já que já haviam produzido uma ficção.

O problema das calçadas é muito presente no cotidiano das mulheres, e quase todas tinham um caso para contar referente a obstáculos e acidentes provocados por buracos. O grupo elegeu o caso da Nilva F, que foi contado no vídeo. Além disso, foram feitas entrevistas com técnicos responsáveis pela acessibilidade da prefeitura, com pessoas portadoras de necessidades especiais e pedestres.

Esta produção prolongou-se, especialmente, em decorrência das interferências externas – duas reportagens para televisão, TV Brasil e TV Globo – e dos problemas técnicos que enfrentamos. Em duas ocasiões, no decorrer desta produção, perdemos parte do material filmado. A primeira vez, perdemos o material que havia sido filmado no primeiro dia de gravação. Utilizamos a filmadora do CRI, uma *handycam* (câmera de mão), de simples operação, que grava em Mini DVD ou no cartão de memória. Esta opção foi feita com vistas a capacitar as participantes no uso deste equipamento, uma vez que ele estaria disponível para ser utilizado não só por funcionários, mas também pelo público, em atividades do CRI. Assim elas poderiam praticar o uso da filmadora para utilizá-la em outras ocasiões, independentemente de nossa presença, após o término da oficina.

Infelizmente, após as gravações, ocorreu um erro na finalização<sup>59</sup> do mini DVD em que fizemos a gravação, e não pudemos acessar o material. Retomamos a gravação utilizando uma *handycam* semi-profissional que gravava em MiniDV, um formato mais seguro, e refizemos as cenas que foram perdidas.

Na segunda vez que perdemos material, com esta segunda filmadora, a causa foi um erro humano. Por um lapso de falta de atenção e comunicação entre as estagiárias e eu, apagamos o material filmado. Após as gravações do período da manhã, almoçamos

---

<sup>59</sup> O mini DVD precisa passar pelo procedimento de finalização para poder ser rodado em outros equipamentos além da filmadora.

juntas e sentamo-nos em roda para assistir ao material, comentar e planejar as gravações do dia seguinte. Depois de vermos o material, a fita foi rebobinada por uma das estagiárias, que não informou-nos deste procedimento. Sua colega, atendendo meu pedido para filmar a conversa, não checou o ponto da fita e gravou em cima das cenas filmadas de manhã.

Este acidente causou um pesar tamanho em mim e nas estagiárias, que é difícil de descrever. Lamentamos muito ter perdido um material de todo o grupo, feito com muita dedicação de todas. Um erro cometido justamente pelas pessoas mais entendidas na produção audiovisual do grupo, que foram compartilhar seus conhecimentos técnicos na área.

Para nossa surpresa, quando informamos o fato, com a gravidade que ele exigia, as mulheres contestaram sem muita demora “Mas a gente não pode filmar de novo?” Na medida em que poderíamos repetir a filmagem, estava tudo bem para elas. Voltar para a rua e filmar de novo, por que não? Assim elas poderiam fazer melhor do que fizeram na primeira vez. Elas passaram a nos consolar, dizendo que este tipo de coisa acontece, e que não era tão grave. Nilva F encorajou: “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”.

Refizemos as cenas na semana seguinte. Perguntei à Zuleika “você não ficou chateada de ter que filmar de novo?” Ela respondeu: “Imagina, aqui a gente mais se diverte do que filma!”. Assim as mulheres nos ensinaram que a produção podia ser tratada com maior leveza, que diante de um problema como este, o caminho é procurar os aspectos positivos da situação, (fazer melhor do que na primeira vez), a solução é trabalhar, sem perder o bom humor.

Concordando que acidentes acontecem, mas devem ser evitados, por hora cabe avaliar que a forma de trabalho que adotamos, em que todas do grupo utilizam os equipamentos e não há uma responsável designada para zelar por cada um deles, nos expõe a certos riscos. Este tipo de trabalho demanda atenção redobrada e uma sintonia apurada entre todas da equipe. Acrescenta-se a isto, a estrutura reduzida de recursos disponíveis para a realização da oficina simultaneamente à pesquisa: A mesma filmadora sendo utilizada para a prática do grupo e para registrar dados; o apoio técnico todo confiado a pessoas que estavam estagiando, ou seja, buscavam no projeto, a experiência necessária para sua formação; estando eu com a atenção dividida entre a coordenação do

projeto e a pesquisa, isto exigia, tanto de mim como das estagiárias, grande presença e atenção durante os encontros.

Relatei esta passagem para lembrar que incidentes e erros fazem parte dos processos de construção, que não devem ser ignorados ou esquecidos. Pelo contrário, devemos aproveitar a oportunidade de aprendizado que os erros nos trazem, refletindo sobre eles, avaliando suas causas e consequências.

Mais considerações sobre os procedimentos da oficina, as estratégias utilizadas, os processos vivenciados serão feitas no capítulo seguinte, em que apresento e analiso os dados da pesquisa.

### **III – DIÁLOGOS**

*É viver e aprender sempre!*

Malú

#### **Capítulo 7 - Resultados do estudo**

Neste capítulo apresento e discuto os resultados da pesquisa, procurando trazer o olhar das participantes, a partir das reflexões que construímos em diálogo ao longo do processo. Procuro fazer ver os significados atribuídos pelas participantes à prática do grupo, a partir de suas palavras, bem como de expressões não verbais, risos e silêncios.

Perante a pergunta “como a produção coletiva de comunicação pode se relacionar com a ressignificação da velhice por mulheres idosas?”, os resultados são tratados a partir de três categorias de análise que ajudaram a organizá-los: *Ressignificando o envelhecimento, Co-laborando e Comunicando*. Esta divisão não é estanque, mas faz uma delimitação temática flexível, pois os dados estão representando processos humanos e, portanto, dinâmicos, observados sob diversos prismas - sociais, históricos, culturais e políticos, de modo que frequentemente eles transitam entre as categorias, transbordando tais delimitações.

##### **7.1 Ressignificando o envelhecimento**

*Eu nunca pensei que eu fosse fazer uma coisa dessa. Na minha idade, chegar nesse ponto que eu cheguei, é beleza. Só orgulho.*

NILVA F.

Durante a pesquisa, compreendi que Malú, Cida, Zuleika, Nilva F e Nilva H são mulheres que, vivendo seu processo de envelhecimento, trabalham sua ressignificação, não só intimamente, mas também no âmbito coletivo e público.

Entendo por ressignificação da velhice o processo de elaboração de novos (ou recuperação de antigos) significados para a experiência de envelhecimento, que as pessoas idosas estão construindo em seu cotidiano, com fundamental estímulo e suporte dos serviços sociais e das políticas públicas. A esta nova experiência, corresponde a

adoção de nova terminologia: *Terceira idade*<sup>60</sup>, e *idoso*, adotados atualmente, são termos considerados mais respeitosos do que *velhice* e *velho*, estes últimos carregados de significados negativos, tais como solidão, doença, incapacidade física e intelectual.

O estudo mostrou que o Centro de Referência do Idoso Vera Lucia Pilla, frequentado pelas participantes da pesquisa, é um espaço de acolhimento e estímulo para esta ressignificação: a própria existência do CRI anuncia para as mulheres que a experiência do envelhecimento, hoje, é diferente daquela do tempo de suas avós. Se naquele tempo a velhice tendia a fechar as pessoas em suas casas, hoje os programas voltados para a terceira idade estimulam que as pessoas idosas saiam de casa, encontrem amigos e amigas, conversem, façam novas amizades e aprendam coisas novas, conforme o diálogo registrado em nosso segundo encontro:

Zuleika - Sabe, eu acho assim: Essa terceira idade que a gente tá, que antigamente não tinha isso. Era mais ficar em casa. Eu acho que essa saída que a gente dá, ai como é bom! Como ajuda, né?

Malu - É bom porque você pega amizade, conhece gente nova, né? Conhece lugar novo.

Zuleika- Isso aí é muito importante.

A fala de Zuleika ressalta que as gerações anteriores à sua não dispunham de serviços como os que elas encontram hoje no Centro de Referência do Idoso Vera Lucia Pilla, na Universidade Aberta da Terceira Idade - UATI, no Serviço Social do Comércio - SESC e em outras instituições<sup>61</sup>. Ela se percebe pertencente a uma geração privilegiada, por ter acesso a tal oportunidade.

A mudança de perspectiva na abordagem do envelhecimento é recente no Brasil, vem das últimas décadas do século XX. Até a década de 1970 no Brasil, segundo Marques (2010), a política pública para a população idosa enfocava somente os cuidados asilares, e ainda assim de forma insuficiente. O Estatuto do Idoso, conforme vimos, data de 2003 e a criação do CRI de São Carlos, ocorreu em 2001.

---

<sup>60</sup> Entre as participantes da pesquisa, o termo *terceira idade* é utilizado para designar os programas, espaços e grupos para pessoas idosas.

<sup>61</sup> Não se pode inferir que na cultura ocidental, há algumas décadas, as pessoas idosas não dispunham de nenhum espaço de sociabilização. Espaços como as igrejas, as ruas com os vizinhos, e a própria família costumavam agrregar mais as pessoas. A diferença é que hoje nos espaços especificamente para a terceira idade, as pessoas idosas encontram atividades pensadas para elas, com respaldo técnico de gerontólogos e educadores.

A chamada *terceira idade* é resultado de um processo que começa com a percepção de um aumento da expectativa de vida populacional em diversos países e passa pela reconfiguração da pirâmide demográfica, pelas tensões relacionadas à previdência social, pela configuração de um novo público consumidor, bem como pela luta por direitos da pessoa idosa (Debert, 1999). Luta esta que no Brasil teve importante apoio de grupos religiosos e assistentes sociais sensibilizados com a falta de políticas para esta população (Marques, 2010).

Com o aumento da longevidade, graças à universalização do serviço de seguridade social e os avanços nos serviços sanitários, o envelhecimento passou a ser, em muitos casos, uma fase de duração maior do que a infância e a adolescência (CAMARANO, 2003). Considera-se idosa a pessoa com mais de 60 anos, e a expectativa de vida da população brasileira em 2011 era de 74,1 anos, e no caso das mulheres, 77 anos (IBGE), o que resulta em uma média de 15 anos de velhice previstos para as pessoas nascidas em 2011.

Grande parte a população está chegando a esta nova fase da vida com saúde e disposição para continuar em atividade, e está sendo convidada, por meio de políticas públicas e programas institucionais específicos, a cuidar da própria saúde e buscar o convívio com outras pessoas da mesma faixa etária (DEBERT, 1999).

Quais significados as participantes da pesquisa atribuem à sua vivência de envelhecimento? Malú, 67 anos, participante da pesquisa, nos diz que hoje é “livre, leve e solta”, e que participar da terceira idade “é bom porque você pega amizade, conhece gente nova, né? Conhece lugar novo”. Sua fala identifica-se com os novos significados que o envelhecimento vem adquirindo: integração social, tempo livre para o lazer, novos aprendizados e experiências.

Para Zuleika, todas as pessoas idosas deveriam participar dos programas: “É necessário. Acho assim: põe a gente assim pra cima. Modo de dizer, né? Você se sente outra, você conversa, tem amizades, né? Faz o exercício que tem que fazer. As danças, né, que é uma delícia, nossa!”. Em sua fala, ela mapeia os elementos que resultam em bem-estar: atividades físicas, cultura, calor humano, diálogo e convivência.

O calor humano do convívio e os afetos que cultivam nas novas amizades, parecem ser alentos buscados no CRI, capazes de fazer os dias mais felizes, de

acrescentar às rotinas semanais, a alegria dos reencontros. Por isso ouve-se no CRI falas como a de Cida:

Quando não vem, a gente sente falta. (Cida)

Uma das contribuições desta pesquisa vem no sentido de identificar que as melhorias conquistadas pelas mulheres ao frequentar o CRI e demais programas para a terceira idade<sup>62</sup> são de tal forma relevantes para elas, que as mesmas tornam-se altamente motivadas a convidar e sensibilizar outras pessoas idosas a buscarem atividades nestes espaços. Na oportunidade que tiveram de produzir uma peça de comunicação, estimuladas a elaborar uma mensagem para mandar para todo o Brasil, produziram um vídeo...

Convidando a população pra vim no grupo da terceira idade que é muito bom. (...) O meu é convidando o pessoal que estiver em casa, puder participar. É uma beleza, viu? (Zuleika, defendendo sua proposta para a o grupo)

“Alô Galera! Vamos lá!” foi feito, então, como um convite às pessoas idosas para que procurassem tais atividades, a fim de obter os mesmos benefícios que elas obtiveram. Este sentimento é compartilhado por todas do grupo. Os depoimentos de Nilva F, Cida, Zuleika e Malú revelam que elas também chegaram ao CRI por meio de um convite, que não foi aceito prontamente:

Malu – Bom, eu entrei na 3<sup>a</sup> idade por causa de uma colega. Ela falava „vamo, dona Lucia!” Eu não saia da minha casa pra essas coisas. Era só trabalhar, picar cartão. Assim foi por um bom tempo. Aí um dia eu falei assim „hoje eu vou”, „Ah, eu não acredito”. „Hoje eu vou, mas não vou levar nenhum documento, porque não sei se vou me adaptar nessas coisas”, mas só...

Nilva H– a gente achou que ela não ia ficar.

Malu – Mas só que até hoje eu não faltei nenhuma vez.

Nilva H– Nenhum dia! Nenhum dia! (risadas)

Malu – Nem na Santa Felicia, nem no Vera Lucia, na FESC, quando eu ia na Vila Prado...

---

<sup>62</sup> Zuleika e Malu frequentam/frequentaram também atividades da UATI, no Centro Comunitário do Santa Felícia, no Centro do Professorado Paulista, na Igreja Santo Antônio.

Zuleika – Então, eu também, não ia. Faz muito tempo, me convidaram, lá na igreja Santo Antônio. Eu falei „será que eu vou, será que eu não vou?“

Assim, é possível dizer que o vídeo retrata a história delas mesmas, na chegada ao universo da terceira idade, tão marcante para todas. Se guardavam resistência, que foi superada por meio de um convite, outras pessoas também poderiam sensibilizar-se com um convite.

Em comunicação pessoal, Grácia Lopes Lima acrescentou que o mesmo gesto foi percebido no grupo de mulheres idosas com o qual ela trabalhou em São Paulo (SP), que utilizaram a comunicação impressa para sensibilizar outras pessoas idosas a participarem das atividades. Segundo Grácia, o raciocínio que movimenta esta atitude pode ser expresso da seguinte forma: *se para nós é bom, para as demais também será*. As participantes da pesquisa, bem como aquelas com quem Grácia trabalhou, vão buscar os que estão inertes e despertá-los para o movimento. Dispõem-se a escrever um roteiro, fazer um filme, escrever um jornal, compor e cantar paródias<sup>63</sup>.

Compreendo que tal atitude é motivada por um sentimento de solidariedade para com as demais pessoas idosas, representantes do mesmo grupo social ao qual elas pertencem. Estou considerando que solidariedade significa a “relação de responsabilidade mútua entre pessoas unidas por interesses ou condições comuns”<sup>64</sup>. Solidariedade vem do latim *solidus*, que significa *sólido, inteiro, firme*. “Condição grupal resultante da comunhão de atitudes e sentimentos, de modo a constituir o grupo unidade sólida, capaz de resistir às forças exteriores e mesmo de tornar-se ainda mais firme em face da oposição vinda de fora”<sup>65</sup>.

A ação de produzir um vídeo em que mulheres idosas aparecem sadias, felizes, e integrando-se socialmente, insere a prática do grupo no esforço contemporâneo de positivação das imagens do envelhecimento. As mulheres produziram imagens (no

<sup>63</sup> Em uma experiência anterior no CRI Vera Lucia Pilla, em 2010, o grupo decidiu fazer um videoclipe de uma paródia do grupo Parodiando, também do CRI, intitulada “Xô, Dorzinha!”, igualmente um convite para as pessoas participarem de atividades para a terceira idade. Trecho da paródia, escrita por Nilva Helena sobre a música “Biquíni de bolinha amarelinha”, de Paul Vance: “Se você já tem 60 anos, não tenha medo, faça como nós: vá afastando com atividades todas as dores que tentam chegar. Ai, ai, ai, ai, vai ser tão sensacional”. (ANEXO B) O vídeo encontra-se disponível na internet: [www.youtube.com/EducomSC](http://www.youtube.com/EducomSC).

<sup>64</sup> Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

<sup>65</sup> <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php> consulta em 19/01/2013.

sentido literal) anunciadoras da possibilidade de envelhecimento na qual acreditam: uma fase da vida que, como as demais, também possui aspectos positivos. Tal possibilidade é a mesma que ensinam umas às outras no cotidiano do CRI.

Neste sentido, o CRI reflete o que Debert (1999) afirmou sobre os programas para terceira idade: assim como as associações de aposentados, eles estariam inseridos em uma luta contra os preconceitos e estereótipos, que caracterizam o tratamento da velhice no Brasil.

Nos programas para a terceira idade, a luta contra os preconceitos e estereótipos leva a uma celebração do envelhecimento como um momento em que a realização pessoal, a satisfação e o prazer encontram seu auge e são vividos de maneira mais madura e profícua.  
(DEBERT, 1999, p.143)

Se os preconceitos justificam a discriminação no tratamento da pessoa idosa, torna-se fundamental desconstruí-los, para construir uma sociedade que seja para todos; para que a população idosa estabeleça novos espaços para si, na sociedade que a exclui.

A luta contra preconceitos e em favor da construção de uma nova imagem do envelhecimento é uma característica marcante do contexto atual. Esta luta ampara-se em documentos como o “Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento” da Organização das Nações Unidas (BRASIL, 2003), no Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) e demais documentos derivados; e repercute nos programas para a terceira idade e em iniciativas tais como o movimento “Nova Cara da 3a Idade”<sup>66</sup> e o grupo “Parodiando”, do CRI Vera Lucia Pilla.

Quais são os preconceitos enfrentados?

Em primeiro lugar, os resultados da pesquisa permitem tecer considerações sobre a velhice como sinônimo de isolamento:

É muito arraigada, segundo as participantes do estudo, a ideia de que a pessoa idosa, uma vez privada dos papéis sociais que detinha anteriormente, só lhe resta fechar-se no isolamento. Isto foi retratado por elas no vídeo “Alô, galera, vamos lá!”. O contraponto a esta ideia aparece na fala de Zuleika: “essa saída que a gente dá”, é muito importante. Malú acrescenta que para ela, tomar dois ônibus no trajeto de sua casa até o

---

<sup>66</sup> O movimento pretende mudar o pictograma atual por uma imagem que realmente reflita o idoso de hoje. <http://www.facebook.com/Nova3idade> (consulta em fevereiro/2013)

CRI, não significa dificuldade. Ela diz que gosta de sair de casa, andar de ônibus e estar na rua. E explica na reportagem do programa Ação<sup>67</sup> que não aguenta ficar em casa.

Conforme Camarano (2003), se anteriormente o envelhecimento, acompanhado da aposentadoria e viuvez resultavam em isolamento da esfera social, hoje se encara tais mudanças como o início de um novo ciclo.

Vale frisar que a saída de casa é significativa, sobretudo, no caso das idosas mulheres, às quais historicamente nossa sociedade reservou o espaço doméstico, ao passo que aos homens se destinavam as funções externas, sociais, políticas, consideradas produtivas (WHITAKER, 1993).

No caso de Nilva F, a aposentadoria do marido permitiu maior liberdade dos compromissos domésticos para que pudesse participar das atividades do CRI<sup>68</sup>.

Em outros casos, a possibilidade de iniciar novos hábitos é estabelecida a partir da viuvez. Conforme identificado em conversas com Nilva H, que é educadora no CRI, a viuvez é um fator encarado, atualmente, como o início de um novo tempo para algumas mulheres, em que elas reconstituem suas identidades e reposicionam-se socialmente.

Você sabe que uma cunhada minha falou pra mim? Eu comentei com ela que minha filha tinha virado adventista, e ela falou „Ai, você também deveria de arrumar uma religião“. Eu falei „Por que?“ „Ah, com o tempo que você vai atrás de baile e de terceira idade, você deveria arrumar uma religião“. Ah, minha filha! Falei „Fui fiel com teu irmão até no último dia, agora deixa eu viver“. Mas não é verdade? (Malú)

Malú define sua situação com alegria e orgulho: “Sou livre, leve e solta!”. Ela disse que tem o tempo todo só para ela, está liberada de cozinhar para a família, não precisa cuidar de marido e, portanto, pode decidir sozinha aonde ir e o que fazer.

Os espaços para a terceira idade promovem o convívio, que resulta em trocas de afetos, informações e ideias. É um tratamento oposto ao que associa velhice à solidão. Em tal contexto, a pessoa idosa está entre seus pares. Junto a outras pessoas que enfrentam situações semelhantes à sua, sente-se acolhida, compreendida e respeitada,

<sup>67</sup> Reportagem disponível na internet:

<http://redeglobo.globo.com/globocidadania/videos/t/acao/v/comunicacao-comunitaria-parte-3/2124537/>.

<sup>68</sup> Ela conta que na época que seu marido tinha uma loja na cidade, ela não participava das atividades da terceira idade, porque não podia sair sem dar café da manhã para ele, que ele não sabe ajeitar o café sozinho, pegar a xícara, etc. Agora ele está aposentado e dorme até mais tarde, então ela pode sair para fazer ginástica no CRI e voltar a tempo de servi-lo.

condições que não encontra facilmente nos demais espaços, dominados pelas pessoas mais jovens. Segundo Lopes (1996):

“Grupos com certa homogeneização etária dos participantes resultam em espaço onde o indivíduo se sente respeitado como cidadão, pleno de direitos e livre para expressar problemas, dificuldades e carências.”  
(p.95)

Outra imagem negativa associada ao envelhecimento é a doença. Segundo Minayo (2006), o mito da velhice como doença é o mais comum e arraigado de todos os mitos relacionados ao envelhecimento e decorre de uma redução da velhice à dimensão biológica, associada à deterioração do corpo. Esta forma de ver, além de ignorar que as pessoas jovens também adoecem, ignora que um número significativo de pessoas envelhece com boa saúde. Mesmo as pessoas que apresentam problemas de saúde, não deixam de fazer suas atividades e muitas se consideram saudáveis quando dispõem de condições materiais para sobreviver e contam com apoio e afeto familiar (LOPES, 2006).

As participantes da pesquisa dispõem de condições de saúde suficientes para participarem das atividades do CRI. Registro da fala de Zuleika:

Se não tivesse esses projetos, essas coisas, o que seria da gente? Ficar só dentro de casa? Pensando em doença, pensando em... né? Acho isso aí uma maravilha, viu?

Ao invés de ficarem em casa pensando em doenças, as pessoas que buscam as atividades para a terceira idade estão cuidando de sua saúde, entendida como o bem-estar do ser, que compreende aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais de forma integrada. Segundo as participantes da pesquisa, na medida em que elas estão movimentando o corpo, encontrando pessoas, fazendo novas amizades e divertindo-se, sentem-se mais vivas.

Observando as mulheres nesta prática, percebo que sua vivência do envelhecimento está mais próxima da celebração da vida do que da espera da morte, na palavra não dita por Zuleika, mas compreendida por mim. E neste sentido, alguns problemas de saúde são resolvidos ou amenizados por meio das atividades do CRI, conforme o depoimento de Cida:

Eu comecei a fazer as atividades, me senti bem, que eu tava bem pra baixo. Me senti bem, eu acho que todos

que tá precisando... depressão... eu acho que deve sim fazer pelo menos duas ou três vezes por semana. Tirar uma hora, porque é interessante pra própria vida deles, né? Vida nossa, da terceira idade. Eu acho. Pra mim foi muito importante.

Como afirmou Zuleika, estar nas atividades da terceira idade *ajuda* a pessoa idosa. *Ajudar* é um auxílio ou assistência para quem está de alguma forma necessitado, precisando enfrentar uma situação que sozinho não conseguiria ou saberia resolver. A partir de sua fala, posso entender que ao participar das atividades, a pessoa idosa adquire melhores condições para enfrentar as diversas mudanças que costumam acompanhar o envelhecimento: mudanças físicas, problemas de saúde e privação de papéis sociais anteriormente vividos.

Segundo Lopes, o afeto e o pertencimento são importantes para a manutenção da saúde: “Deixar de abordar a miséria afetiva que acarreta o isolamento do segmento etário é desconhecer fator importante que fragiliza a saúde” (2006, p.93).

Vale observar que segundo o relato de Cida, ela sofria de depressão e após começar a frequentar a terceira idade, passou a sentir-se muito melhor. Sabemos que lá não encontrou medicamentos e tratamentos complicados, encontrou atividades físicas, convívio e a energia das(os) colegas e professores(as).

Observei que no ambiente do CRI, as conversas sobre doenças e dores são frequentes, mas elas ficam restritas a conversas pessoais, ou então são tratadas com bom humor nas aulas de ginástica ou nas paródias do grupo Parodiando, comandado por Nilva H. A letra e a coreografia de “Xô, Dorzinha!” (ANEXO B – letra da paródia) exemplifica esta observação.

Entendo, desta forma, que no ambiente do CRI, o envelhecimento não é sinônimo de doença. Nele as pessoas aprendem a aceitar o envelhecimento como um processo natural, e, sabendo que todos que estão vivos um dia morrerão, celebram a vida com alegria.

Outra imagem da velhice, feminina neste caso, que não corresponde ao que observei junto às participantes da pesquisa, é o estereótipo da “vovó”, uma figura essencialmente assexuada que vive voltada para o lar. Costuma-se chamar uma mulher idosa de “idosa” ou de “velha” simplesmente. A identificação pelo fator idade se sobrepõe à identificação por gênero.

Esta questão foi levantada por Nilva H, comentando a programação de um evento organizado pela Prefeitura Municipal para o mês das mulheres. A organização havia montado uma programação extensa, com reflexões sobre diversos aspectos e segmentos: mulher vítima de violência, mulher negra, mulher metalúrgica, mulher e meio ambiente, entre outros, mas não lembrou a mulher idosa. “Cadê a mulher idosa aqui?” “As pessoas se esquecem que antes de ser um idoso, eu sou uma mulher”, questionou Nilva H.

Ela colocou que a sociedade não vê a mulher idosa como uma mulher. Efetivamente, restringe sua existência à condição de idosa e limita-lhe a possibilidade de expressar sua feminilidade.

A identidade feminina na qual Nilva H se percebe, é socialmente invisibilizada, a partir de uma visão de que a essência da identidade feminina encontra-se na função reprodutiva da mulher. Segundo esta lógica, restrita à dimensão natural de nossa existência, após ter gerado, amamentado e criado os filhos, a mulher se afastaria da essência feminina, pois não reproduz mais, e seu corpo passa a ser um corpo destituído de feminilidade. A questão foi abordada por Motta (1998):

De acordo com o estereótipo dominante na cultura brasileira parece que a mulher, ao entrar na velhice, deixa de ser mulher para ser “velha” (um ser neutro). (...) Essa assexualidade da velhice relaciona-se, não apenas às relações homem/mulher, mas também às mais banais manifestações de feminilidade através, por exemplo, de alguns elementos simbólicos que revelam atributos femininos em nossa cultura: vaidade, preocupação com a beleza, conduta jovial. (...) A norma atribui uma imagem positiva e séria não às velhas namoradeiras e sim às “vovozinhas” do tipo Dona Benta do Sítio do Pica-Pau Amarelo. (p.25)

O estudo mostrou que as participantes da pesquisa procuram contrapor-se a esta norma, por meio de manifestações de feminilidade expressas com os cuidados à aparência, como mostra o diálogo a seguir:

Malu – O convívio da gente é super legal. A gente começa a se vestir melhor, arruma o cabelo diferente... Se maquia, dá um bem estar físico.

Nilva H – Então, é a autoestima, vocês entendem que não é só a saúde. Se você se arruma pra ficar mais bonita, pra chegar aqui, passa um batom, isso não é autoestima? Todo esse encontro ele ajuda o ser humano por inteiro.

Malu gosta de arrumar-se, pentear-se, utilizar acessórios chamativos:

(...) contou que quando era moça, vivia com saia, salto, cabelão comprido, decote, maquiagem. Depois de casada, com novas despesas e pouco dinheiro, passou a preocupar-se mais com os filhos, de modo que não faltasse nada para eles. Então passou a vestir-se diferente: usava chinelo de dedo, bermuda, blusa. Ia trabalhar assim. (...) Depois que o marido morreu é que começou a se *embonecar* de novo, voltou a dedicar-se à sua apresentação. Usa uma cabeleira vermelha bem arrumada, gosta de sentir-se bonita. (diário de campo)

Podemos notar que a prática das mulheres do CRI, especialmente de Malu, desviam do padrão da “vovozinha” descrito por Motta (1998)<sup>69</sup>:

A roupa de “velha” – que eu, como participante da minha própria sociedade, vejo nas ruas, (...) é uma roupa discreta, neutra. Não há exageros estilísticos. Não há “fofos ou babados” e modismos. O corte e a padronagem dos tecidos são discretos e tradicionais. Nada de transparências e decotes. Nada adere ao corpo. É uma roupa – embora feminina – onde a sedução e a “tensão erótica” estão ausentes. É uma roupa neutra. (...) Os sapatos são baixos, sem saltos, os cabelos curtos e sem tintura. A norma censura a maquiagem. (p.55 e p.56)

Nilva F, de estilo mais discreto, anda sempre com o cabelo muito bem penteado e as roupas alinhadas<sup>70</sup>. Ela brincou com o cinegrafista da Rede Globo que a filmava: “Desse lado eu sou bárbara. É o meu melhor ângulo”, mostrando seu perfil direito.

De fato, ao longo de toda a oficina, elas não tiveram problemas em ser filmadas. Gostavam de aparecer, de verem-se nas imagens, e quase sempre se elogiavam: *Ficou linda! Você ficou uma graça.*

Tais expressões de vaidade e orgulho, neste contexto, são positivas, pois as mulheres idosas estão em processo de afirmação do envelhecimento como uma fase boa da vida e o fato de valorizarem-se, inclusive à sua beleza física, é importante.

<sup>69</sup> Segundo Motta, a “faceirice” das mulheres com quem pesquisou também se expressava no gosto pelas festas, viagens e, namoros, na jocosidade com que tratam o corpo, o sexo e as relações com os homens em suas conversas. Para discutir os dados da minha pesquisa, têm interesse especificamente seus achados relativos à estética.

<sup>70</sup> Diante da frequência com que filmávamos os encontros, as mulheres cuidaram ainda mais da aparência, segundo observação de Nilva H.

O aumento de bem estar, mencionado por Malu, está relacionado também à imagem que criam de si, para si mesmas e para a exterioridade, ao *embonecarem-se*. É uma imagem que afirma sua identidade feminina, reafirma a imagem positiva que fazem de si mesmas, e opõe-se ao estereótipo da vovó, bem como às representações negativas que geralmente são atribuídas à velhice.

O vídeo veio influir na prática de construção da própria imagem: em primeiro lugar, observei que elas capricharam ainda mais na própria apresentação com a presença da câmera, seja no registro que fiz para a pesquisa, seja nas gravações de nossos vídeos, seja para as reportagens de TV.

Em segundo lugar, quando passaram a filmar, elas puderam aprofundar-se um pouco mais nesta construção da própria imagem, pois podiam produzi-la a seu gosto (escolhendo roupa, cabelo, acessórios, escolhendo enquadramento, gestos, expressões, entonações, cenários), e depois observá-la na reprodução, quando assistíamos o material filmado. Neste momento elas podiam conhecer sua imagem na perspectiva do outro, pois a lente da câmera não funciona como um espelho onde a pessoa é objeto e reflexo, ela tem a sua perspectiva própria, e com ela a pessoa filmada pode ter uma ideia de como é vista também de lado, de costas e em outros ângulos<sup>71</sup>.

O terceiro aspecto é que o vídeo permitiu que elas mostrassem para outras pessoas as imagens que produziram de si mesmas. Gostando-se, achando-se bonitas, inseridas no contexto das mensagens que escolheram publicar, com as palavras que escolheram dizer, divulgaram tais imagens na internet, na televisão e na mostra de vídeo popular, potencializando, desta forma, a expressão de sua identidade de mulher e idosa.

Assim, a ressignificação da velhice no contexto desta pesquisa passa também pela atitude de expressar a identidade feminina, enfrentando os padrões esperados.

Outra observação relevante, possibilitada por este estudo de caso, é relativa ao interesse das participantes em aprender *coisas novas*, o que inclui a produção audiovisual e o uso de equipamentos eletrônicos e digitais. Este dado contrapõe-se ao mito de que a pessoa deixa de aprender quando chega à velhice.

Quando pedi para que se apresentassem e falassem da oficina para algumas senhoras que vieram conhecer o trabalho, assim colocaram-se:

---

<sup>71</sup> A observação da própria imagem no vídeo possibilita fazer novas auto-avaliações, pois é a observação de uma imagem de si à qual as pessoas ao redor já estão costumadas, mas a própria pessoa não.

Cida: Meu nome é Aparecida e eu tô aqui pra aprender.

Malú - Eu me chamo Maria Lucia, venho da Santa Felícia aqui pra aprender alguma coisa de bom. (riso)

Em outra ocasião, quando discutímos a pauta de uma reportagem sobre nossa oficina:

Malu – É uma coisa assim inteligente. Uma coisa boa. Abre as cabeças da gente, diferente.

Zuleika – Esse projeto, você fala? Eu acho assim: a gente aprende muito com isso.

Nilva H– É um novo aprendizado.

Zuleika concorda com Nilva H e reforça – É um novo aprendizado. Nossa, eu mesmo aprendi muito com isso.

Nilva H – Tá trazendo um aprendizado diferente pra elas. do que era... da rotina do cotidiano...

Marta – E pra você, não?

Nilva H – Pra mim também. Apesar que eu tenho que tratar de usar aquela câmera que eu tenho pra poder aproveitar, mas eu acho que é um aprendizado novo... e diferente daquilo que a gente já vinha na nossa rotina, na nossa vida. É diferente do meu trabalho, a gente conhece muito mais de cada uma, a gente tem que falar, ver cada uma atuar. É muito diferente, você tá entendendo?

Diante da colocação de Malu, eu também diria que a prática do diálogo *abre as cabeças* porque ela pressupõe a elaboração e troca de ideias, exige reflexão e, portanto, pode ampliar os horizontes do pensamento e possibilitar novas formas de compreender o mundo.

Nilva H destaca que a produção coletiva de comunicação, na perspectiva da educomunicação, possibilita às pessoas (re)conhecerem-se, de uma forma mais aprofundada, pois requer o diálogo e a interação na criação coletiva. Neste sentido proporciona aprendizados diferentes daqueles proporcionados pelas aulas de ginástica e dança.

Aprender *coisas novas*, no contexto da ressignificação da velhice, remete também ao aprendizado de conteúdos, pois para que a produção coletiva de comunicação aconteça, é imprescindível que as participantes conversem sobre determinados temas,

aprofundem-se neles, façam uma discussão crítica e construam um conhecimento novo, que será expresso na peça de comunicação produzida coletivamente.

Foi assim que, a partir da dificuldade concreta que as participantes encontravam para transitar pelas calçadas da cidade, elas discutiram a acessibilidade urbana. Compartilhando casos, opiniões, trocando experiências e informações; buscando e comentando leis e entrevistas, elas produziram conhecimento. Elas entrevistaram pedestres, representantes do poder público e de entidades civis, como mostram os trechos transcritos do vídeo:

(Cena 1)

Zuleika - Boa tarde. Estamos na Divisão de Mobilidade e Acessibilidade Urbana. Conversando com Rogério. Rogério, quem é responsável pelas calçadas?

Rogério – As calçadas são uma parte da cidade que é área pública, mas quem é responsável pela manutenção é o proprietário do lote. Em casos onde a área é pública, uma praça, um parque, quem cuida é a prefeitura. No caso de uma casa ou apartamento, o morador ou os moradores são responsáveis pela manutenção.

(Cena 2)

Nilva F – Estamos aqui com o Sr. Nilson Garcez, que é presidente da Ong MID, eu gostaria que você dissesse como você se sente ao passar por essas ruas todas cheias de obstáculos?

Nilson – Pra gente que é cadeirante, é um problema muito sério, porque a grande maioria das calçadas de São Carlos não tem acessibilidade. Então ou a gente tem que andar pela rua, e mesmo assim tendo a companhia de uma outra pessoa pra nos ajudar, né? Ou a gente vai ter que ficar ilhado, parado esperando alguém até chegar pra nos ajudar a tar andando numa calçada, né?<sup>72</sup>

A partir desta experiência de conhecimento construído coletivamente, as mulheres do CRI realizaram o vídeo “Calçadas para todos?” e compuseram as paródias “Dona Jandira”, “Caí” e “Olhando as calçadas.”<sup>73</sup> (APÊNDICE E - Letras das paródias)

---

<sup>72</sup> Entrevista disponível na internet: [www.youtube.com/EducomSC](http://www.youtube.com/EducomSC).

<sup>73</sup> Vídeos disponíveis na internet: [www.youtube.com/EducomSC](http://www.youtube.com/EducomSC). “Dona Jandira” foi criada por Zuleika, sobre a marchinha “Jardineira”, de Benedito Lacerda e Humberto Porto; “Caí” foi criada por Nilva F

A oficina de vídeo proporcionou, em outra etapa, o aprendizado técnico, específico do fazer audiovisual, onde tudo era novidade para elas: fazer o roteiro, organizar a filmagem<sup>74</sup> (cena por cena, não necessariamente na ordem do filme), operar os equipamentos, montar o filme, perceber as mudanças de sentido que resultam das articulações entre imagem e som. Entender na prática como são feitos os filmes e reportagens que elas tanto conhecem como espectadoras, foi um processo vivenciado com notável interesse e alegria pelo grupo que buscava aprender *coisas novas*.

A disposição das mulheres contrasta com o mito de que a pessoa deixa de aprender quando chega à velhice. De acordo com Flecha (1997), teorias de déficits de aprendizagem em pessoas adultas publicadas na década de 1930 promoveram visões distorcidas da realidade, que levaram a equívocos culturais persistentes. O autor afirma que tais teorias eram inconsistentes, pois estavam baseadas em metodologias equivocadas, conforme mostraram pesquisas posteriores:

Estudos longitudinais posteriores superaram este preconceito etarista da ciência. Ao invés de comparar as inteligências de diferentes pessoas ao mesmo tempo, analisaram a evolução cognitiva das mesmas pessoas ao longo de suas vidas. Os resultados mostraram que a inteligência crescia ou podia crescer durante toda idade adulta. (FLECHA, 1997, p.22)

Segundo Lima (2000) estudos neurológicos sustentam que, no caso de pessoas mentalmente sadias, mantendo-se a mente ativa e estimulada por meio de programas educacionais específicos, as pessoas idosas podem até regenerar suas funções cerebrais. Envelhecer, portanto, não é necessariamente, sinônimo de disfunções cognitivas e de memória.

Assim, os aprendizados que as mulheres vivenciaram na oficina, inserem-se nesta redefinição da forma de ver a velhice, pois se contrapõem à ideia de que a pessoa idosa é incapaz de aprender coisas novas.

---

sobre a marchinha “T’af” de Joubert de Carvalho; e “Olhando as calçadas” foi criada por Nilva H sobre a música “Pelados em Santos”, de Dinho do Mamona Assassinas.

<sup>74</sup> Mesmo que estejamos trabalhando com vídeo, não nos restringimos ao termo “gravação” para designar o ato de registrar imagens em movimento. Utilizamos também “filmagem”, termo que antigamente era adotado para designar apenas o registro de imagens em filme ou película cinematográfica, mas que no século XXI, com a convergência de distintos processos de produção audiovisual para o suporte digital, é utilizado de forma mais ampla.

## 7.2 Co-laborando

*Eu achava que não ia pra frente. Só que aí, começando a fazer, né, (...) a gente foi convivendo... apoio das amigas, né? Cada uma com a sua ideia,... nossa! Eu acho assim que deu tão certo, foi tão bom!*

Zuleika

Um aspecto especialmente relevante na intervenção estudada, que ajuda a compreender os processos educativos vivenciados pelo grupo de mulheres idosas na produção coletiva de comunicação, é a co-laboração. *Colaborar* vem do latim *laborare = trabalhar*, significa trabalhar com, trabalhar junto, junto, ajudar. Inserida na perspectiva da educomunicação, a interação do grupo foi um constante *trabalhar junto*.

A primeira expressão de colaboração veio com a provocação feita por mim para que cada uma compartilhasse suas experiências com o audiovisual. Cida contava que ia ao cinema quando moça, citando os cinemas de rua Cine Avenida, Cine São Carlos, Cine São José. Zuleika interveio, ajudando-a: “Você lembra do Cine Jóia?”. O que Cida lembra e compartilha, acaba envolvendo as demais em uma viagem prazerosa pelas memórias, a ponto de Zuleika apresentar-se como sua companheira, pois aqueles lugares que Cida menciona tem significado para ela também.

Malu também participa, divertindo a si e às colegas com seus casos de paqueras e namorados no Cine Jóia. A memória do cinema como espaço de socialização promove aproximação entre as mulheres que estão se conhecendo. Escutas atentas e olhares sorridentes revelam este envolvimento. Essas conversas permitiam que as memórias individuais transbordassem para uma memória coletiva.

Além de compartilhar memórias, as participantes compartilhavam seus conhecimentos, trocavam ideias, problematizavam e debatiam questões do cotidiano e ampliavam e/ou aprofundavam sua compreensão da realidade.

Entendo que a forma como Malu descreve a prática do grupo seja reflexo deste aspecto: “É uma coisa assim inteligente. Uma coisa boa. Abre as cabeças da gente, diferente”. Esta fala, no contexto de trabalho coletivo que pude observar, permite analisar que o pensar de Malu, em diálogo, abre-se para o pensar de suas colegas, e novos pensamentos se formam, novas formas de ver e compreender o mundo são possibilitadas.

Freire (2006) nos ajuda a lembrar de que esta é justamente a essência da comunicação<sup>75</sup>. O autor defende que não há pensamento isolado, na medida em que não há ser humano isolado, abstrato, desligado do mundo, e que o ato de pensar o mundo (o objeto que mediatiza os seres pensantes) dá-se na comunicação<sup>76</sup>. Assim formula o autor:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um „penso”, mas um „pensamos”. É o „pensamos” que estabelece o „penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação (p.66).

Com Freire (2005) vimos também que sujeitos históricos não se fazem no silêncio, mas na palavra. Esta palavra, no entender do autor, não pode estar destituída de seu sentido verdadeiro, que é a práxis. A *palavra verdadeira* é transformar o mundo, segundo o autor, pois é articulação de ação e reflexão, e com ela nos humanizamos: “Se é dizendo a palavra com que, *pronunciando*<sup>77</sup> o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (p. 91).

Analizando a vivência do grupo de mulheres, compreendi que o processo de pronunciar a palavra verdadeira pode ocorrer com naturalidade na dinâmica de um grupo que se propõe a produzir comunicação na perspectiva da educomunicação.

A produção do vídeo sobre a condição das calçadas da cidade partiu do seguinte diálogo, em que juntas refletiram sobre sua experiência de uso das vias públicas:

Malu – Acho que eles deveriam por uma lei pra deixar as calçadas retinhas. Tem um monte de sobe e desce, como que eles querem que o idoso saia de casa?

Gonzalez<sup>78</sup> – Inclusive, eles estão fazendo as rampas pros cadeirantes, mas esqueceram de arrumar as calçadas. O cadeirante sobe a rampa bonitinho e cai no buraco da calçada (risos).

<sup>75</sup> Trata-se aqui do conceito de comunicação direta, ou pessoal. Diferente da comunicação mediada à qual nos referimos ao abordar a prática do grupo, a comunicação audiovisual.

<sup>76</sup> O conceito de comunicação utilizado aqui é o da comunicação pessoal, e não da comunicação de massa.  
<sup>77</sup> Grifo do autor.

<sup>78</sup> Gonzalez e Maria Rosa são mulheres que frequentam o CRI Vera Lucia Pilla, e juntaram-se a nós em uma tarde.

Maria Rosa – Tem uma rua, a do posto de saúde, a calçada é muito estreita, não tem nem meio metro. E a rua é estreita também. Outro dia quase que o carro me pega. Sabe, eu me desequilibrei um pouco né? Eu falei „como é que pode ter uma calçada deste tamanho!“ (...)

Eu – E como que a senhora faz? A senhora passa sempre por ali?

Maria Rosa – Eu passo. Às vezes eu levo meus netos junto.

Zuleika – E tem gente que às vezes fala: „ah, quando cai assim é porque não ergue o pé“. Não é isso que não ergue o pé pra andar. É que sei lá, conforme a calçada tem aqueles pedaços... Áí fala assim „precisa erguer o pé!“ (ela e Rosa riem, Rosa concorda).

(...)

Eu – Se levantar o pé não tropeça, é isso?

Zuleika – Se levantar o pé tropeça do mesmo jeito. Por exemplo, a pessoa de idade.

Cida – Eu falo pro meu marido isso. (...)

Nilva F – Eu falo pro Omar isso. Ele diz „ah, eu não ando essas calçadas tudo trapaiada que eu vou me matar qualquer hora“. Eu falo „você não ergue o pé! Ergue o pé!“

Eu – Todo mundo pode erguer o pé, será?

Zuleika – É isso que é.

Nilva F – Depende, tem gente que tem dificuldade pra andar mesmo, né?

(...)

Quando surgiam as contradições, procurávamos desenvolvê-las no diálogo, para compreender melhor as questões em sua complexidade:

Nilva F – As duas vezes que eu acidentei que eu quebrei, eu não olhei o chão. Se eu tivesse olhado eu tinha visto o buraco. Falta de atenção, precisa ter atenção.

Eu – Quem tem dificuldade de andar, quem não consegue erguer o pé, ou tem uma vista a menos, ou não enxerga bem, essa pessoa o que ela faz? Ela sai pra

rua e cai ou ela não deve sair na rua pra não correr esse risco, como é que a gente trata isso?

Zuleika – Eu acho que ela tem que sair pra rua, ela tem que sair. (Maria Rosa concorda) Com cuidado, ou então com alguém, né?

Eu – Se arriscando?

Malu – Se arriscando sempre, né? Se não, vai ficar trancado?

Zuleika – É, se não, ficar trancado também... Isola?

Eu – Aí é que tá: não pode ficar em casa. Porque se não, a gente vai tar dizendo assim: “vai pra rua quem pode. Quem não pode não tem direito a ir aonde quiser.”

Zuleika – acho errado.

Neste diálogo, Nilva F enxergava a sua responsabilidade nas quedas que levou. Foi ela quem não olhou bem para o chão. Semanas depois, quando gravamos seu depoimento para o vídeo “Calçadas para todos?”, ela demonstrava ter outra compreensão das causas do acidente, já entendia que, além da falta de atenção, o buraco não devia estar ali, e fala da responsabilidade de quem deve manter a calçada em ordem:

Nilva F - Eu estava me dirigindo a um banco que fica na avenida São Carlos, ao lado está um ponto de ônibus. Eu tava subindo a rampa, nisso eu me vi no chão. Caí, não vi o que tinha, umas senhoras me ergueram. Comecei a sentir muita dor no meu pé, e entrei no banco. Perguntei pro guarda “Seu guarda, o que foi que aconteceu, como é que eu fui cair, que eu não vi nada lá?” “Não, senhora. Lá embaixo, na frente da rampa, tem um buraco, e sempre cai gente lá.” (...) Sei que na hora, a gente não faz isso, mas eu devia de ter acionado o banco e falado com eles o que aconteceu comigo. Mas na hora daquele desespero e da dor, eu não fiz isso. (trecho de “Calçadas para todos?”)

Em diálogo, as colegas trabalharam juntas para ampliar suas compreensões acerca da realidade em que estavam inseridas, planejaram e executaram uma ação com vistas à transformação desta realidade.

Em colaboração, as mulheres compartilharam a criação e as decisões de produção. Disto resultou que as participantes, envolvidas no processo, percebiam que o trabalho

realizado, com seus méritos e imperfeições, era fruto de uma construção coletiva, na qual cada uma podia reconhecer-se:

É como eu já falei aqui, (...) cada uma dá uma ideia, todo mundo junto, e então sai aquela coisa maravilhosa. Cada um com a sua ideia. Aí você tem a sua, mas aí outra fala, melhor do que a da gente, e... (Zuleika, fazendo gesto juntando as mãos, como um encaixe).

A fala acima foi registrada após a conclusão do vídeo “Alô galera, vamos lá!”, que partiu de uma ideia de Zuleika, e foi desenvolvida por todo o grupo. Baseando-se na discussão inicial, Zuleika redigiu as falas, que foram ajustadas novamente pelo grupo, até chegarmos a um resultado que satisfazia a todas.

Zuleika nos faz entender que na co-laboração, a matemática é um pouco diferente da aprendida na escola: um mais um não é igual a dois, mas é maior que dois. A criação de uma pessoa é acrescida da ideia de outra, e ambos são potencializados nesta combinação. Ao final as contribuições resultam em algo maior do que a soma simples das partes. E os indivíduos, co-autores, saem fortalecidos deste processo.

Com Lopes Lima (2009), entendemos que a beleza deste processo resulta, não só do fato de que o tema abordado tenha sido decisão do grupo, como também do caráter horizontal da organização do trabalho:

A educação que nesses momentos acontece é sinônimo de possibilidade de cada indivíduo se envolver nessa ação direta de fazer algo, de procurar suas próprias ideias e emoções a respeito dos temas que decidiram abordar. Como não há chefe nesse tipo de tarefa, o produto da comunicação assume sempre a feição daqueles que o idealizaram, confeccionaram e finalizaram. Educação aqui é sinônimo de criação. O produto de comunicação que resulta dessa educação para o presente é, nesse sentido, uma produção artesanal, que permite aos seus realizadores se reconhecerem como autores, de fato, pois dão vida material ao trabalho de seu intelecto e imaginação. (LOPES LIMA, 2009, p.90)

A autora contribui, ainda, para a compreensão deste processo que vira uma *coisa maravilhosa*:

As con-versas, isto é, palavras trocadas entre os participantes dos grupos, geradas a partir da necessidade de definirem uma peça de comunicação, porque não seguem uma lógica formal, geram dis-

cursos, ou seja, correm para diversas partes, tomam várias direções, abrindo-se, enfim, ao universo da criação. E onde há invenção há alegria. Esse prazer legitima (torna legal) o ato coletivo de criação. (p.92)

O valor da co-laboração ficava evidente para as mulheres, elas percebiam que o papel de cada uma era importante para que o trabalho fosse realizado, e expressavam isto em palavras e gestos. Não é por acaso que nas gravações de depoimentos para o programa Curta TV, Malu e Zuleika insistiram que as amigas Cida e Nilva F também precisavam aparecer na reportagem. Em meus registros encontro:

Elas foram se revezando nas funções de filmar, microfonar, fazer as perguntas e responder. Escolhiam as perguntas que queriam responder. Quando Nilva F disse que não queria dar depoimento, que já estava ajudando por trás das câmeras, as outras protestaram e Malu perguntou “como eles vão saber que a senhora participou?” (diário de campo)

Malu e Zuleika entendiam que as colegas deveriam aparecer na reportagem, para evidenciar que trata-se de um trabalho coletivo.

Observei que a convivência na co-laboração e na produção coletiva de comunicação, apresentou-se como dinamizadora no processo de mudança pelo qual Cida está passando. Cida compartilha parte de sua história:

Cida - Quando eu era pequena eu não conversava de jeito nenhum. Chegava algum parente, alguém em casa, eu não conversava. Quando eu saia, que ia sempre na casa da minha madrinha, na fazenda, e aí chegava lá na fazenda e ela falava „Traz ela. Traz ela, que ela tem que falar. Ela tem que começar a falar. (...) Tem uma pessoa quando eu vou falar alguma coisa, tem outra pessoa, fala na minha frente, aí eu deixo de falar.

Eu - E por quê?

Cida - Não sei, desde criança eu sou assim. Uma pessoa fazer alguma coisa, qualquer coisa, ela chega assim e „fala você“. Eu falo „não, fala você primeiro“.

Nilva F - É algum bloqueio que ela tem.

Cida - É, algum bloqueio.

(...)

Malu - Aí eu acho que já é da criação, dos pais.

Cida - Da criação.

Eu - Seu pai não conversava com você?

Cida - Conversava. Ele tinha uma coisa, ele era bravo. Antes de começar a ir na escola, a minha mãe ensinava o abecedário e a tabuada. Na hora de entrar na escola eu já sabia. Meu pai, se tivesse alguma reclamação, ele descia o chicote na gente.

Nair<sup>79</sup> - Você tinha medo.

(...) Os irmãos faziam chacota com ela por isso. Ela tinha três irmãos homens e um pai que aplicava castigos físicos severos nos quatro filhos. Depois de contar isso, Cida passou a usar muito a fala em nossa reunião. Dava opinião em tudo, disputava a fala. Parecia ter retirado algo entalado na garganta. Zuleika discretamente comentou comigo que Cida estava falante. (diário de campo)

Este episódio chamou a atenção, minha e das demais colegas, pois Cida vinha tendo uma atitude mais fechada, de falar pouco. A percepção do grupo registrada nas falas dá conta de que a dificuldade de expressão de Cida possivelmente tem origem no tipo de educação que recebeu. Fechada é sua boca, mesmo quando ela fala, conforme observou Malu. Nilva H defende que a convivência no grupo de vídeo intensificou o processo pelo qual Cida vem passando. Ela conta que, quando chegou ao CRI, Cida não falava com ninguém, ficava no canto, no fundo da sala.

Com o passar dos dias, o grupo testemunhou Cida soltar-se e começar a colocar suas opiniões, defender suas propostas e falar de si. Nos últimos dias da coleta de dados, quando estávamos filmando para o vídeo sobre acessibilidade, ela ocupou o espaço de entrevistadora e, muito à vontade, fez diversas perguntas ao entrevistado da ONG MID<sup>80</sup>. Ela atribui esta mudança ao fato de ir sentindo-se à vontade com o grupo, na medida em que foi ocorrendo a “convivência com as amigas” (diário de campo). Na convivência, as mulheres apoiam-se e fortalecem-se.

Esta percepção está relacionada com o que observou Lopes Lima (2009), nos casos inseridos na metodologia CBJM que estudou: “Porque prevalece, no processo, o

---

<sup>79</sup> Nair é uma senhora que frequenta o CRI Vera Lucia Pilla, e juntou-se a nós em uma tarde.

<sup>80</sup> Gravamos entrevista com Silvado Rodrigues da Silva, representante da ONG MID - Movimento de Informação sobre Deficiências, de São Carlos. Entrevista integral disponível em: <http://www.youtube.com/EducomSC>

respeito pelo que cada um é, torna-se possível a solidariedade, que não é outra coisa senão o fortalecimento de cada um individualmente e do grupo como um todo” (p. 92).

A respeito das mudanças que a prática dialógica pode proporcionar, Flecha (1997) defende que:

O diálogo igualitário derruba barreiras pessoais. Sair de casa e fazer suas próprias amizades, atrever-se a falar em público, sentir segurança em uma conversa familiar ou social sobre temas culturais, ou demonstrar que ainda está em tempo de fazer quase tudo, são algumas das novas aventuras que algumas pessoas começam a fazer aos vinte, cinquenta ou oitenta anos. Para abrir esses caminhos, não somente precisam vencer as interiorizações de discriminações sexistas, racistas e etaristas<sup>81</sup>, como também superar timidez, complexos e inseguranças. (p.27)

Ainda neste sentido, vejamos o registro de uma conversa em que as participantes faziam considerações após a conclusão do primeiro vídeo realizado pelo grupo. Zuleika diz: “Acho que a gente conseguiu, é uma vitória pra gente, né? Todo mundo ficou pensando „consegue, não consegue?” conseguiu, ficou bom, gostamos.”

Sobre este sentimento inicial, Zuleika e Malu manifestaram-se em outros momentos:

Quando eu recebi a ideia (da oficina) eu vim assim, sem saber do que se tratava muito, eu fui e pensei assim „será que isso daí vai dar certo? Será que a gente vai conseguir? Será que vai pra frente?” Eu achava que não ia pra frente. Só que aí, começando a fazer, né, conhecendo as amigas, conhecendo a Marta, a gente foi convivendo... apoio das amigas, né? Cada uma com a sua ideia,... nossa! Eu acho assim que deu tão certo, foi tão bom! E foi pra frente. Já aquela ideia que a gente tinha... totalmente outra. Foi muito bom. (Zuleika)

Durante a oficina, Zuleika descobre que sim, elas são capazes de fazer. Entre as participantes, é evidente o aumento de autoestima proporcionado por este aprendizado, de um fazer mais tecnológico do que aqueles que costumam ser oferecidos para a terceira idade, tais como dança, ginástica, bailes, bordado e pintura.

Zuleika comprehende e expressa com clareza a caminhada do grupo, que passou de uma situação de dúvida e insegurança, para uma dinâmica em que as coisas acontecem e

---

<sup>81</sup> O autor utiliza o termo “edista”, que em espanhol, está relacionado a preconceitos pela idade. Em português brasileiro temos o termo “etarismo”, para designar especificamente este preconceito, embora não seja muito utilizado. Embora o preconceito exista, não pronunciamos seu nome.

funcionam. Juntas, compartilhamos os prazeres da criação e superamos dificuldades. No apoio mútuo, na ajuda com ideias, buscando soluções... *deu tão certo, foi tão bom!*

Aprender coisas novas é uma conquista de todas, que traz satisfação, conforme expressão da Nilva F:

Estamos nos sentindo tão importantes fazendo filmagem! A Cida operando a máquina, a outra segurando o microfone... tá tudo muito legal, viu gente? Me sinto realizada!

Nilva F sente-se importante, orgulhosa por sua atuação, que só pode acontecer por sua própria vontade, bem como pela realização do grupo como um todo, o que por sua vez só pode acontecer na colaboração, na soma dos esforços individuais.

Assim, a pesquisa evidenciou que a co-laboração na produção de comunicação proporcionou processos educativos relacionados ao autoconhecimento, ao aprendizado de conteúdos, à pronúncia da palavra verdadeira, bem como à percepção de que o trabalho coletivo potencializa a força e a criatividade de cada indivíduo que nele se coloca por inteiro.

### 7.3 Comunicando

*Mas você vai falar isso não é pra mim, (...) vai falar pra televisão, falar pro mundo. Como que é isso?*

Nilva H

A pesquisa permitiu conhecer alguns aspectos da forma como as participantes relacionaram-se com a comunicação audiovisual: de onde partiam e como se apropriaram da possibilidade de fazer comunicação?

No início da oficina, quando fizemos um levantamento das experiências das participantes com o audiovisual, as principais fálas eram sobre televisão, que é o meio audiovisual mais presente no cotidiano delas. O grupo tem comportamentos distintos em relação à televisão.

Zuleika prefere ouvir rádio e conversar com as vizinhas depois do jantar, e não vê novela nem noticiário. De vez em quando vê alguns programas informativos e filmes.

Malu ouve muito rádio, mas para ela a televisão tem suas utilidades: Malu acompanha programas de receitas culinárias e de orações, em emissora da igreja católica, e diverte-se com programas de jogos e informações sobre a vida das personalidades famosas.

Na casa de Cida, a televisão fica ligada o tempo todo em que ela estiver em casa. De noite assiste às novelas da Rede Globo, das dezoito às vinte e duas horas, e gosta de assistir aos filmes exibidos à tarde.

Por um lado a televisão distrai, diverte e faz companhia. Por outro, determinados conteúdos e formas da programação exibida não satisfazem plenamente as participantes.

Malu e Zuleika declararam não gostar de ver os noticiários, por apresentarem muitas notícias ruins, tragédias e violências. Assim, o conteúdo informativo da televisão passa a ser desinteressante para elas. Em meio à discussão, pergunto:

(...)

Eu - E o mundo é assim, do jeito que aparece no Datena? Ou tem outras coisas acontecendo?

Malu - Ah, podia ser melhor né? Porque é muita desgraça. Não sei se existe tudo aquilo que ele fala.

Nilva H - Existe, porque ele está filmando ali, aparece ao vivo.

Malu - Mas acho que eles complicam mais do que é, né? (...) Devia passar uma coisa diferente, né?

Malu propõe uma reflexão importante quando diz que a representação está mais complicada do que a realidade parece ser. O que está sendo exibido não a satisfaz, pois ela não se deixa enganar por uma representação distorcida da realidade. *O que é*, a realidade, é o mundo, amplo e diverso, do qual fazem parte as informações internacionais, nacionais, e também as locais. O bairro em que vive, a comunidade da qual faz parte, o contexto sociocultural em que está inserida, são importantes para ela, mas não são abordados no noticiário.

Isto porque os conteúdos dos noticiários exibidos na televisão comercial, muitos deles carregados de sensacionalismo, são gerados a partir das três capitais onde estão concentrados o poder político e econômico do país - Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília - e transmitidos para todo o Brasil, grande e diverso. O noticiário regional, de uma

empresa afiliada à Rede Globo,<sup>82</sup> também é pensado por um editor, que atende a um padrão ditado pela empresa à qual está submetido. Ou seja, mesmo sendo produzido localmente, não é um espaço de comunicação com permeabilidade para a participação da comunidade local.

Vale lembrar que a televisão comercial é feita por pequenos grupos empresariais que decidem o que devemos ou não ver, quais informações devem ou não ser passadas, o que é ou não é importante, segundo seus interesses, conforme nos ajuda a entender Bordenave (1983):

(...) da enorme quantidade de fatos e situações que a realidade contém, os meios selecionam só alguns, os decodificam à sua maneira, os combinam entre si, os estruturam e recodificam formando mensagens e programas, e os difundem, carregados agora da ideologia, dos estilos e das intenções que os meios lhes atribuem. (p.80)

Neste sistema de comunicação, unilateral, as participantes da pesquisa, assim como os demais cidadãos e cidadãs comuns, não são mais do que receptores de conteúdos.

Para Kaplún (1998), assim como existe uma *educação bancária*<sup>83</sup>, em que o professor é aquele que tem saber e deposita conteúdos no aluno que não sabe, existe uma *comunicação bancária*, em que o emissor transmite os conteúdos que sabe, informando (mas não formando) os ouvintes que não sabem.

Em sua fala, Malu demonstra intuir que a programação poderia ser melhor. Não exemplifica, neste momento, quais *coisas diferentes* poderiam ser apresentadas. Mas criando e produzindo vídeos com as suas colegas, ela se dá a oportunidade de criar uma *coisa diferente* que a televisão poderia mostrar (e acabou mostrando): a vivência de mulheres idosas na ressignificação da velhice, elaborando suas imagens, expondo para quem quiser ver, o seu olhar sobre a realidade.

Em uma sociedade democrática de fato, espera-se que o direito à comunicação seja praticado, de modo que grupos de pessoas comuns, dos mais diversos tipos, idades, classes sociais, etnias, elaborem e divulguem suas ideias, ocupando os espaços da mídia,

<sup>82</sup> Em São Carlos, além da EPTV (afiliada à Rede Globo), existe um canal educativo público local, a TVE São Carlos, que retransmite o sinal da TV Brasil e gera programação local. Junto às mulheres com as quais pesquisei, no entanto, a audiência do canal educativo é insignificante.

<sup>83</sup> Referência à formulação de Paulo Freire.

falando de temas que lhes tocam diretamente, e por isso lhes interessam, fazendo reivindicações e proposições. Assim quer o movimento pela democratização dos meios de comunicação no Brasil, que agrupa centenas de entidades civis, e atualmente mobiliza-se em torno da campanha pelo novo marco regulatório das comunicações, conforme o trecho do cordel:

Só que devia ter regra  
não é brincadeira não  
garantir a todo mundo  
liberdade de expressão  
pelo menos é o que fala  
nossa Constituição

Só que lá só tem artigo  
Indicando a intenção  
Ficam faltando as leis  
que garantam ao cidadão  
poder se comunicar  
e falar sua razão<sup>84</sup>

A democratização dos meios de comunicação é imprescindível para que possamos viver em uma sociedade de fato democrática, na qual as diversas vozes, opiniões e culturas que a compõem tenham espaço para se manifestar.

Em outra ocasião, assistimos e discutimos alguns vídeos de coletivos populares exibidos na TV Brasil. Nilva H, remetendo-se especialmente à reportagem “Bloco do direito à comunicação”<sup>85</sup>, fez a seguinte reflexão:

...é sempre aquela pessoa, sempre aquela voz, a mesma voz. Por quê? A voz do outro não é tão interessante quanto a voz dele? Mesmo que você não estiver vendo, só ouvindo a voz do cara você já sabe o que que é. Você já tem aquela imagem lá na sua cabeça. “Ah, tá passando um jornal e o cara lá tá falando”. E dessa forma... esses vídeos, o que diferencia é isso daí. Que o repórter, quem tá contando a história ou quem tá falando da vivência dele lá, são pessoas completamente diferentes e não importa quem seja, é uma pessoa comum, que tá ali, fazendo aquilo lá, que é o que vai acontecer aqui, né? São pessoas comuns, não tem nenhuma pessoa... São pessoas diferentes, mas assim:

<sup>84</sup> Cordel da regulamentação da comunicação (ou: a peleja comunicacional de Marco regulatório e Conceição Pública na terra sem lei dos coronéis eletrônicos) Autor: Ivan Moraes Filho, com mote de João Brant e contribuições de Ricardo Mello. Disponível em: <http://www.paraexpressaraliberdade.org.br>. Consultado em outubro/2012. A campanha está sendo encabeçada pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC). (ANEXO E)

<sup>85</sup> Produzido pela TV Pelourinho, exibido no quadro Outro Olhar, do programa Repórter Brasil.

nós não somos ninguém importante. Nós somos apenas pessoas e não somos aquela pessoa especializada lá, um especialista da TV que tá lá, ele sabe fazer aquilo lá. Mas com certeza, cada um de nós sabemos colocar de alguma maneira aquilo que é nosso.

As mulheres do CRI não precisaram ser “especialistas” em audiovisual, para produzirem vídeos. Com o auxílio de pessoas com conhecimento técnico, conseguiram expressar, de forma muito autêntica, as questões que importavam naquele momento.

No caso de “Calçadas para todos?”, as participantes dedicaram-se a uma pauta que não é abordada com frequência pela mídia, mas que para elas representava um problema, pois limitava a circulação de pessoas idosas pela cidade. Desta forma, elas utilizaram o vídeo para manifestar sua insatisfação com a situação das calçadas e pedir soluções. Nilva H quer que o vídeo seja exibido em diversos espaços e canais, para atingir o maior número possível de pessoas. Registro:

Nilva H defendeu que terminassem o vídeo das calçadas pra inscrever no evento<sup>86</sup>. Defendeu com convicção que esse vídeo é uma contribuição importante que elas estão dando para a cidade. (diário de campo)

Além da exibição na mostra, Nilva H providenciou que fosse exibido em reunião do Conselho Municipal do Idoso de São Carlos.

Ao produzir “Alô galera, vamos lá!” elas também estão tomando a produção audiovisual como meio para melhorar a qualidade de vida para a população idosa, pois procuram sensibilizá-la para algo que proporciona saúde e bem estar.

É interessante observar que, também neste caso, estão levando em consideração a potencialidade da comunicação audiovisual de alcançar um público amplo.

Zuleika – Eu acho assim: pra gente, você se sente mais... com mais vida, mais animada, tudo faz bem pra gente. A conversa com as amigas, as atividades, enfim, a gente se sente outra pessoa.

Nilva H – Mas você vai falar isso não é pra mim, não é pra Marta, vai falar pra televisão, falar pro mundo. Como que é isso?

<sup>86</sup> Trata-se da 3a Mostra de Vídeo Popular de São Carlos, que entre 01 e 05 de outubro de 2012 exibiu sete vídeos selecionados, em nove sessões gratuitas realizadas em espaços públicos tais como o Cine São Roque, e Museu da Pedra, escolas municipais e campus da UFSCar. “Calçadas para todos?” foi o mais votado pelo Júri Popular da mostra, ao lado de “E aí, Jorge?”. Programação disponível em <http://www.mostradevideopopular3.blogspot.com.br/>

Zuleika (agitada) – Eu acho maravilhoso, isso daí...

Nilva H interrompe – E você vai convidar as pessoas. Você acha importante convidar as pessoas e falar isso que você tá sentindo?

Zuleika – Eu gostaria que todas as pessoas viessem fazer isso que a gente faz.

Nilva H (entusiasmada) – Procurassem isso nos lugares que elas moram...

Zuleika- Procurassem na cidade delas... Cada um na sua cidade, procurar, né, o centro comunitário. (...)

Este diálogo aconteceu na fase de definição do tema que seria abordado no primeiro vídeo do grupo. Já na obra concluída, elas criaram uma cena em que uma mulher visita uma amiga que sente dores nas costas. A primeira convida a segunda a ir com ela para a aula de ginástica, ampliando o convite para todas que possam lhe ouvir:

(Cena 1)

Mulher 1 – Sabe Cida, eu acho que todas as mulheres, de todos os lugares, deviam de procurar na sua cidade um lugar que tenha atividade física e ir fazer. É tão bom pra saúde... Tá?

Mulher 2 – Vou pensar nisso. (...)

As percepções que as participantes têm de sua prática, bem como a forma como fazem uso da comunicação audiovisual, a partir do exposto acima, devem ser compreendidas no contexto atual do vídeo popular no Brasil.

Em primeiro lugar, temos a percepção de que a produção audiovisual não é atividade exclusiva de pessoas especializadas, ou *importantes*, levantada por Nilva H. Não poderia haver tal distinção, pois as mulheres do CRI são pessoas que, assim como todo cidadão ou cidadã, têm direito à comunicação. Com relação à questão da especialização, que seria uma formação específica que dá ao produtor audiovisual um conhecimento técnico e estético distinto, vamos lembrar que a oficina tinha exatamente a função de compartilhamento dos conhecimentos técnicos básicos, mínimos e necessários para que o grupo pudesse expressar suas ideias. O aprendizado técnico de que as mulheres necessitariam para isso não seria muito grande, já que contavam com nosso apoio presencial.

As empresas fabricantes de equipamentos de vídeo vêm movimentando-se, desde a década de 1980, no sentido de criar equipamentos mais baratos e com operações simplificadas, para ter maior inserção mercadológica. Hardwares e softwares são mais amigáveis e acessíveis a cada dia, de modo que hoje em dia um número expressivo de pessoas pode gravar imagens em movimento utilizando até mesmo o aparelho de telefone celular.

Além disso, a internet vem possibilitando que cidadãos e cidadãs comuns, na maioria dos países de forma irrestrita, publiquem suas peças de comunicação, sejam elas vídeos, fotos, músicas e textos, disponibilizando-as para acesso de qualquer pessoa, configurando um espaço alternativo de comunicação.

Este é o contexto em que muitos grupos de vídeo popular vêm se formando para produzir comunicação. Segundo Vicente (2010), pode-se dizer que estamos vivendo uma retomada do vídeo popular, prática que se fez muito presente, sobretudo na década de 80, junto aos movimentos populares em diversos países da América Latina.

Embora as produções de grupos independentes hoje não estejam direta e restritamente vinculadas aos movimentos sociais organizados, como na década de 80, elas guardam características comuns: são necessariamente vídeos com intencionalidade política, sem finalidade comercial e realizados coletivamente.

A intencionalidade política pode não estar explícita em todos os vídeos realizados neste contexto, mas o contexto em si é de engajamento. Santos (2010) afirma que o vídeo popular é uma arte política. Sobre a experiência de oficinas de seu coletivo, o Nossa Tela, ele escreve: “Grande parte dos vídeos de nossas oficinas buscam algum engajamento com discussões sociais” (p. 12).

Mais adiante em seu artigo, mostra que o propósito de oferecer oficinas de audiovisual corresponde a uma preocupação política do coletivo:

Já que nos propomos a fazer do receptor do filme um sujeito ativo no processo de produção e não apenas um receptor passivo de nossas produções audiovisuais, é fundamental para completar esta reflexão o caráter pedagógico do Vídeo Popular.

Aproximar o povo da produção de filmes, dar uma câmera na mão e desmistificar este processo de produção levando a uma compreensão de que a mídia é uma versão dos fatos e que podemos e temos o direito de produzir a nossa versão da história. (SANTOS, 2010, p.12)

Neste sentido, escreve Vicente (2010), em outro número da Revista do Vídeo Popular:

O vídeo popular precisa ser entendido com essa função social-popular, a nosso serviço, o povo. Dando visibilidade àquilo que anda esquecido pelos grandes meios de comunicação. A tecnologia precisa cumprir uma função social (p. 06).

Percebo que a pauta colocada pelas mulheres idosas, sobre os obstáculos das calçadas, vem neste mesmo sentido. Os vídeos feitos pelo povo dão visibilidade àquilo que o povo vê e conhece bem, porque está bem debaixo de seus pés, porque lhe toca diretamente, porque lhe rouba a dignidade. E o povo precisa ter meios para expressar estas questões, tanto assim que quando tem a oportunidade, opta por utilizar a comunicação desta forma. O saber yourubano já mostrou:

Enquanto os leões não tiverem seus contadores de história, as histórias de caçada glorificarão os caçadores.  
(provérbio yorubano)

Além do exposto até aqui, as participantes revelaram outra contribuição que a prática do grupo de vídeo poderia trazer no sentido de promover uma vivência positiva para as pessoas idosas, especialmente para as mulheres: mostrar às demais pessoas, que estão ativas e dispõem de capacidade para fazer uma série de coisas, inclusive produzir comunicação audiovisual. Assim se expressa Nilva F, muito contente após seu primeiro dia de gravação, no qual as mulheres operaram os equipamentos de filmagem:

Tá vendo que a gente também sabe fazer as coisas? A gente sabe pilotar muito mais do que fogão. (risadas)  
(Diário de Campo)

Em sua fala, Nilva F formula uma resposta bem humorada para a agressão “vai pilotar fogão!”, que, segundo Zuleika, ainda hoje é dita para as mulheres no trânsito.

A pessoa que pronuncia tal agressão está dizendo para a mulher que dirige, que a via pública não é lugar para ela, que ela não tem o direito de estar ali, pois o lugar dela, supostamente, é dentro de casa, fazendo as funções domésticas. Também diz que a capacidade da mulher é limitada, pois ela não é capaz de aprender a pilotar um automóvel e só pode aprender a pilotar o fogão. Se a motorista é idosa, ela é ainda mais rechaçada

no trânsito, pois em geral a pessoa idosa, ciente da diminuição de seus reflexos e agilidade, dirige mais prudente e lentamente.

A mulher idosa precisa, para estar nos espaços públicos, mobilizar forças internas para enfrentar obstáculos físicos, preconceitos e rejeições. Ela precisa afirmar-se em uma sociedade que não lhe reserva espaço (WHITAKER, 1993).

Mas quando encontram possibilidades de enfrentar os preconceitos sofridos, as participantes da pesquisa alegram-se e sentem-se fortalecidas. Nilva F demonstra perceber, no trabalho do grupo, um mecanismo potencial para fazer este enfrentamento, pois, as vendo atuando, também os mais novos, também os homens, poderiam começar a enxerga-las com outros olhos.

Cida também procura afirmar, especialmente para pessoas externas ao grupo, que mulheres idosas podem apropiar-se das tecnologias audiovisuais. Em depoimento que gravamos para a reportagem do programa Curta TV, exibido na TV Brasil, ela coloca que:

Nunca lidei com esses equipamentos, eu pensei que fosse um bicho de sete cabeças, mas graças à Marta eu consegui. Tou indo bem e cada vez quero aprender mais. (Cida)

Cida demonstrou curiosidade por esta parte da produção desde o começo da oficina. Dispunha-se a operar a câmera e comentou que pretendia comprar seu próprio equipamento para fazer suas filmagens.

A repórter do programa Ação da Rede Globo perguntou, enquanto Cida preparava a câmera para a gravação: “O que a senhora tá achando mais difícil?”. Ela respondeu com naturalidade, sem parar sua operação: “Não estou achando nada difícil”. É notável a segurança de Cida diante de uma situação em que sua capacidade era sutilmente (talvez inconscientemente) menosprezada.

Uma pergunta da pauta enviada pela reportagem do programa Curta TV também remetia a esta questão: “Como as mulheres idosas lidaram com os equipamentos?” Pensei que, caso a oficina fosse com adolescentes, esta pergunta não seria feita. Ao consultar a opinião do grupo sobre a pergunta, Nilva H manifestou-se:

Eu não sei, acho que não porque as pessoas, eles não acreditam que o idoso é capaz. A verdade é essa. Quem tá lá do lado de fora, ou porque é muito jovem e tem uma cabeça não sei, sei lá como, mas eu penso assim –

muita gente acha que o idoso é incapaz. Dentro do meu trabalho eu sinto isso o tempo inteirinho!

[...] Acho que isso tem que falar mesmo, que talvez a gente até tenha um pouco mais de dificuldade no manuseio, que é claro que os adolescentes, os jovens, tem mais facilidade, mas não que isso seja uma barreira pra não fazer aquilo. É tentar e ir lá, mexer e todos somos capazes, não tem idade. Sem medo. (Nilva H)

Ao longo do processo, elas percebem que é interessante comunicar para as outras pessoas, tanto as idosas como as mais jovens, que elas são capazes de aprender, criar e fazer, mostrando, também, que o envelhecimento é um tempo de aprender *coisas novas*.

Foi assim que, no depoimento para o Curta TV, diante da pergunta: “E o que é mais gratificante?” Malu responde prontamente: “É viver e aprender sempre!”. Ela aproveita o espaço da televisão para comunicar sua alegria de viver e aprender, afirmando que aprender é um processo que dura a vida toda, e as pessoas não perdem a capacidade, nem o interesse em aprender com o avanço da idade.

Precisamos levar em consideração que não é comum, hoje, se ver mulheres idosas fazendo vídeos, e esta cena pode causar surpresa e estranhamento. Em virtude de uma ideia já naturalizada, as pessoas podem achar que as mulheres teriam dificuldades para manusear os equipamentos.

As participantes reconhecem que seus filhos e netos aprendem a manipular os equipamentos muito mais rapidamente do que elas. Mas lembram que os netos principalmente, nasceram submersos no mundo digital. Elas consideram que podem, no seu ritmo, aprender também.

Acrescente-se o fato de que, embora existam muitas iniciativas de Educação Audiovisual Popular (EAP), não encontramos nenhuma que fosse voltada para pessoas idosas. O que mostra uma falta de oportunidades, atualmente, para esta parcela da população inserir-se na sociedade contemporânea. Nilva H, que é professora de pessoas idosas, diz na avaliação do trabalho:

Porque não é aquela coisa que todo mundo acha, que idoso não serve pra nada, (...) É uma concepção toda nova, diferente, lidando com tecnologias que ninguém acreditava que o idoso ia chegar a fazer isso. (Nilva H)

É comum que, na imagem que as pessoas guardam da pessoa idosa, não caiba o uso das tecnologias digitais. Principalmente quando a pessoa idosa em questão tem baixa escolaridade e renda. Na publicidade, recentemente, idosos e idosas vem sendo

apresentados fazendo uso de computadores e internet, em uma estratégia de utilizar cenas inusitadas para chamar a atenção do consumidor.

A imagem da velhice distante das tecnologias pode e deve ser desconstruída. Se a sociedade está cada vez mais permeada pelas tecnologias digitais e diversas operações (informação, comunicação, procedimentos burocráticos, profissionais, lazer, entre outros) dependem destas tecnologias, a inclusão digital é necessária para todos cidadãos e cidadãs, de todas as idades. O acesso da população idosa ao mundo digital possibilita a sua integração social e o exercício de cidadania.

A divulgação do trabalho do grupo é compreendida por elas, portanto, como uma forma de desmistificar a suposta dificuldade que as pessoas idosas teriam com os eletrônicos.

Como exposto anteriormente, a experiência de fazer comunicação significou aumento de autoestima para as participantes. Costumávamos ver juntas as imagens brutas para comentar e preparar a edição. Algumas cenas foram vistas e revistas várias vezes. Após uma destas sessões, a repórter do programa “Ação” perguntou para Nilva F:

Mariane - Como é que é se ver na TV?

Nilva F - Maravilhoso.

Mariane - Por quê?

Nilva F - Eu nunca pensei que eu fosse fazer uma coisa dessa. Na minha idade, chegar nesse ponto que eu cheguei, é beleza. Só orgulho.

O grupo participou do programa “Ação” da Rede Globo<sup>87</sup>, que nos procurou para fazer uma reportagem sobre a oficina. Diante do alvoroço do grupo com a notícia sobre a reportagem, perguntei “o que significa pra vocês aparecer na Globo?” Malu foi concisa: “Ser gente, alguém na vida!”

Aparecer no canal com maior audiência do país significava ter reconhecimento, *ser alguém* digna da atenção de milhares de pessoas, ainda que por poucos minutos. Zuleika comentou: “E eu que no começo não acreditei que a coisa iria pra frente, olha aonde chegou!”

---

<sup>87</sup> O programa foi ao ar no dia 08/09/2012 e está disponível na internet:  
<http://redeglobo.globo.com/globocidadania/videos/t/acao/v/comunicacao-comunitaria-parte-3/2124537/>

Chegou aonde ela não imaginava que poderia estar: no lugar visto como o lugar das pessoas importantes, dos famosos. Elas também ocuparam este lugar, o que elevou ainda mais a autoestima.

Desta forma, a comunicação feita pelo grupo de vídeo do CRI inseriu-se em diferentes espaços durante o período da pesquisa: a internet, a mostra de vídeo popular, a reunião do Conselho Municipal do Idoso de São Carlos e a televisão em rede nacional. Em todos estes espaços, o trabalho do grupo não passou despercebido. Foi elogiado e reconhecido.

Atribuo este reconhecimento tanto ao caráter de novidade do projeto, já que não é comum ver grupos de idosas fazendo vídeo, como à forma autêntica e consequente com que as mulheres do CRI dispuseram-se à prática da comunicação. Seus vídeos são feitos com a verdade de quem vive no dia-a-dia as questões abordadas, e de quem se expressa sem pretensões de corresponder a modelos externos. Além disso, suas abordagens são criativas e bem humoradas, o que torna suas obras ainda mais interessantes.

Concluo este capítulo apontando que as mulheres, por um lado, beneficiaram-se individualmente da vivência, na medida em que aprenderam *coisas novas*, divertiram-se, fizeram amizades e fortaleceram-se em seu processo de envelhecimento e ressignificação do mesmo. Por outro lado, procuraram colocar sua prática de comunicação, em todos os espaços que ocuparam, em benefício do grupo social em que estão inseridas<sup>88</sup>, apresentando caminhos para a experiência positiva de envelhecimento na qual acreditam.

---

<sup>88</sup> O grupo social em que estão inseridas é principalmente da população idosa feminina, mas sua preocupação também se estendeu para os homens idosos e pessoas portadoras de deficiência física.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES – O FIM É RECOMEÇO**

*A rosa não é rosa; é projeto de rosa,  
continuamente renovado.*

Carlos Drummond de Andrade

Para encerrar este texto, exponho algumas considerações circunstanciais sobre o que, no breve período desta pesquisa, pude conhecer e dar a conhecer, assim como, sobre o tanto que ainda ficou por ser observado, refletido e pronunciado.

A experiência da pesquisa mostrou-me que olhar para processos de envelhecimento leva à meditação sobre assuntos de grande profundidade, tais como a vida em seus ciclos, a finitude da matéria, o tempo e a existência. Convivendo com as mulheres do CRI e conhecendo faces das diferentes realidades de minhas interlocutoras, fui convidada a olhar para estas questões, em mim mesma e nas relações pessoais ao meu redor, de onde brotou a inspiração para a pesquisa. Que feliz oportunidade de conhecer um pouco mais a condição humana dei a mim mesma!

O diálogo construído entre os saberes dos dois territórios nos quais transitei como pesquisadora, o da academia e o do campo, possibilitou chegar a algumas compreensões a respeito das relações possíveis entre a produção coletiva de comunicação e a ressignificação da velhice, enquanto processos vivenciados por mulheres.

Em consonância com aportes de Freire (2005), Fiori (2005), Lopes Lima (2009), Oliveira e outros (2009), os resultados do estudo permitem afirmar que as participantes, na produção de vídeos na perspectiva da educomunicação, conviveram, colaboraram, aprenderam e ensinaram, e desta foram fortalecidas como autoras de suas histórias.

As mulheres do CRI ensinaram, a mim e às estagiárias do projeto, a partir de seu saber de experiência, que a aceitação do envelhecimento como um dado da natureza é o processo principal e primeiro, para viver o envelhecimento com qualidade e aproveitar bem as novas fases da vida. Conformar-se com a realidade, de que a passagem inexorável do tempo traz mudanças, precede todos os movimentos seguintes, que foram mencionados por elas durante o estudo: sair de casa, buscar o convívio, fazer atividades físicas, aprender coisas novas. Quem não se conforma, fica triste, fecha-se para a vida e deixa de aproveitá-la. Com efeito, o fato de elas estarem frequentando um espaço voltado

para pessoas idosas, evidencia que se identificam enquanto idosas, portanto já aceitaram, ou já começaram a aceitar as mudanças que o envelhecimento traz.

Com aportes de Debert (1999), o estudo mostrou que abrir-se para viver novas experiências, buscar atividades, fazer novas amizades e estar na convivência, também contribui para viver bem o processo de envelhecimento. Para as mulheres com quem a pesquisa foi desenvolvida, esta possibilidade encontra-se nos programas para a terceira idade.

A pesquisa permite afirmar que algumas ideias negativas construídas historicamente em torno da velhice, tais como a falta de capacidade e de interesse em novos aprendizados, especialmente referente às tecnologias eletrônicas, não correspondem efetivamente à realidade vivenciada pelas mulheres idosas do caso estudado. As participantes do grupo mostraram que se sentem motivadas a aprender coisas novas, a operar equipamentos eletrônicos e digitais e a participarem de atividades criativas. Considero que ao tornar público estes resultados, estaremos contribuindo para mostrar que a população idosa representa um público que deve ser lembrado no planejamento das ações culturais, que hoje priorizam a juventude.

O estudo chama a atenção também, para o fato de que a utilização de equipamentos eletrônicos e/ou digitais não deve ser encarada como obstáculo para a promoção, junto à população idosa, de propostas que deles se valham. Em sentido oposto, mostra que, para atingir uma meta que tenha significado para si, a pessoa idosa sente-se mais motivada a apreender a utilizar as tecnologias eletrônicas e/ou digitais.

Este estudo traz contribuições no sentido de mostrar para pessoas que atuam no campo da educação de pessoas idosas, que a educação pelos meios de comunicação é uma, entre as muitas possibilidades ainda pouco exploradas, de promover processos educativos junto a este público.

A partir desta pesquisa, posso dizer que as mulheres idosas, autoconvocadas a estarem na oficina de vídeo, aproveitaram as possibilidades de fazer comunicação para *pronunciar sua palavra*, que é de transformação, buscando as mudanças que consideram importantes para o grupo social em que estão inseridas, o grupo da população idosa. Suas mensagens buscam a mobilização de pessoas idosas para entrarem em ação, para aproveitarem a vida. Anunciam, para todos que quiserem ouvir, que o envelhecimento não significa o fim da vida, e que a população idosa quer ter o seu espaço na sociedade,

quer participar da vida cultural, política e social de suas comunidades, reivindicando, por exemplo, acesso aos espaços públicos – embora a abordagem não seja legalista – elas estão reivindicando não mais do que seus direitos. Desta forma, o estudo mostrou que as mulheres idosas estão dispostas a ocupar espaços na mídia e a produzir comunicação, para contribuir na luta contra discriminações, por meio da construção de novas imagens do envelhecimento.

Os processos educativos identificados apontam a diversidade de conhecimentos que decorrem de uma vivência em educomunicação como esta: aprendizados técnicos e de conteúdos, percepção e afirmação das capacidades individuais de fazer e criar, bem como do potencial do trabalho em grupo, aumento da compreensão sobre sua condição de mulher e idosa no contexto social em que estão inseridas, aumento da autoestima, aumento da compreensão sobre o papel da comunicação na perspectiva cidadã.

Tais resultados remetem à potencialidade da produção coletiva de comunicação, como desencadeadora de processos educativos, na formação de sujeitos históricos em consonância com o que trouxemos do território teórico a partir de Lopes Lima (2009). Neste sentido, esta pesquisa vem reafirmar a potencialidade transformadora da educomunicação como educação pelos meios de comunicação e contribuir para reflexões neste campo de conhecimento, acrescentando uma perspectiva pouco conhecida até o momento: o olhar de mulheres idosas na experiência da produção coletiva de comunicação.

Tudo isto indica que a produção coletiva de comunicação, na perspectiva da educomunicação, é uma forma de educar que deve ser conhecida, praticada, apoiada e divulgada entre os movimentos sociais, grupos independentes, gestores públicos e outras instituições que desejam promover transformações que podem tornar as relações humanas, mais humanas.

Com o presente trabalho, espero suscitar reflexões acerca da necessária participação da pessoa idosa no processo de ressignificação do envelhecimento. A pesquisa mostrou que as mulheres idosas, mediante poucas e certeiras provocações, mobilizaram suas energias para refletir, discutir e expressar sua visão da realidade e elaboraram conteúdos que contribuem para nossa compreensão da condição do envelhecimento no contexto atual. Entendo que a participação da população idosa é

imprescindível para repensar os significados do envelhecimento, bem como os espaços sociais reservados às pessoas idosas hoje.

Vimos também a importância das políticas públicas para possibilitar a participação das pessoas idosas: A manutenção de espaços de convivência como o CRI são fundamentais para que as pessoas idosas se encontrem, aprendam e ensinem umas às outras, discutam suas questões, realizem ações coletivas.

O estudo traz contribuições para que gestores públicos reflitam sobre a importância de garantir às pessoas idosas o direito à educação, investindo em programas educacionais que promovam o diálogo e processos de autoria. Afinal, o tempo todo da vida é tempo de aprender.

No que se refere à metodologia da pesquisa, considero que os procedimentos metodológicos adotados mostraram-se adequados ao seu desenvolvimento. A opção por fazer a pesquisa *com* as mulheres, convidando-as a participar da construção de conhecimento em um processo dialógico, permitiu que as reflexões aqui sistematizadas partissem do pensamento e da visão delas mesmas.

O estudo de caso mostrou-se uma opção bastante adequada para atingir o objetivo da pesquisa, que era compreender e descrever como a prática de produção audiovisual esteve relacionada ao processo de ressignificação da velhice, na vivência das mulheres que participaram da oficina de vídeo no CRI de São Carlos. Trata-se de um caso específico que procurei conhecer de forma aprofundada, a partir do qual pude estabelecer relações com o seu contexto, e refletir sobre as múltiplas dimensões presentes. Portanto, pude extrair de uma experiência específica, conhecimentos relevantes sobre as pessoas envolvidas e o grupo social de que fazem parte, a forma de compreenderem seu contexto, os significados que atribuíam à sua prática, bem como sobre a metodologia Cala-boca já morreu, utilizada na intervenção educativa.

A opção pela observação participante como ferramenta de coleta de dados permitiu conhecer as participantes da pesquisa de uma forma muito próxima e criarmos relações de afeto e colaboração. Os laços criados entre nós, com respeito às diferenças, constituíram um campo de trocas, onde pudemos aprender e ensinar umas às outras. A profundidade com que pude penetrar na realidade do grupo, só foi possível em virtude da confiança construída na convivência do grupo. Pude perceber, confirmado o anunciado

por Oliveira e Stoz (2004), que essa convivência pode trazer maior confiabilidade à pesquisa, pois é nela que as pessoas se colocam abertamente.

Considero que a análise compartilhada foi um passo importante na trajetória da pesquisa. Por um lado, as participantes gostaram de conhecer, ainda que parcialmente, o resultado de um trabalho que é delas também. Gostaram de entender os passos da pesquisa, de enxergarem-se no meu olhar e de ouvir suas palavras inseridas num contexto científico. Por outro, compartilhando com elas as minhas leituras iniciais dos dados, e ouvindo suas impressões, tive segurança para continuar e aprofundar as reflexões. Elas acrescentaram algumas ideias, complementaram lacunas e confirmaram a relevância dos elementos que estavam sendo discutidos.

A experiência desta pesquisa, dentro de suas delimitações, trouxe muitos aprendizados, e olhando para tantas perguntas que ela despertou, percebo que a relação entre envelhecimento e educomunicação é um campo amplo, instigante e ainda pouco estudado, sobre o qual ainda temos muito a pesquisar. A partir das compreensões elaboradas neste estudo, novas indagações se apresentaram, tais como:

Após esta experiência de quatro meses discutindo sobre, criando e produzindo vídeos, a forma como as participantes recebem os conteúdos audiovisuais da televisão e internet continua sendo a mesma ou passou por mudanças? Se houve mudanças, quais foram e como elas percebem estas mudanças?

Quais seriam os aprendizados vivenciados caso o grupo se abrisse para a inserção de homens idosos? Como se configurariam as relações no interior do grupo?

Na medida em que o grupo de mulheres idosas que participaram da oficina construísse autonomia na produção audiovisual, poderia constituir um grupo de comunicação popular sem a presença de formadoras(es) e mediadoras(es). Neste caso, como se configurariam as relações internas no grupo? O que elas aprenderiam e ensinariam nesta prática? Que temas mais abordariam nesta nova fase?

Aponto também a importância de conhecer e compreender outras experiências de grupos de mulheres fazendo comunicação na América Latina, no contexto de suas lutas. Como elas se apropriam da comunicação, como se expressam, como se representam, o que aprendem umas com as outras neste processo? As mulheres idosas militantes sociais, aquelas que participaram dos grandes desafios públicos na superação das ditaduras latino-

americanas, que processos educativos vivenciariam na produção coletiva de comunicação? Como se representam? Que histórias escolheriam contar?

Vontade de recomeçar!

## REFERÊNCIAS

À SOMBRA de um delírio verde. Direção: An Baccaert, Cristiano Navarro, Nicolas Muñoz. Índios On Line, 2011. Disponível em: <<http://vimeo.com/32440717>>. (29 min)

ANDRADE, C. D. *O avesso das coisas*: aforismos. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Editora Record, 1997.

ANDRADE, M. O. M. de. Editorial. *Engrama*. São Paulo. n. 4. Dez. 2000.

ANDRÉ, M. E. D. A. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília : Líber Livro Editora, 2005.

BEAUVOIR, S. de. *A Velhice*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. *O segundo sexo*. V.2 – A experiência vivida. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. Brasília : Editora MS, 2003.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 3 out. 2003.

BRASIL. Lei Nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1. p.77, Brasília, 05 jan. 1994.

BRANDÃO, C. R. Do número ao nome, do caso à pessoa, da solidão, à partilha: alguns dilemas e alternativas da pesquisa na educação. In: \_\_\_\_\_. *A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação*. São Paulo : Cortez, 2003. p. 31-66.

\_\_\_\_\_. Tingido com várias cores, tecido com vários fios: dimensões múltiplas e interativas na prática cotidiana da pesquisa. In: \_\_\_\_\_. *A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação*. São Paulo : Cortez, 2003. p. 67-109.

CAMARANO, A. A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *Estudos Avançados*. São Paulo. n. 49 p. 35-63, set./dez.2003.

CHAUÍ, M. Apresentação: Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo : Companhia das Letras, 1994. p.17-33.

\_\_\_\_\_. A cultura de massa e a indústria cultural. In: \_\_\_\_\_. *Convite à filosofia*. São Paulo : Editora Ática, 2005, p.288-305.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais* 8.ed. São Paulo : Cortez, 2006.

COTA, M. C. De professores e carpinteiros: Encontros e desencontros entre teoria e prática na construção da prática profissional. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v.14, n. 27/28, jan/jun e jul/dez., 2000. p.203-222.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (org). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis : Vozes, 2001. p.51-65.

DEBERT, G. G. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999.

DUSSEL, E. Cultura Imperial, Cultura Ilustrada e Libertação da Cultura Popular. In: *Para uma ética da libertação latino-americana : Erótica e pedagógica*. v.3. São Paulo: Edições Loyola, (s/d) p.253-281.

\_\_\_\_\_. Alguns princípios para uma ética ecológica material de libertação: Relações entre a vida na terra e a humanidade. In: Pixley Jorge (org). *Por um mundo diferente: alternativas para o mercado global*. Petrópolis : Vozes, 2003, p.23-35.

\_\_\_\_\_. Historia Mundial de las eticidades. In: *Ética de la liberación*. 1998, p. 19-49.

FIORI, E. M. Conscientização e Educação. In: \_\_\_\_\_. *Textos Escolhidos*: v.II: Educação e Política. Porto Alegre : L&PM, 1991, p.65-82.

\_\_\_\_\_. Educação libertadora. In: \_\_\_\_\_. *Textos Escolhidos*: v.II: Educação e Política. Porto Alegre : L&PM, 1991, p.83-95.

\_\_\_\_\_. Conscientização e Educação. In: *Educação e Realidade* v.11, n. 1. Porto Alegre : jan./jun.1986, p. 3-10.

\_\_\_\_\_. Aprender a dizer a sua palavra. Prefácio. In: FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2005. p.7-22.

FLECHA, R. *Compartiendo palabras*: El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona : Paidós,1997.

FOUREZ, G. Reflexões epistemológicas. O método científico: a observação. In: \_\_\_\_\_. *A construção das ciências*: Introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. p. 37-61.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. Nona Carta – Contexto concreto-contexto teórico. In: \_\_\_\_\_. *Professora sim, tia não*: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo : Olho D'água, 1997. P. 68-76.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Comunicação ou extensão?* 13 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo : Paz e Terra, 2009.

GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Porto Alegre : LP&M, 2002.

GAMBOA, S. S. Os métodos na pesquisa em educação: uma análise epistemológica. In: \_\_\_\_\_. *Pesquisa em educação: métodos e epistemologias*. Chapecó : Argos, 2007. p. 24-56.

INDIVÍDUO Coletivo: O resultado do processo da Educomunicação. (2011). Direção de Bruna Batista. São Paulo : Faculdade de Comunicação - Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=EMfD8rP4cao>>. Acesso em setembro/2012) (30 min)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em setembro/2012.

INTERVOZES. Concessões de rádio e TV: Onde a democracia ainda não chegou. *Informativo Intervozes*. São Paulo: Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social. nov./2007. Disponível em: <<http://www.intervozes.org.br/publicacoes>>. Acesso em setembro/2012).

KAPLÚN, M. *Una pedagogía de la Comunicación*. Madrid : Ediciones de la Torre, 1998.

JUSTO, J. S.; ROZENDO, A. Velhice e Terceira Idade: tempo, espaço e subjetividade. *Kairós Gerontologia*. v.14, n.2, p.143-159, jun. 2011.

LIMA, M. P. *Gerontologia educacional*: uma pedagogia específica para o idoso: Uma nova concepção de velhice. São Paulo : LTr, 2001.

LOPES, R. G. C. Diversidades na velhice: reflexões. In: Vários Colaboradores. *Velhices, reflexões contemporâneas*. São Paulo : SESC PUC, 2006.

LOPES LIMA, G. *Educação pelos meios de comunicação ou produção coletiva comunicação, na perspectiva da educomunicação*. São Paulo : Instituto GENS de Educação e Cultura, 2009.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação*: abordagens qualitativas. São Paulo : EPU, 1986.

MARQUES, A. M. Questões de gênero e geração na produção discursiva sobre envelhecimento nas três últimas décadas do século XX. *História Oral*. Porto Alegre. v. 12, n. 1-2, p. 207-224, jan./dez.2010

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. *Comunicação & Educação*. São Paulo, n.18, p. 51-61, mai./ago. 2000.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo : Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. Visão antropológica do envelhecimento humano. In: *Velhices, reflexões contemporâneas*. São Paulo : SESC PUC, 2006.

MOTTA, F. de M. *Velha é a vovozinha*: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul : EDUNISC. 1998.

OLIVEIRA, I. D. de. Das culturas tradicionais africanas. In.: SOUZA Jr., W. C. *Nossas raízes africanas*. São Paulo : Centro Atabaque de Cultura Negra e Teologia, 2004. p. 117-123.

OLIVEIRA, M. W.; GONÇALVES E SILVA, P. B.; GONÇALVES-JUNIOR, L.; MONTRONE, A. V. G; JOLY, I. Z. *Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais*. Caxambu, GT6, ANPED, 2009

OLIVEIRA, M. W. Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora. *Caderno CEDES*. v. 29, n. 79. Campinas : set./dez., 2009.

OLIVEIRA, M. W; STOTZ, E. N. *Perspectivas de diálogo no encontro entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico*. Caxambu, GT6, ANPED, 2004.

OMER, B. B., MARGALLI, A. M.; MUÑOZ, B.P. Convivencia. *Dicciconario del pensamiento alternativo II*. Disponível em <<http://www.cecies.org/articulo.asp?id=247>>. Acesso em setembro/2012.

OMS. *Guia global: Cidade amiga do idoso*. Organização Mundial da Saúde, 2008.

ONU. *Plano de ação internacional para o envelhecimento*. Brasília : Ministério da Justiça, 2003.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In.: Barros, M. M. L de. (org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2003.

RIBEIRO-JUNIOR, D. *Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de Dança de Rua como processo de educação humanizadora*. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, UFSCar, 2009.

TOLEDO, M. *Educação Audiovisual Popular no Brasil – Panorama 1990-2009*. 2010. 361f. 2v. Tese (Doutorado em Práticas de Cultura Audiovisual). Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTORO, Luiz Fernando. *A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil*. São Paulo : Summus, 1989.

SILVA, P. B. G. e. A palavra é... africanidades. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v. 15, n. 86, mar/abr, 2009.

SOARES, I. O. *Alfabetização e Educomunicação - O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida*. (s/d) Artigo publicado no site <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/> (consulta em março/2011).

\_\_\_\_\_. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, A. O. e COSTA, M. C. C. C. (orgs). *Educomunicação : Construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo : Paulinas, 2011.

SOUZA SANTOS, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*. n.79. CEBRAP, nov., 2007. p.71-94

STAMATTO. Maria Inês Sucupira Um olhar na história: a mulher na escola Brasil:1549-1910. ). In: SBHE – Sociedade Brasileira de Educação. *II Congresso brasileiro de História e educação. Relações de gênero e educação brasileira*. p. 01-11. Natal: 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/>>. Acesso em: fevereiro/2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Biblioteca Comunitária. *Guia para Apresentação de trabalhos acadêmicos*: de acordo com NBR 14724/2011. São Carlos: 2011. Disponível em: <<http://www.bco.ufscar.br/servicos/arquivos/guia-para-apresentacao-do-trabalho-2011>> Acesso em: setembro/2012.

VALLA, V. V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. *Educação e Realidade*. v.21, n.2, jul./dez., 1996. p.177-190.

VICENTE, W. O Vídeo Popular. *Vídeo Popular*. n.5, dez, 2010. p.5-6.

WHITAKER, D. C. A. *Mulher & Homem: O mito da desigualdade*. São Paulo : Moderna, 1993.

\_\_\_\_\_. *Envelhecimento e Poder*. Campinas : Alínea Editora 2007.

## APÊNDICES

APÊNDICE A  
ORDENAÇÃO DOS DADOS DO CENSO 2010

**POPULAÇÃO RESIDENTE URBANA ALFABETIZADA, SEGUNDO IDADE E SEXO**

Faixa etária	Brasil			São Paulo			São Carlos		
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total
<b>60 a 64 anos</b>	82,67%	85,64%	84,02%	89,57%	93,16%	91,20%	91,97%	94,65%	93,20%
<b>65 a 69 anos</b>	77,76%	81,54%	79,44%	85,91%	91,09%	88,21%	88,47%	93,23%	90,64%
<b>70 a 74 anos</b>	74,77%	78,85%	76,52%	82,75%	88,98%	85,42%	85,63%	91,04%	87,96%
<b>subtotal</b>	<b>78,40%</b>	<b>82,01%</b>	<b>79,99%</b>	<b>86,08%</b>	<b>91,08%</b>	<b>88,28%</b>	<b>88,69%</b>	<b>92,97%</b>	<b>90,60%</b>
<b>75 a 79 anos</b>	71,65%	75,82%	73,36%	79,30%	86,59%	82,25%	80,26%	87,94%	83,38%
<b>80 a 89 anos</b>	68,67%	71,54%	69,75%	75,62%	83,33%	78,42%	75,04%	84,73%	78,64%
<b>90 a 99 anos</b>	59,36%	62,12%	60,26%	69,36%	78,84%	72,20%	68,40%	72,41%	69,42%
<b>100 anos ou mais</b>	38,52%	47,50%	41,05%	56,62%	72,05%	60,95%	33,33%	0,00%	23,81%

Variável = Taxa de população residente alfabetizada (Pessoas)

Situação do domicílio = Urbana

IBGE CENSO 2010    <http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010universo.asp?o=7&i=P>

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você, \_\_\_\_\_, está sendo convidada a participar da pesquisa desenvolvida pela mestrandra Marta Kawamura Gonçalves, sob orientação da Profa. Dra. Aida Victoria Garcia Montrone, da linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. A pesquisa tem o título “Mulheres com mais de 60 anos aprendem e ensinam produzindo vídeos: contribuições da educomunicação para o desenvolvimento de pessoas idosas”. A qualquer momento antes da conclusão desta, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a estudante ou com a instituição. Os objetivos deste estudo são descrever e interpretar os significados que as participantes do grupo de vídeo atribuem à prática de educomunicação. Sua participação neste estudo consistirá em vivenciar as atividades do grupo de vídeo - reuniões para conversa sobre comunicação e sociedade a partir da realidade das participantes do grupo, formação técnica, criação e produção de vídeos - e conceder entrevista gravada, eventualmente. As atividades serão registradas em vídeo e em diários de campo. Os registros terão uso exclusivamente acadêmico na pesquisa citada. Os riscos a que você estará exposta ao participar desta pesquisa são de ordem social, emocional e psíquica, e referem-se ao processo de criação em grupo e divisão de responsabilidades, ou decorrentes do exercício de nossa atividade intelectual. Cabe informar que poderá haver benefícios com a sua participação no sentido de desenvolver suas capacidades de comunicação, ampliar seu conhecimento sobre questões trabalhadas no grupo bem como sobre comunicação, fortalecer a sua autonomia e das demais participantes, e contribuir com a produção de conhecimento em educação, o que pode indiretamente beneficiar outras pessoas que venham a conhecer a pesquisa. O resultado da pesquisa será compartilhado com você. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone da estudante, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

---

Marta Kawamura Gonçalves

(RG: 25.872.533-3 / CPF: 181.205.438-66 / Tel.: 16 9253 5314 / aluna regular do PPGE/UFSCar)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa. Concordo em participar da pesquisa e concordo com a divulgação de minha imagem e voz, para fins científicos relacionados a este projeto.

São Carlos, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ .

---

Sujeito da Pesquisa:

(RG: \_\_\_\_\_ / CPF: \_\_\_\_\_ / Tel.: \_\_\_\_\_ )

APÊNDICE C  
TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO

03/07 – 15º encontro – Gravação para TV Brasil – Curta TV Sala de catequese da igreja.  
Presentes: Michelle, Nilva Ferrari, Malu, Zuleika e Cida

Ausência de Nilva H. que estava ocupada com organização da festa junina.

A gravação aconteceu de ambiente de descontração. Preparamos o set, ajustamos a câmera e fizemos as perguntas que havíamos combinado. Elas mencionaram meu nome e minha paciência várias vezes nos depoimentos. Preferia que os depoimentos não personalizassem tanto assim o processo, mas creio que as chances de não fazerem assim seriam pequenas. É a expressão delas. Melhor ter espontaneidade nos depoimentos, do que ter um texto estudado.

Notei um grande empenho do grupo em filmar, aprender a montar o tripé e etc.

Cida respondeu, quando perguntamos sobre o uso dos equipamentos: “Nunca lidei com esses equipamentos, eu pensei que fosse um bicho de 7 cabeças, mas graças à Marta eu consegui. Tou indo bem e cada vez quero aprender mais”. Neste dia no set ela demonstrou ter entendido bem a organização do set, a posição ideal para o microfone e dos demais elementos. Ficou bem à vontade ao operar os equipamentos.

Elas foram se revezando nas funções de filmar, microfonar, fazer as perguntas e responder. Escolhiam as perguntas que queriam responder. Quando Nilva F disse não queria responder, pois já estava participando com perguntas, as outras protestaram. Malú perguntou “como eles vão saber que a senhora participou?” Malú, Zuleika e Michelle afinal convenceram Nilva e Cida a participar.

Essa gravação ajuda muito na minha coleta de dados, é um momento de entrevista, mas é uma entrevista indireta, não sou eu que pergunto. Elas disseram coisas precisosas para a pesquisa. Acho que a discussão da pauta na semana passada ajudou a clarear as ideias, e o grupo ficou mais confortável para dizer o que pensava.

Zuleika disse uma coisa importante: “quando eu recebi a idéia (da oficina) eu vim assim, sem saber do que se tratava muito, eu fui pensei assim „será que isso daí vai certo? será que a gente vai conseguir? será que vai pra frente?“ Eu achava que não ia pra frente. Só que aí, começando a fazer, né o, conhecendo as amigas, conhecendo a Marta, a gente foi convivendo, apoio das amigas, né? cada uma com a sua ideia, nossa! eu acho assim que deu tão certo, foi tão bom! e foi pra frente. Já... aquela ideia que a gente tinha... totalmente outra. foi muito bom”.

Malú: “o que eu acho da oficina? Ah, acho que é um aprendizado novo pra mim, uma coisa boa, todas as mulheres da 3a idade devia de participar pra ver como que é a coisa diferente. Uma coisa nova.”

O que acha daquele vídeo que realizaram?

Malú: “o filme que nós fizemos? ah, foi legal. gostei muito de participar, a paciência da Marta de ensinar e a gente tá aqui pra aprender. E eu gostei muito de ter feito.

O que é mais gratificante?

Malú: “de viver e aprender sempre”.

Como receberam a ideia de fazer uma oficina de vídeo? O que estão achando hoje?  
Malú: “Bom, em primeiro lugar, quando eu comecei eu achava que não iria pra frente. que era uma coisa assim... que era só um trabalho da Marta. mas agora eu tô mais assim acreditando e um aprendizado muito bom”.

Elas brincaram bastante, fizeram piadinhas com o formato fálico do microfone. Em algum momento Nilva F disse “estamos nos sentindo tão importantes fazendo filmagem! A Cida operando a máquina, a outra segurando o microfone... tá tudo muito legal, viu gente? me sinto realizada! ” Quando terminamos ela disse: “tá vendo que a gente também sabe fazer as coisas? A gente sabe pilotar muito mais do que fogão”.

De tarde teve a festa junina do Vera Lucia no salão maior da igreja. Eu pouco interagi com as mulheres do grupo de vídeo, aproveitei para perceber melhor o contexto do Vera em interação com outros grupos de 3a idade da cidade, como o Santa Felicia e o asilo. A festa estava cheia, tinha muita gente mesmo. É impressionante a alegria daquelas pessoas idosas. E a forma como levam a sério a festa junina: a quadrilha estava bem ensaiada, com um número muito grande de pessoas e todos na festa foram caracterizados, com vestidos, maquiagem, chapéu, inclusive os senhores. Algumas pessoas investiam bastante na produção, como a Malú, que foi comprar papel crepom para fazer flores coloridas com que decorou seu chapéu.

10/07 – 16º encontro - Reunião no salão da igreja.

Presentes: Malu, Zuleika, Nilva e Cida.

Nilva F havia avisado que não iria, pois está com parentes em casa.

Cheguei um pouco mais cedo, uns 15 minutos. Malu tinha acabado de chegar e estava acertando umas contas com a Nilva H.

Fui ver problemas técnicos com o João. Ocorre que o DVD que filmamos na filmadora do CRI, não rodou no computador e nem na filmadora e nem no aparelho de DVD. É possível que tenhamos perdido esse material. Fiquei arrasada. Neste material está (ou estava) contido a filmagem do depoimento da Nilva F, as cenas das calçadas no Jd Medeiros e depoimento do Nilson da Ong MID.

Zuleika chegou na hora. Demoramos a começar pois eu estava vendo problema como João e a Chiquetano e Nilva F não apareciam. Vi que Malu estava impaciente.

Começamos, com dificuldade de ter a presença da Nilva H. Ela tem sempre afazeres do CRI e fica difícil exigir sua presença. Por outro lado, queremos que ela esteja presente, pois sua participação sempre acrescenta muito. Neste dia, depois que Nilva H atendeu 2 demandas do CRI, pedi que ela ficasse presente, pois tinha pontos importantes para tratar. As estagiárias não estavam. O grupo com pouca gente desanima quem está presente, senti isso no começo.

Chiquetano chegou atrasada. Estavamos presentes somente eu, Malu e Zuleika - que fazer? Eu havia levado uma pauta extensa e com alguns pontos urgentes: assistir o material filmado e replanejar o vídeo sobre as calçadas, propor a co-gestão da oficina, consultar sobre a Mostra de Vídeo Popular, mostrar o material filmado para o Curta TV, informar sobre o calendário das estagiárias, consultar sobre a reportagem pra Rede Globo.

Elas adiantaram um ponto da pauta, perguntando sobre o material que filmamos para o Curta TV. Falei que tinha ficado legal e que eu já tinha mandado pro RJ. Pediram para assistir. Fiquei satisfeita com o interesse delas. Assistimos no *netbook*. Elas assistiam com feição de alegria, de dar gosto. Elogiando: “fulana ficou linda”. Para abrir os arquivos, fui ensinando Malu a mexer nos controles do *netbook*, e ela mesma passou a selecionar os arquivos e por pra rodar.

Enquanto assistiam, chegou Cida, pediu pra ver. Rodamos de novo. Vera se aproximou, queria ver também. Rodou de novo. Nilva H chegou, rodou de novo. Elas foram vendo e curtindo. Perguntei pra elas o que acharam do material. Malú respondeu que estava bom, “por elas não saberem muita coisa”. Aprofundei, pra entender melhor. Ela falou que mesmo elas não tendo estudo como eu, fizeram uma coisa bem feita. Aproveitei o gancho para discutir a questão da hierarquização dos diferentes saberes, que é uma construção. O saber dela não é melhor ou pior q o meu, só é diferente. Mostrei que ela sabe muita coisa. Malú estudou até o primário. Zuleika, até o 5º “admissão”. Faltou dinheiro para continuar estudando. Depois fez vários cursos no SESI.

Estou notando que Malú levanta debates importantes dentro do grupo, permite a gente discutir coisas fundamentais.

Passamos para os outros itens, comecei pela co-gestão. Propus que elas assumissem responsabilidade pela oficina que é nossa, é interesse de todas. Expus que todas podem propor atividades, e todas podem se responsabilizar pela administração do tempo e dos prazos. Concordaram, sem muito entusiasmo.

Mostra do vídeo popular - concordaram em participar com o vídeo “Alô, galera!” e Nilva H defendeu que terminassem o vídeo das calçadas pra inscrever no evento. Defendeu com convicção que esse vídeo é super importante, é uma contribuição importante que elas estão dando para a cidade. As colegas concordaram que tem que terminar.

Quando falei que não estava conseguindo acessar o material que filmamos no Jd. Medeiros, por um problema no DVD em que foi filmado, coloquei como uma notícia muito ruim. Realmente estava muito chateada. Uma delas respondeu rapidamente “a gente não pode filmar de novo?” e foi apoiada pelas colegas.

Quando falei que a Rede Globo entrou em contato pra fazer a matéria, elas ficaram um tempo sem reação, tentando decifrar se estavam realmente entendendo certo. Quando entenderam que a TV iria enviar uma equipe para SCarlos, para filmar nossa oficina, elas se animaram muito. Zuleika comentou “e eu que no começo não acreditei que a coisa iria

pra frente, olha onde chegou!” Nilva H já conhecia o programa Ação. Abri o site da Globo no *netbook* e Cida começou a abrir as páginas, ler, abriu uns vídeos. Nilva H logo começou a defender que precisavam criar uma paródia pra falar das calçadas. E mostrar isso na reportagem da Globo. Eu falei que precisaríamos acertar direitinho as agendas, pra não acontecer de marcar com a reportagem em um dia que elas não possam ir. Eu indiquei a semana de 23 e 24, seriam 2 dias. Elas falaram que nessa semana estariam disponíveis qualquer dia e horário. Muito mais disponíveis do que o normal. Quando falei q não sabíamos da Nilva F, pois ela tinha avisado que estaria com parentes em casa, as colegas falaram, “não, mas chamando antes ela vem!” subtexto que entendi: “se falar que vem a Rede Globo ela vem!” Malu falou que a gente precisava se preparar, dar uma organizada pra não fazer feio.

Nilva H não pode ficar até o final, precisou atender um problema do CRI. Eu queria me certificar da disponibilidade dela no dia da reportagem. No dia seguinte telefonei pra falar disso e ela me falou que estava chamando as colegas para uma reunião na quinta-feira para trabalharem em cima das paródias. Me surpreendi com a iniciativa, com o grau de concretização, deste repentina envolvimento, que obviamente está atribuído à vinda da televisão. Ela falou que, se eu pudesse, era pra eu ir. Achei que seria interessante eu ir para coletar dados, mas também achei legal elas fazerem coisas sem minha presença, para fortalecer a autonomia do grupo. Afinal havia decidido ir, mas a Nilva H me confirmou em cima da hora, quando eu estava indo ao dentista tirar pontos da cirurgia. Saí do dentista com dores e desisti. No meio da tarde liguei pra Nilva H e ela me contou que não só ela mesma tinha criado paródias, mas Zuleika e outra Nilva também. Elas cantaram trechos pra mim ao telefone. A reunião parecia muito animada e divertida. Desliguei e fiquei me perguntando: o que é significa aparecer na televisão pra elas? O que é essa Rede Globo que acendeu tanto os humores delas? Se tudo der certo, essa gravação vai acontecer ainda no período de coleta de dados e pode trazer interessantes elementos para analisar.

## APÊNDICE D

### ROTEIRO DO VÍDEO “ALÔ, GALERA! VAMOS LÁ!”

## ROTEIRO

### CENA 1 - (DIA-EXTERNA) PORTÃO DA CASA DA CIDA.

Zuleika vai visitar a prima para saber como ela está. (Zuleika veste roupa de ginástica e tênis). A portão chama, batendo palma e gritando:

(ZULEIKA) - Cida!

Cida sai andando torta, com as mãos nas costas.

(ZULEIKA) - Oi Cida, como você está?

(CIDA) - Eu, nada bem. Uma dor nas costas, eu não consigo endireitar. Eu tava sentada assistindo TV.

(MALU, passando a caminho da ginástica, cumprimenta as 2 senhoras). - Oi, oi, tudo bem? (Para Zuleika): - Ei amiga! Vamos que tá na hora da ginástica. (Pra CIDA): Vamos com a gente? Faz um bem!

(ZULEIKA) - Vamos sim, já vou indo. (para Cida) Você não quer ir com nós, fazer ginástica?

(CIDA) - Eu não. Eu já faço a minha ginástica com o serviço da casa. Eu acho que isso é coisa de quem não tem o que fazer. É perder tempo.

(MALU, dizendo para Cida) - Vamos, tem muitas amigas que estavam como vc. Fizeram atividades e melhoraram as dores.

(ZULEIKA) - Eu acho que todas as mulheres, de todos os lugares, deviam procurar na sua cidade, um lugar que tenha atividades e tentar fazer. É bom para saúde.

(CIDA) - Vocês não tem nada que fazer, ficam inventando desculpa pra sair de casa.

(MALU) - Que nada, é bom sair, encontrar com gente diferente, bater-papo.

Malu e Zuleika se despedem. - Bom, vamos indo.

(ZULEIKA) - Tchau, tomara que você fica boa.

Zuleika e Malu saem.

(CIDA, sozinha, pensando) - Acho que elas têm razão. Elas estão bem, animadas. Eu acho que eu vou tentar fazer essa atividade.

### CENA 2 (DIA - INTERNA)

Um mês depois, na sala de ginástica, várias senhoras fazem aula. Entre elas estão a Cida, a Zuleika e a Malu.

### CENA 3 - (DIA- INTERNA)

Ao final da aula, as amigas perguntam para a Cida: - E a sua dor nas costas?

(CIDA) - Sumiu, não tenho mais nada. Graças a vocês, que eu procurei fazer ginástica, eu não tenho mais dores. Muito obrigada por vocês me chamarem.

(CIDA, para a câmera) - Gostei muito dos alongamentos, das danças, conheci umas amigas...Eu tirei uma hora só pra mim e estou muito feliz.

Créditos finais / Música

**APÊNDICE E**  
**LETRAS DAS PARÓDIAS**

Caí

Caí! Eu fiz tudo pra evitar um tropeção  
Por onde ando sempre presto atenção  
Pois há buracos, há buracos,  
Por toda a região

Já sou idoso tento não cair  
Se me quebrar, não me conserto mais!  
E todo gasto que o SUS vai ter  
pra me consertar, vai ser de doer...

Se as calçadas estivessem em ordem  
Tudo seria muito melhor.

Criada por Nilva Ferrari Bellasalma sobre a marchinha “T’áí” de Joubert de Carvalho

Olhando as calçadas

Olha, que calçada bonita  
Porém tem um degrau  
Que é bem perigoso  
Vou prestar muita atenção...

Posso até tropeçar  
Me esborrachar no chão,  
Nas calçadas ruins  
Quem vai cuidar de mim?

Extensão de portões tomam meia calçada  
Me atrapalham também  
Onde apoio minha bengala?  
Gente, quanto perigo

A gente cai cai cai  
Meu amigo / por onde vamos andar?  
Nas calçadas quebradas / com tantos buracos / vamos tropeçar  
As calçadas são nossas / cuidar é nossa obrigação

Ela vai ficar linda / não vai ser perigosa  
Very, very beautiful  
Não vai haver / tropeção!

Posso caminhar  
Eu vou passear  
Eu vou festejar  
Posso rebolar  
Posso até brincar  
Nós vamos inaugurar!  
Ela linda eu vou festejar!

Não vou ficar mais doidão!!

Criada por Nilva Helena Rodrigues sobre a música “Pelados em Santos”, de Dinho do Mamonas Assassinas.

Dona Jandira

Dona Jandira, por que está tão triste?  
Mas o que foi que te aconteceu?

É que eu caí e me machuquei  
Já faz um tempinho, ainda não sarei  
(2x)

Dona Jandira, mas como foi?

É que as calçadas estão cheias de buracos  
Tem degraus, eu tropecei  
E com isso eu me danei  
(2x)

Criada por Zuleika Bartolomeu, sobre a marchinha “Jardineira”, de Benedito Lacerda e Humberto Porto. São Carlos, 2012.

## **ANEXOS**

**ANEXO A**

**APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS  
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676  
CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil  
Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162369 - SCUF - BR  
[cephumanos@power.ufscar.br](mailto:cephumanos@power.ufscar.br) <http://www.propq.ufscar.br>

### Parecer Nº. 062/2012

**Título do projeto:** Mulheres com mais de 60 anos aprendem e ensinam produzindo vídeos: contribuições da educomunicação para o desenvolvimento de pessoas idosas

**Área de conhecimento:** 7.00 - Ciências Humanas / 7.08 - Educação

**Pesquisador Responsável:** MARTA KAWAMURA GONCALVES

**Orientador:** AIDA VICTORIA GARCIA MONTRONE

**CAAE:** 0276.0.135.000-11

**Processo número:** 23112.003783/2011-30

**Grupo:** III

#### Análise da Folha de Rosto

A Folha de Rosto foi devidamente preenchida e está correta.

#### Descrição sucinta dos objetivos e justificativas

O presente trabalho tem por objetivo descrever e interpretar os significados que as participantes de um grupo de vídeo de mulheres idosas atribuem à prática de educomunicação. Pretende-se contribuir para os estudos voltados aos usos dos meios de comunicação na educação com propósito humanizador, discutindo como os mesmos podem ser utilizados junto a pessoas idosas, assim como apontar potencialidades e obstáculos desta prática. A expectativa com esta produção de conhecimento acrescentar novos elementos de reflexão ao campo de ação e conhecimento da educomunicação, bem como dos processos educativos e metodologias de trabalho educativo com pessoas idosas. A pesquisa justifica-se pela configuração atual de nossa sociedade, com relevante destaque para a presença dos meios de comunicação interferindo na formação de valores de pessoas de todas as idades incluindo pessoas idosas, bem como para o envelhecimento populacional no Brasil e no mundo que requer, mais do nunca, pesquisas relacionadas à educação para a população idosa.

#### Metodologia aplicada

Identificar as mulheres com mais de 60 anos que frequentam um dos Centros de Referência e Assistência Social (CRAS) do município; convidá-las a participar do projeto e com elas definir horários das reuniões; formar o grupo de vídeo com 4 a 8 mulheres; explicitar para o grupo o objetivo de pesquisa, estabelecendo acordos e levantando as expectativas das mulheres com relação à produção de vídeos. Serão feitas rodas de conversa para decidir coletivamente como se dará o processo de produção dos vídeos, as temáticas e estéticas da produção e formas de divulgação dos mesmos. Todas as conversas serão gravadas em vídeo para posterior análise dos dados coletados. Também será utilizado o registro em diário de campo de todas as atividades desenvolvidas. Finalmente será feita uma análise compartilhada entre a pesquisadora e as mulheres participantes do estudo, dos dados obtidos e das análises realizadas, para elaboração do relatório final do resultado da pesquisa. O aprofundamento teórico com leituras e discussões no programa de mestrado ocorrerá simultâneo a todo o processo. Tratando-se de uma pesquisa-ação, os momentos de coleta, análise, avaliação e re-planejamento são concomitantes, segundo a dinâmica da ação com o grupo. Assim, a análise e interpretação dos dados será realizada ao longo do processo.

#### Identificação de riscos e benefícios

As participantes precisarão dedicar um tempo de sua vida, onde precisarão se afastar de suas obrigações para participar da pesquisa. Neste sentido, há o risco de se cansarem dos encontros do grupo e abandonarem a pesquisa, ou mesmo de precisarem se afastar para atender suas necessidades pessoais e familiares. Um risco refere-se à possibilidade de danos físicos decorrente da execução de atividades em campo. Esta possibilidade é muito baixa e se iguala a atividades cotidianas que as participantes já desempenham, como caminhar na rua, conversar com pessoas em espaços públicos, acrescentando-se somente o trato com equipamentos eletrônicos, cuja utilização em si não oferece riscos de choque ou corte, mas, a depender da situação, em que a concentração com as filmagens altera a percepção espacial (uso de fone de ouvido e olhar concentrado de quem filma), pode oferecer algum risco de queda ou choque. Estão previstos procedimentos para combatê-la, quais sejam: a instrução anterior às filmagens e a designação de uma pessoa da equipe para proteger quem estiver filmando ou monitorando audio, no caso de filmagens em situações mais arriscadas. Por outro lado, o projeto apresenta potencialmente

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil

Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162369 - SCUF - BR

[cephumanos@power.ufscar.br](mailto:cephumanos@power.ufscar.br)

<http://www.propq.ufscar.br>

benefícios de ordem psíquica, emocional e social, tanto para as participantes diretamente envolvidas, como para a comunidade que as cerca. Quanto à previsão de benefícios coletivos, é válido lembrar que trata-se de uma pesquisa-ação, portanto é esperado que o projeto busque contribuir para a solução para uma questão determinada, que será colocada pelo grupo participante. Por meio do projeto, pesquisadora responsável e sujeitos de pesquisa buscarão juntos caminhos para solucionar a questão, e promoverão uma ação coletiva neste sentido.

### Forma de recrutamento

O grupo de sujeitos participantes da pesquisa será formado por mulheres de faixa etária acima de 60 anos, frequentadora de algum CRAS do município de São Carlos, a definir. Daremos prioridade para o CRAS Pacaembú, situado em uma região na qual pesquisadora e orientadora já possuem um histórico de trabalho com a comunidade. As pessoas que utilizam os CRAS em geral pertencem às classes C, D ou E. Não há delimitação para cor, tamanho ou estado de saúde. O que importa para nossa pesquisa é a delimitação de gênero e faixa etária, devido à situação de desvantagem social à qual estão expostas as mulheres e pessoas idosas, bem como as pessoas destas classes sociais, que buscam os serviços públicos, uma vez que o objetivo de nosso projeto é justamente pesquisar processos educativos e práticas sociais voltados ao fortalecimento destes grupos sociais.

### Cronograma

O Cronograma está correto e é suficiente.

### Orçamento financeiro detalhado

Foi solicitada uma bolsa junto à FAPESP que espera aprovação. Caso contrário a pesquisadora refere que vai arcar com os gastos da pesquisa.

### Adequação do TCLE

O TCLE está claro e objetivo.

### Identificação dos currículos dos participantes da pesquisa

As participantes estão aptas a realizar este trabalho.

### Comentários

Trata-se de uma pesquisa com relevância científica e social e respeita as normas da Resolução CNS 196/96 e suas complementares.

### Conclusão

Como trata-se de uma pesquisa relevante e está de acordo com as normas estabelecidas pela Resolução. Projeto **aprovado**.

### Normas a serem seguidas

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – apondo sua assinatura na última página do referido Termo.
- O pesquisador responsável deverá da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – apondo sua assinatura na última página do referido Termo.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito



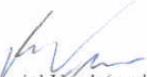
## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS  
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676  
CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil  
Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162369 - SCUF - BR  
[cephumanos@power.ufscar.br](mailto:cephumanos@power.ufscar.br) <http://www.propq.ufscar.br>

participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, juntamente com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente dentro de 1 (um) ano a partir desta data e ao término do estudo.

São Carlos, 24 de fevereiro de 2012.

  
Prof. Dr. Daniel Vendruscolo  
Coordenador do CEP/UFSCar

ANEXO B  
LETRA DA PARÓDIA “XÔ, DORZINHA”

## XÔ, DORZINHA

Se você já tem 60 anos  
Não tenha medo, faça como nós  
Vá afastando com atividades  
Todas as dores que tentam chegar  
Ai, ai, ai, ai, vai ser tão sensacional!

Êta dorzinha não me amole

Eu te conheço tanto  
Mas na cama eu não vou ficar.

Eu vou correndo pra perto do espelho  
E vou vestir uma roupa legal  
Passar batom, arrumar os cabelos  
Com muita gente eu vou me encontrar.  
Ai, ai, ai, ai, vai ser tão sensacional!

### REFRÃO

Quero encontrar amigos  
Que cantem junto comigo  
Vou andando vou cantando  
E tudo vai melhorar!

Criada por Nilva Helena Rodolfo Rodrigues, sobre a música “Biquíni de bolinha amarelinha”, de Paul Vance.

**ANEXO C**

**PAUTA ENVIADA PELA PRODUÇÃO DO PROGRAMA CURTA TV**

## **PAUTA**

COMO SURGIU A IDEIA DE REALIZAR ESTA OFICINA?

POR QUE VOCES ESCOLHERAM O Centro de Referência do Idoso Vera Lucia Pilla?

POR QUE A OFICINA É DEDICADA APENAS ÀS MULHERES?

COMO FOI A RECEPTIVIDADE POR PARTE DOS IDOSOS DO CENTRO?

COMO ELES LIDARAM COM OS EQUIPAMENTOS DE FILMAGEM?

O QUE ELES ACHARAM DO RESULTADO DAS OFICINAS E DOS FILMES REALIZADOS?

O RESULTADO ATENDEU ÀS EXPECTATIVAS DE VOCES?

QUAL É O SEU BALANÇO DEPOIS DE DOIS ANOS DE PROJETO?

O QUE FOI MAIS GRATIFICANTE?

HA SESSÕES DE FILMES PRA ELES?

O PROJETO CONTA COM ALGUM APOIO?

ANEXO D  
CARTA MANIFESTO N. 01  
COLETIVO DE VÍDEO POPULAR

**Carta elaborada na IV Semana do Vídeo Popular, 18 e 19 de dezembro de 2010. Sacolão das Artes, zona sul de São Paulo.**

1. Os coletivos e indivíduos que integram o Coletivo de Vídeo Popular de São Paulo são avessos ao modo de vida vigente, regido pelo capital e mediado pela exploração do homem pelo homem em busca do lucro, do poder, da hierarquia, do pragmatismo e utilitarismo de todos os sentidos e ações da vida. Portanto nossa posição é anticapitalista.
2. Contrários a visão espetacular da arte, que estabelece uma divisão entre sociedade e artista, nos afirmamos trabalhadores da cultura. O artista nada mais é do que um trabalhador que emprega sua força de trabalho em processos artísticos. Somos necessários a outros trabalhadores da sociedade, assim como estes são necessários a nós.
3. O Coletivo de Vídeo Popular de São Paulo entende como prioritário para a plena realização de suas ações estar junto a outros trabalhadores da cultura e integrantes de movimentos sociais que buscam a transformação da realidade, se opondo a visão fragmentária e gestionária dos campos da cultura, da arte e da política.
4. Agimos e entendemos o audiovisual pela totalidade de seu processo de forma integrada e dialética: formação, produção, distribuição e exibição. A formação é a base de nossas ações, estando inserida em todas etapas. A cada processo nos formamos e assim contribuímos com a formação dos outros. Nosso objetivo é a formação como relação; buscamos o conflito.
5. Na perspectiva da formação interna e busca da transformação social, estabelecemos relações de trabalho não hierárquicas e não alienantes, dentro de processos colaborativos de criação que não reproduzam a divisão social do trabalho. Acreditamos que a representação crítica passa antes pela superação da divisão entre trabalho espiritual e trabalho material entre sua equipe de trabalho.
6. Não é nosso objetivo estabelecer dogmas estéticos e temáticos. Reconhecemos que o fazer artístico e cultural é um ato político. Somos contrários a política do entretenimento e da indústria cultural, que solidifica estereótipos, preconceitos e a visão mercadológica da vida. Somos contrários a “arte pela arte” que isenta seus realizadores da responsabilidade com o contexto social. Tendo isso claro, desejamos toda liberdade ao fazer artístico e cultural!
7. Não queremos contribuir com o modo de vida vigente, queremos sua superação pela destruição. Entendemos esta luta como processual, coletiva e histórica.

<http://videopopular.wordpress.com/carta-manifesto-no-01-2/>

ANEXO E  
CORDEL DA REGULAMENTAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

## CORDEL DA REGULAMENTAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

(OU: A PELEJA COMUNICACIONAL DE MARCO REGULATÓRIO E CONCEIÇÃO PÚBLICA NA TERRA SEM LEI DOS CORONÉIS ELETRÔNICOS)

Não sei se tu já pensasse  
ligando a televisão  
Num dia desse qualquer  
xingando a programação  
Sentada no seu sofá  
Numa preguiça do cão

Por que tudo é tão igual?  
Como as pessoas não são  
Sempre o mesmo sotaque  
é quem dá informação  
E se alguém fala „oxente“  
pode ver que é gozação

Pega o controle remoto  
vai de botão em botão  
procurando um bom  
debate  
ou uma contradição  
pense num troço difícil  
nessa radiodifusão

Agora liga teu rádio  
e presta bem atenção  
vai girando o pitoquinho  
ouvindo cada canção  
duvido que tu encontre  
som da tua região

Se fosse ver de verdade  
como as coisas certas são  
era mudar de canal  
e saber outra versão  
seja do crime ou do jogo  
e até da votação

A emissora é quem ganha  
direito de transmissão  
tá ali porque o estado  
lhe cedeu uma concessão  
que lhe dá algum direito  
mas também obrigação

Só que devia ter regra  
não é brincadeira não  
garantir a todo mundo  
liberdade de expressão  
pelo menos é o que fala  
nossa Constituição

Só que lá só tem artigo  
Indicando a intenção  
Ficam faltando as leis  
que garantam ao cidadão  
poder se comunicar  
e falar sua razão

Essas leis tudo juntinha  
podem vir num pacotão  
O Marco Regulatório  
para a comunicação  
tá atrasado faz tempo  
Mas não dá pra abrir mão

Ah, quando Marco chegar  
vai trazer transformação  
pra rádio comunitária  
vai mudar legislação  
que é pro povo perseguido  
se livrar da opressão

Sistema público forte  
vai ganhar mais dimensão  
com seu lugarzinho  
guardado  
vai ter mais programação  
Se duvida de audiência  
Me responda: por que não?

Promover diversidade  
fim da discriminação  
de cor, de raça, etnia  
de credo ou de geração  
de lugar ou de riqueza  
gênero ou religião

E esse tanto de gente  
Que só usando o bocão  
Foi tomar conta de rádio  
também de televisão  
Usando o meio prum fím  
ter força na eleição

Isso vai sair tudinho  
Marchando em pelotão  
E Marco também proíbe  
de se fazer transação  
pois o canal é do povo  
o seu dono é a nação

Na hora de renovar  
essa dita concessão  
Não vai ser caldo de cana  
Tem que fazer discussão  
Porque não tem no canal  
lei de usucapião

Serviço de internet  
banda larga sempre à mão  
Podendo também entrar  
em forma de concessão  
um jeito de garantir  
universalização

E com a propriedade  
dos meios de difusão  
Nem vertical nem cruzada  
pra acabar concentração  
vamos democratizar  
pra toda população

E pense que a propaganda  
que vive dando lição  
também tá necessitando  
de uma legislação  
sabendo que as crianças  
precisam de proteção

Reclame de vinho ou  
pinga  
do litoral ao sertão  
brinquedo ou sanduíche  
bonequinha ou caminhão  
não pode ser para o filho  
de Maria ou de João

E a grana que o governo  
gasta com a produção  
de tanto comercial  
e mais veiculação  
será que não precisava  
de mais fiscalização?

Por isso tem os conselhos  
que vão ter essa função  
Tomar conta do estado  
em toda a federação  
lutando por um direito  
que é à comunicação

Ah, mas pra Marco chegar  
precisa fazer pressão  
Congresso compreender  
que eles tem uma missão  
ou representam o povo  
ou repassam o bastão

Mas se a gente não se  
mexe  
Espera tudo na mão  
Aí fica mais difícil  
de Marco botar queixaõ  
Não muda nada, nadinha  
fica como tá então

Democracia se faz  
é com participação  
Cada pessoa ligada  
sem aceitar a invenção  
que seu direito de escolha  
é ver Gugu ou Faustão

Então essa é a peleja  
pela comunicação  
Mostrando a cara da gente  
cidadã e cidadão  
que junta o Marco da lei  
trazendo transformação

Que venha com alegria  
que faça a democracia  
em rádio e televisão  
dê lugar à diferença  
garanta à gente presença  
na hora da decisão

*\*Com mote de João Brant  
e contribuições de Ricardo  
Mello*